MOTIM LITERARIO

EM

FÓRMA DE SOLILOQUIOS

POR

José Agostinho de Macedo.

3.ª EDIÇÃO EMENDADA, E ACCRESCENTADA COM A BIOGRAPHIA DO AUTHOR, HUM CATALOGO DAS SUAS OBRAS, E O JUIZO CRITICO D'ELLAS,

POR

Antonio Maria do Couto,

PROFESSOR DE GREGO, &C.

TOMO IV.

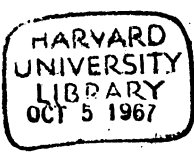
LISBOA,

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA ROCHA,
AOS MARTYRES, N.º 13.

1841.

*Vende-se em casa de Borel, Borel, & C.ª
aos Martyres n.º 14.*

MOTIM LITERARIO

EM

FÓRMA DE SOLILOQUIOS.

SOLILOQUIO LXVII.

Quando o mundo inteiro estava quieto, e os homens se entertinhão em coisas uteis, e necessarias para a vida, e os literatos quebravão apenas a cabeça com questões grammaticaes, e os poetas se exercitavão em se descompôr huns aos outros, ou em louvarem as suas respectivas divindades com huma coisa muito enfadonha,

chamada soneto, hum diabolico tropel de methafysico-politicos se lembrou de perturbar a doce paz de que gosava o genero humano, levantando questões que viêrão volcanizar todas as cabeças. Este rico presente de perturbação deve-se em grande parte a Jaques, e a seus confrades encyclopedistas; e começárão como primeiro toque a rebate geral, por agitar a célebre questão, se era melhor deixar o povo em sua natural ignorancia, ou instrui-lo, e illumina-lo! Os do partido da ignorancia, não só dissérão que era preciso guardar-se bem de o ensinar, mas até gritárão, que convinha illudi-lo, e tapar-lhe de tal maneira os olhos, que ficasse reduzido quanto fosse possivel á condição dos brutos (tambem entre os Portuguezes houve mancebos deste voto, porque o contagio encyclopedista tambem para cá penetrou). Os do partido das luzes, exagerando o sentido contrario dissérão, e affirmárão, que era preciso illustrar o povo, e cultiva-lo, principalmente em materias politicas, e despoja-lo de seus amados,

e vulgares costumes, e habitos com que tranquillamente vivia, e engordava, e fazer do mesmo povo huma universidade de filosofos, sem erros, e sem preoccupações. Jaques, o methafysico Jaques não era por certo do partido dos primeiros ainda que em o discurso sobre a desigualdade dirigido aos Republicanos de Genebra queira provar com a costumada enfiada de paralogismos, que serião muito dignos de louvor os homens, se procurassem fazer-se bestas, isto he, bestas livres para irem viver, e passear livremente pelos campos com os outros animaes, e não para viver na sociedade.

Os que querião, que se deixasse viver o povo como sempre viveo, dizem que he impossivel instrui-lo bem, e que nada ha peior, que instrui-lo mal. Pelo contrario dizem os outros vigarios geraes, e reformadores do genero humano, que certos principios, e rudimentos são ao alcance de todo o mundo, e que he coisa boa abrir os olhos aos que os tem fechados para lhe fazer conhecer a

verdade. Mas, dizia hum filosofo da antiga tarifa, que se tivesse todas as verdades ainda as mais importantes fechadas nas mãos, se guardaria bem de as abrir. Eu faria o mesmo sem ser demasiadamente filosofo. Estou persuadido que os maiores legisladores, começando desde Romulo até Mafoma, Montesquieu, e companhia se acharião em grande embaraço, se se vissem necessitados a instruir, systemar, e organizar povos filosofos sem erros, e sem preoccupações. Se isto conseguissem, talvez não conseguirião tão facilmente faze-los ir á guerra, e á morte, e inflammar seu coração no amor da patria, que he tão efficaz, ou ao menos no amor da gloria, que he hum supplemento ao amor da patria; tambem não percebo como os sugeitarião de bom grado com todo o coração, e toda a alma ao imperio daquella religião que lhes pregárão, sem a qual ainda entre nações barbaras, e idolatras, as mais bellas instituições, são máquinas frageis, que de nada aproveitão.

Parece-me, que se póde fazer hu-

ma distinção na questão proposta, que eu não quero agora nem discutir, nem decidir. Póde-se distinguir aquelle genero de cultura, que se encaminha á educação moral do povo, instruindo-o em seus essenciaes deveres, ou obrigações, affeiçoando-o á sua familia, e á sua patria. Esta especie de cultura, deve sem dúvida propagar-se, e refinar-se, e eu a julgo essencial, e indispensavel em toda a sua extenção. Ha outra especie de cultura relativa ás sciencias, e letras, e aos objectos que dellas dependem, e que se encaminha a curar o povo desuas preoccupações, e erros ordinarios, que são de sua natureza não prejudiciaes, e nocivos, e a desgosta-lo daquelles seus antigos habitos grosseiros, a puli-lo, civiliza-lo, e vesti-lo á moda, e com bom gosto. Esta especie de cultura, longe de a julgar essencial para a prosperidade do povo, e ventura das nações a julgo opposta, e contraria a esta mesma ventura, pois faz perder o equilibrio civil, e a tranquillidade pública. Persuado-me, que re-

duzindo-se a questão a estes limites, ou termos discretos sem dar em excessos, e extremos, haveria boas razões que allegar de huma, e de outra parte.

Entre todos os póvos da terra, eu observo hum que sempre me merecêo huma particular attenção. Este povo se persuadio, que huma loba déra de mamar a seu primeiro rei, e que suas mais antigas leis forão dictadas a outro de seus monarcas por hum espirito em fórma de nynfa. Desde este tempo o mesmo povo pagou grossos salarios, ou ordenados a hum grande número de sacerdotes, cujo emprego era o mesmo dos nossos magarafes do campo do curral, matar bois, carneiros, bodes, e porcos, examinar-lhes o deventre, especialmente os figados, para conhecer escripta, e escarrada nas mesmas ventrexas a vontade dos Deoses, e o bom ou máo agouro para emprehender qualquer grande façanha, de que pendesse a liberdade da patria, e engrandecimento da nação. Este mesmo povo, por mão de seus augures,

e flamines, quando emprehendia huma guerra tão justa como as que faz agora Buonaparte, deixava avoar hum bando de patos, e gallinhas, (perus ainda não, porque ainda os padres da companhia nos não tinhão trazido este delicado presente das suas Indias de Hespanha,) e se este bando voava para a esquerda, ou para a direita, era hum signal infallivel que a expedição iria bem, ou mal. Se o seu paiz era atacado da peste, ou de outro algum flagello Francez peior que a pestilencia mais teimosa, persuadia-se este povo, que o remedio tópico para se livrar deste cruel açoite, era furar com hum prego de bronze as fontes da cabeça a alguma personagem de grande representação. (Este remedio applicado bem a Buonaparte, por certo livraria o genero humano de todos os males que actualmente padece.)

Ora se alguem me escutasse este longo aranzel diria, e clamaria que me calasse, que não era preciso saber mais para se conhecer, que este povo era hum povo de caturras,

e de loucos, e se não erão loucos por certo era de escravos, e que era preciso até por caridade mandar hum officio ao instituto nacional da França, e pedir-lhe, que dentre os seus novelleiros, versejadores, e publicistas, escolhesse missionarios zelosos, propagadores das luzes para instruir este povo, e para o regenerar, abrindo canaes, resuscitando Camões, e dar-lhe huma constituição fixa, que lhe promettesse hum futuro brilhante, e interessante no systema continental com outras frases mais, com que se tem illustrado o mundo, e obrigado as nações a occuparem o lugar que lhes he devido. Basta, lhe tornaria eu, este povo de que fallo, he o mais sábio, o mais virtuoso, o mais livre, e o mais respeitavel que tem existido no mundo; he hum povo, que produzio os Camillos, os Fabios, Scipiões, e Marcellos, os Catões, e os Brutos; hum povo finalmente que conta em o número dos cidadãos Marco Tullio, Lucio Anco Seneca, e Cornelio Tacito; meu senhor da missão do instituto, inclí-

ne-me bem essa cabeça, que eu fallo do povo Romano. Leia suas historias, deite os olhos para as decadas de Tito Livio, e para os commentarios de Cesar, e verá que este povo, era tão livre, tão cheio de virtude, e de patriotismos, quanto era preoccupado, e suprestício; mas seus erros, e suas religiosas ceremonias, como atiladamente observa Montesquieu em nada alteravão a pureza da sua moral, e a severidade de seus principios, e se combinava muito bem, que hum povo ignorante era o melhor povo do mundo. Tanto he verdade (tomára que soasse por toda a terra este epifonema!) que a boa moral faz tudo, que as ôcas declamações dos illuminados nada fazem, se eu faço alguma reflexão sobre as grandes emprezas deste povo, sobre seus gloriosos feitos de armas, que tanto o distinguem sobre os outros povos, fico intimamente persuadido, que este seu lustro inaccessivel, he devido sem dúvida á sua virtude, e tambem he devido em muito grande parte ás suas preoc-

cupações, e a seus erros. O derramamento de luzes assim chamadas entre o povo Francez, verdadeira praga de nossos dias, lhes fèz tomar o freio nos dentes, e sacudir todo o jugo das leis, e renunciar a todos os principios da moral. As luzes funestas que recebeo, forão humas tochas funebres que lhe marcárão o caminho para a sepultura; cada cabelleireiro Francez se reputou hum filosofo; todos os barbeiros, e amuladores de París se reputão outros tantos Platões republicanizadores, e hum povo em que todos são filosofos, todos são doidos. Estas filosofias, estes systematicos tratadistas de direito natural, desconcertárão a harmonia social, a decadencia, a ruina da nação inteira, foi em proporção da sua illustração. Em Portugal depois que os pitimetres se avezárão aos oraculos Francezes, tudo foi de cabeça abaixo, quando nossos pais se arripiavão com medo de bruxas, quando a filosofia reduzida a tenebrosa dialetica morava apenas pelos cantos das gritadoras aulas, havia moral, honra,

patriotismo, respeito ás leis, heroismo, victorias, conquistas, e muito dinheiro na algibeira, e nossas singelas, e virtuosas avós, com seu manto de gorgorão, e saia de picote, apresentavão-se nas Igrejas carregadas de ouro, diamantes, e safiras orientaes, com cada olho nas filhas, que as não deixavão por pé em ramo verde, rezando por tamanhas contas de ouro, que encherião de devoção as mãos de hum Francez, para ir ganhar com ellas as indulgencias de Napoleão. E os nossos mancebos sem Mablys, Condillacs, e Maurys hião para os baluartes de Díu, pôr sal na moleira ao fanfarrão de Cojesofar, e a seu successor Rumeção, não conhecendo, dizião elles, Framengos á meia noite, nem consentindo aqui hum Francez, ainda que amolasse facas, e thesouras. Affonso de Albuquerque espantava, e aterrava o Oriente desde o Nilo, até ao Japão, e rezava na ermida da Senhora do Outeiro de Malaca. Ora vão lá explicar ao povo o contrato social de Jaques, ve-lo-hão lisongeando Junot, sem quebrar de

huma vez a cabeça a quantos franchinotes, e salteadores o acompanhão. A conservação, e a gloria de hum povo deve-se ás suas virtudes, e não ás suas luzes.

SOLILOQUIO LXVIII.

Há falsas opiniões, e erros successivos, que se transmittem de geração em geração, e á força de se repetirem, e acreditarem vão adquirir o caracter de verdades demonstradas. Ora eu mais cheio de proverbios que Sancho, sempre gostei muito daquelle que me diz, que nem tudo o que luz he ouro, e todas as vezes que vejo luzir, applico bem a attenção para vêr se com effeito he ouro. Porque muitos seculos, e muitos homens dizem hum coisa que he de pura authoridade humana, nem por isso eu devo acreditar esta coisa sem hum maduro, e bem circums-

tanciado exame. Toda a minha vida me embalárão com as virtudes dos Sparciatas. Lia por esses paxorrentos collectores, e compiladores de apophthemas, grandes ditos, e grandes feitos dos taes Sparciatas, estava disto mais alguma coisa esquecido, quando o inferno vomitou a revolução Franceza, e tornárão-me a quebrar a cabeça com estes Sparciatas, de quem os féros Repúblicanos *sans culotes*, se dizião netos, e imitadores. Quem são estes Sparciatas, dizia eu comigo? Eu hei de hir basculhar as têas de aranha, que cobrem as ruinas de Lacedemonia para me formar huma idéa destes Sparciatas tão decantados, e meditando bem sobre a coisa, achei que os Sparciatas erão hum povo delirante, atroz, onde a somma dos vicios excedia infinitamente a somma das apregoadas virtudes.

O orgulho, he a manqueira ordinaria das almas livres, e fortes. De balde os meus modernos sofistas de París, e de Genebra tem querido fazer grandes apologias deste vicio, confundindo-o bem pouco a proposi-

to com a coragem, e elevação da alma. Para mim não ha coisa mais insupportavel, e intolleravel, que hum homem orgulhoso, e o que he intolleravel em hum homem, muito mais o he em huma nação inteira; o que he hum homem para os outros, he hum povo para os outros póvos. Este orgulho he origem, e causa de odios, e antipathias nacionaes, e guerras injustas, e a historia dos taes Lacedemonios está cheia de memoraveis exemplos, que attestão esta verdade. O cabeçudo Licurgo longe de dictar leis para reprimir este pernicioso orgulho, e amaciar o caracter feróz, e intratavel dos Sparciatas, parece que acinte o quiz fomentar, estabelecer, e arreigar ainda mais. A persuasão em que vivião, de que huma divindade lhe havia dictado suas leis, o desprezo, que o mesmo Licurgo lhe soube inspirar para tudo o que erão usanças, e costumes estranhos, o imperio tyrannico com que tratavão seus pobres, e miseraveis escravos; a igualdade perfeita, que entre elles reinava, e que os modernos Sparciatas

tanto; e tão infructuosamente quizérão imitar; a austeridade, ou rusticidade de seus costumes, sua mesma ociosidade, e ignorancia, tudo isto junto os enchia de fumaças, e lhes mettia em cabeça, que erão muito superiores aos outros homens, e a todos os póvos da terra, e esta ridicula presumpção se lhes tornou mil vezes prejudicial, ruinosa, e funesta. A dureza do coração he huma consequencia immediata, e necessaria do orgulho: pouco sensiveis somos aos males daquelles, que desprezamos, e daqui nasce a desconfiança natural, e antipathia secreta, que todos tem com os corações duros, soberbos, intrataveis, e orgulhosos. A mais céga paixão pelos Sparciatas, quando se ponderar bem as coisas, não poderá excusar os usos estabelecidos, e tolerados por Licurgo. Toda a antiguidade grita, e berra com razão, contra o costume barbaro dos taes virtuosos Sparciatas de dar a morte aos meninos, que nascião contrafeitos; devergia a natureza dos caminhos ordinarios, e era por isto punida a huma-

nidade sem crime, e a innocencia sem culpa, porque nascião com hum pé torto, não tinhão direito á conservação da existencia, e devião logo morrer.... Que taes são as virtudes dos Sparciatas? He acaso mais revoltante a ferocidade dos Canibaes? Matar hum menino que nascêo alcorcovado, he o mesmo que matar em França hum homem por dizer, que o pai de Buonaparte não era seu pai. Que costume tão digno de hum povo de heróes, como se dizião os senhores Lacedemonios, era o de açoitar diante dos altares as pobres crianças, até as fazer morrer á açoites, obrigando-as a se não queixar das dores, que soffrião, como se a irritabilidade dos nervos, e a sensibilidade fysica fossem hum delicto! Que costume tão doce, virtuoso, e filosofico era o daquelles combates, em que os mancebos erão obrigados a entrar, e em que reciprocamente se matavão ás estocadas para exercitarem sua córagem, e valentia! E dizem os Francezes, que os Hespanhóes são barbaros, porque gostão dos combates

de toiros! Que matronas erão as Lacedemonias, que doçura de caracter tinhão, quando insensiveis aos gritos da natureza, e ao amor ternissimo que ella inspira para com os proprios filhos, ainda os majs ingratos e desconhecidos, davão ellas mesmas a morte aos filhos, que tinhão fugido de alguma batalha! E chamão-se virtudes a estas monstruosidades! Quanto he certo que ha preoccupações successivas, e que a maior parte das coisas se acreditão, e recebem sem reflexão, e sem exame!

O que de todo me faz crer, que os virtuosos Sparciatas erão peiores que Robespierre, e Buonaparte; o que de todo escandaliza a humanidade, e he capaz de indignar o homem de bem; são as inauditas crueldades dos taes senhores Sparciatas para com os Ilotas seus escravos; a isto nada chega. Hum duro minhoto, que de cá foi em calças, e jaqueta, e que se fez no Brazil senhor de engenho, não trata com tanta deshumanidade os miseraveis negros. Não sómente os embebedavão algumas vezes para

os tornar hum objecto de ludibrio aos mancebos, a quem pertendião inspirar o aborrecimento deste vicio, mas até lhes prohibião entoar as mesmas canções, que cantavão os homens livres: eis-aqui a grande principiada igualdade, e liberdade, bem desenvolvida entre os Sparciatas! Para que estes miseraveis, escravos se não esquecessem de sua servidão, e deploravel estado, levavão todos os dias por almoço certo numero de açoites, dados com toda a reflexão, e sangue frio, isto não fazem os Caraibas aos mesmos prizioneiros de guerra: esta acção me fez sempre detestar de todo o meu coração os Lacedemonios, e considerar como hum diabo vivo o seu decantado Licurgo com todos os panegyricos, que lhe faz o author das viagens de Anacharsis. Desgraçado daquelle Iliota, que tinha recebido da natureza algum talento, e mostrava grandeza de alma, ou qualquer vislumbre de virtude em seu infausto cativeiro, contasse de certo com a morte, a virtude em hum escravo era hum crime capital nas leis de Sparta. A

primeira ceremonia que os Eforos fazião no dia de sua nomeação era sem mais nem mais, declarar o odio eterno, e guerra eterna aos Iliotas. Se estes infelizes se multiplicavão entre aquelle povo de moralistas, por huma das leis fundamentaes de Sparta, que lhe mandava dar cabo dos ossos, erão obrigados os mancebos de Lacedemonia, a se emboscarem de noite, darem sobre os inermes Iliotas, e assassinarem sem ceremonia quantos podião; chamava-se a este acto de caridade « a Cryptia. » Thucydides, conta com toda a ingenuidade, que na guerra do Peloponeso, os Lacedemonios fingírão dar liberdade a dois mil Iliotas, que lhes tinhão feito assignalados serviços na campanha, coroárão-nos de flores, dérão-lhes grandes banquetadas huma noite, e ao amanhecer não havia fumo dos taes Iliotas, nunca se póde saber o que foi feito delles. Isto excede em crueldade todo o que os viajantes nos contão da ferocidade de algumas hordas Americanas nos bosques do Canadá. Quem poderá considerar estas coisas

sem horror! Quem não pasmará da docilidade dos homens em acreditarem como verdades, enganos successivos, e mentiras manifestas, que por virem de mui longe se nos querem impingir apadrinhadas com o peso dos seculos. Se existio povo barbaro, foi o de Sparta, com huma differença muito notavel, e escandalosa. Os outros povos existem no estado de barbaridade, e incommunicabilidade, em quanto não recebem leis, e se não estabelecem alguma forma de governo, com este se amacião os costumes, e perdem até os ultimos vestigios de rudez, e barbaridade. Não assim os antigos Sparciatas, erão barbaros orgulhosos, atrozes, aborrecião, e erão aborrecidos dos outros povos pelo espirito, ou intenção de suas mesmas leis, sua barbaridade não era natural era systematica; e por isso mesmo mais perversos, e mais dignos da execração dos outros povos. Além de orgulhosos, erão egoistas, e só menos máos que os Francezes.

SOLILOQUIO LXIX.

A vida humana no estado social em que existimos, tem necessidades indispensaveis, que he preciso satisfazer a todo o custo; não fallo só das necessidades fysicas, dessas ninguem póde duvidar, assim como ninguem póde dispensar-se; fallo de necessidades moraes, ás vezes mais urgentes do que as fysicas. Eu medito de continuo sobre este grande objecto, e talvez que desprezado, ou pouco attendido pelos maiores filosofos do seculo, e creio (aqui arqueão os sobrolhos, os profundos contemplativos,) creio que huma das maiores necessidades moraes, que experimentão os homens no estado social, he a de disputar? Pois acaso he huma necessidade, o que parece hum tormento, e o que alguns homens prudentes procurão com tanta ancia evitar?

Sim. O mundo foi entregue aos homens para objecto de suas contestações, e disputas; he preciso disputar, ou sobre as côres, ou sobre a politica, ou sobre a musica, ou sobre o livre arbitrio; he huma necessidade indispensavel, he preciso satisfazela. Eu antes quero ler as visões do padre Harduino, que as de Jaques; antes a dança dos turbilhões de Descartes, que as controversias do ministro Jurieu; antes o commentario do apocalypse de Newton, que a historia da revolução de França; porque além do divertimento, he sempre a teima, e a controversia que faz a materia, e fundo destas ridiculas obras. Felizes os póvos, e os literatos, cujas disputas não tem por objectos mais do que ridicularias! Quantas cabeças, quantas carapuças foi, e será sempre a devisa das sociedades, e conversações humanas, tanto em tempo de luzes, e apurado gosto, como em tempo de trévas, ignorancia, e barbaridade. Nem sempre he por genio embirrado, ou espirito de contradicção, que se defende huma opinião

nova, ou huma contraria á opinião recebida; quasi sempre he por amor da independencia, natural aversão que se tem ao jugo, seja qual fôr sua qualidade, pela repugnancia que se tem a authoridade que os grandes mestraços se arrogão, e tambem (creio que isto he o mais frequente, e o mais conforme á marcha da inconstancia humana) pelo enjôo, que causa a uniformidade! Pois sempre havemos opinar o mesmo em materias indifferentes, como são quasi todas as questões filosoficas? Dizem alguns homens, e eu com elles.

Sabe-se qual foi o motivo, que obrigou a Jaques a deitar-se no partido inimigo das letras. Quando Diderot lhe deo o conselho, conhecia-lhe bem o genio, o pobre pedinte, e peregrino Jaques, tinha mais fome de gloria, que de pão; e seguir os caminhos ordinarios, abraçando a defensa, e fazendo o apologetico das sciencias, era querer ficar ignorado no mundo sem nome, e sem motim. Que te fez Aristides, dizia elle ao homem, que escrevia seu nome em

huma casca de ostra para o condemnar? Estou enfastiado de o ouvir louvar tanto, já não tenho orelhas para escutar seu elogio. Eis-aqui o crime de muitos homens, e eis-aqui a chave, ou a solução de muitos, e frequentes enigmas, que parecem indicifraveis. De quantos desertores da boa causa entre nós, que suspiravão por huma revolução, e a virão como realizada, quando entrou a longa engrazada de pedintes Francezes, só podião explicar bem as metamorfozes com aquella expressão do ambicioso Cesar! He melhor, e vale mais ser primeiro em Rimini, que segundo em Roma! Saiba o mundo que eu existo, dizia hum dos Corifeos em revolução, e faça-me enfadar, ou persiga-me, que eu andarei com a Republica na algibeira: e o historiografo da França, dizia, fallando dos seus amigos, tanto hão de fallar de Duclos, que o hão de obrigar a ir á missa só para fallarem mais. . .

. . He coisa tão deploravel como verdadeira, dizia ha mais de 1400 annos hum santo Francez, escrevendo

ao imperador Constancio, que haja entre os homens tantas doutrinas quantas inclinações. Cada anno, cada mez inventamos novos symbolos para explicar misterios invisiveis; arrependemo-nos ámanhã do que fizemos hoje; detestamos o que adoramos, e condemnamos a doutrina dos outros, porque não he a nossa doutrina, e queixando-nos com reciproco escandalo, caminhamos para a nossa ruina, e desventura.

He muito digna de estima a bondade, e ingenuidade dos authores, que trabalhão por conciliar os espiritos; mas contar com o bom sucesso desta tentativa, he hum erro. Se hum Molinista, dizia o esturrado Voltaire fizesse hum livro para provar, que dois, e dois são quatro, eu não duvido, que hum Jansenista não viesse logo com hum volume, tres vezes mais grosso para provar, que dois, e dois erão cinco. Ora pois se he preciso disputar, e não pode haver conversação sem contestação, se o contagio das disputas contamina todos os homens á excepção dos mu-

dos, ainda que estes tambem teimão, quanto melhor seria disputar sobre a arithmetica, e sobre as modas, que sobre questões politicas, e religiosas.

A controversia em litteratura, ainda que ás vezes traga comsigo debates pueris, nunca fòi perigosa, e traz quasi sempre comsigo grandes vantagens. ¡Felizes tempos em que na Europa longe de se levantarem bandos de disputadores sobre as funestas revoluções, que de tantos lutos tem coberto a humanidade, se disputava sobre huma passagem bem, ou mal entendida de hum author Grego, ou Romano, exposta segundo as regras grammaticaes! Editosa França, quando o actual viveiro de todos os vicios, París estava dividido em duas facções huma levantando os modernos acima dos antigos, outra os antigos acima dos modernos! Suavissimas disputas, que forão succedidas pelas dos Brissotistas, e Maratistas, que tanto sangue derramárão! Feliz Portugal! Quando não havia cafés e gazetas! Quando as

academias dos singulares, e anonymos, dos occultos, e outras mais vião apparecer os Ericeiras com huma longa disertação de controversia, sobre qual dos amantes fôra mais favorecido de Cloris, que estava sangrada, se Fabio que levou o chumaço, se Silvio que levou a atadura. Felizes tempos, em que na academia dos generosos disputava Thomás Pinto, com o torto de Fr. Simão, e em que alguns frades derramavão torrentes de erudição velha, e injurias novas, para provar que os Bentos erão mais antigos, que os Jeronymos! São estes divertidos, e innocentes objectos á materia sanguinaria das eternas disputas, que agora escutamos! São estes os problemas, que tanto prazer derramavão, em que o homem de siso tinha a consolação de ouvir dois tollos eruditos, mas fóra da controversia homens de bem, bons cidadãos, e verdadeiros Portuguezes?

Esta idade passou, e a que lhe succedeo, he a que estou vendo. Continuão as disputas, porque continuão as conversações, porém esque-

então todos os objectos uteis, agradaveis, instructivos; e a nação dividida em dois partidos, hum quer sua ruina, outro sua conservação: porque hum quer ser Francez, outro quer ser Portuguez. Quando virá o tempo em que de todo se abandonem estas ruinosas disputas! Em que os sábios abominem as disputas sobre igualdade, liberdade, e governo; em que todos se persuadão, que a melhor forma de governo (eis aqui hum oraculo digno de Solon) he aquelle que tem durado mais tempo; ou he bom, porque o he de natureza, ou he bom, porque o fez o habito, e o costume: não mudemos! Disputa-se embora, porque em fim, a boa conversação não he mais que huma bem ordenada disputa, e huma perpetua controversia, e he obra de hum bom engenho conte-la em limites de prudencia, e urbanidade.

Socrates disputava em os banquetes; até nú, e crú dentro de hum banho tambem disputava: não era isto manía no bom do velho, era hum meio seguro de tratar sem apparato,

e enfasi das escólas, as mais importantes materias de filosofia moral, unica que elle desejava vêr conhecida, e cultivada pelos homens; era o modo de aguçar o entendimento, de apurar a razão, e de despojar de atavios inuteis a dialetica ridicula, que os sofistas tinhão introduzido. O velho sabia muito bem, que a contrariedade faz saltar o genio, ou o engenho amortecido, como aó golpe do fuzil salta o fogo, que dorme nas veias da pedreneira. . . . . .

Os Inglezes, que na verdade são homens de huma excessiva singularidade, dizem, que o fallar estraga a conversação, e com effeito elles não fallão, disputão sempre. Os perpetuos debates das cameras alta, e baixa, tem formado grandes oradores, ainda que muitas vezes prostituem a magestade oratoria a objectos taes como algodão de Pernambuco, e café das Martinicas. Acabadas fôrão no mundo as querelas politicas, e viesse já o tempo em que as mulheres disputassem de modas, e os homens de alguma coisa util á vi-

da animal, e moral dos mesmos homens!

SOLILOQUIO LXX.

Antes de me dar, e entregar á pura meditação, obedecendo a impulsão da innocente manía da leitura, sentia hum prazer extremo pela necrologia, e biografia. Gostava de saber dos homens, dos seus escriptos, de suas opiniões, e quanto mais extravagantes, e paradoxaes os encontrava, mais gostava delles, porque mais se conformavão ao meu genio, caracter, e inclinações. Entre os modernos nenhum excitava mais minha curiosidade que Mercier, posto que tambem asniou bastante em se metter a membro da fatalissima convenção nacional. He com effeito hum dos homens mais raros que tem apparecido, e seus escriptos verdadeiramente filosoficos, devião conhecer-

se, e vulgarizar-se mais entre os doutos, bem como são conhecidos, e estimados em todas as associações literarias de Alemanha, onde as boas artes tem com effeito chegado ao mais subído gráo de perfeição. Este homem, (e assim devião fazer todos, e eu o desejo, e procuro tambem com toda a ancia executar) deixou-se do tom pesado, e pedanteseo com que os sábios escrevem, e disputão; e assim como Horacio nas suas satyras, e epistolas parecendo superficial, e ligeiro, tratou as mais importantes materias, o bom Mercier, com o tom mais ligeiro, e até mesmo frivolo, com hum estilo risonho, e proverbial, discutio, aprofundou os objectos mais transcendentes, as materias mais importantes, e profundas, as sciencias de maior abstracção; e desta judiciosa maneira, alcançou duas coisas, fez-se entender de todos (pois parece que os filosofos á força de tenebrosidade querem espantar os leitores), e misturou o util com o agradavel, penhorando a attenção de toda a casta de doutos, e semidoutos.

Brincando, e gracejando, emprehendeo não menos que deitar a terra o grande colosso das opiniões scientificas até aqui recebidas, e que em maior voga corrião como oraculos, mostrando que muitos homens tinhão doutamente asneado. Começou pois este profundissimo filosofo a gracejar, e a ensinar, e com o mais insignificante titulo, deo hum livro, que encerra as mais importantes verdades. « O meu barrete de dormir. ». He este o titulo de hum livro! Isto deita abaixo aquelles orgulhosos frontespicios, que mentindo descaradamente, ou nada dizem, ou dizem o contrario do que contém o livro. Toda a alma que não conhece a simplicidade he alma pequena, e quem se paga do fasto, e do apparato externo, não tem fundo. O meu barrete de dormir encerra thesouros de erudição, de critica apurada, e verdadeira filosofia, que he a que ensina os homens, e não a que enreda, e enleia os entendimentos. Porém o que de todo me surprehende, o que de todo me admira he a penetração de seu engenho, susten-

tando neste alicerce firmissimo, com huma incomprehensivel força de penetração, começa de fazer profecias politicas, no estrondoso livro, cujo titulo extravangantissimo he, o anno de 2240: neste livro, profetiza a malvada revolução, a chimerica República Franceza, quando annuncia o reinado de Luiz XXXIII, no XXIII.º seculo. He hum sabastianista superfino, ou da primeira sorte, eu digo melhor chamando-lhe o melhor calculador politico que tem existido. Na data da composição do livro, já a República andava chocando, Mercier conhecia quaes erão os principios em que a seita encyclopedista a tinha estabelecido, e tirava destes principios tão justas consequencias, que parecem profecias realizadas. Mas pouco me importa tudo isto, porque tudo o que he systema politico, e religioso que sahe da cabeça Franceza, he para mim verdadeira materia odiosa, e zanga sempiterna. Mercier simpathiza comigo no que parecem opiniões paradoxas, e extravagantes.

Hum grande erudito, no seculo

da literatura Franceza, no seculo dos homens raros em todo o genero, de doutrina, e artes amenas, deo n'huma fina, que vista por huma face tem alguma coisa de impiedade. Applicou-se á profunda lição dos Bolandistas, e começou com a pertendida critica, e hermeneutica a riscar do catalogo dos santos alguns, que lhe parecia não terem existido, (por certo não se enganaria, se já então se fallasse em S. Napoleão), mas em fim o cura de Santo Eustaquio, fazia-lhe muitas cortesias para lhe não desnichar o santo da sua paroquia, vendo apeados outros, cujas lendas o tal erudito julgava apocryfas. Mercier fez isto, mas foi-se aos chamados Numes do Parnaso, e deo com elles no meio do chão; á força de boa critica, deo-lhe baixa da patente que os divinizava, O primeiro foi Racine, por isso mesmo que os poetas são mais entonados, e soberbos que os outros cultivadores. O idolo Racine foi sem piedade derribado do seu nicho: e com effeito erão bem futeis os titulos pelos quaes elle ti-

nha conseguido hum dos mais eminentes lugares no Monte Bicorneo. Começou Mercier a analizar-lhe, ou desafiar-lhe o estilo, e achou que nada ha tão pueril como a decantada harmonia poetica em Racine, a moleza de huma cantilena, póde acaso lisongear tanto os ouvidos, e levantar tanto a alma como a magestosa ordem, e soberbo andamento dos compassados periodos de Bossuet! Qual he a scena de Racine que pulse, e punja tanto o coração do homem como o estilo impetuoso, e pathetico de Massillon? Que coisa he o eterno assumpto, o eterno agente de todas as tragedias de Racine, o amor? Não ha nelle heroe por velho, e calvo que seja, que não se derreta de amor, e mais alambicado, que os platonistas, e petrarquistas do XV.º seculo? Não conhecia o assucarado Racine outra paixão capaz de calçar o cothurno tragico, e não achou pela historia das revoluções dos imperios, e pelas grandes catastrofes dos imperantes mais do que intrigas amorosas, mais nauseantes que agoa mor-

na. Em fim, poz no andar da rua a grande Racine, e foi o primeiro passo que elle deo para o grande, e necessario fim de desgostar os homens da poesia, que a fallar a verdade he coisa tediosa, e insuportavel, dar tão grande valor, e fazer tamanho caso de fechar hum pensamento dentro de hum certo, e determinado numero de sylabas, que marchão tanto a compasso, que de tantas em tantas deve haver humas quedas, humas pancadas tão uniformes; em faltando, falta tudo, bem como vai tudo perdido, em faltando as pancadas de páo, que dá o chefe dos cantochanistas, quando todos unissonos levantão as formidaveis vozes.

Na verdade Mercier tinha razão ás carradas, muito principalmente tratando-se de poezia Franceza, filha legitima do somno, e da monotonia. Não ha huma alma, por paciente que seja, que leve de fio a pavio hum poema Francez, ainda que seja segundo elles dizem tão bem versificado como a Henriada, ou como qualquer das traducções de Delille, he

hum choto tão uniforme, e continuo, que o mesmo salavanco que dá a cabeça no primeiro verso, he o que ha de dar no ultimo, além da continua enfiada dos écos; porque se o verso de cima acaba dizendo zum, o verso debaixo que já o está esperando de alcatêa, tambem acaba dizendo zum. Não sei deveras, onde esteja nesta tediosa uniformidade, a imitação da natureza! Sempre a mesma, assim he, mas sempre varia, e em que se póde parecer com ella a versificação Franceza, que dá sempre as mesmas badaladas como hum sino a pino! Nenhuma versificação por perfeita, e acabada que seja póde sustentar o parallelo com a magestade da eloquencia, que tem huma intrinseca, e mais difficultosa harmonia, sempre vária até ao infinito, onde nunca o ouvido cansa, e sempre a alma sente nova satisfação.

O ultimo homem eloquente entre os Francezes, Thomás, trabalhou com grande cuidado, e engenho algmas poezias, que em seu genero não são inferiores ás de maior nomeada entre

os Francezes, a ode á paz, e ao fogo, o poema de Semonvile, e outros, consolárão elles mais o espirito, passárão á posteridade com o mesmo gosto que os pomposos elogios! Mercier fez desgostar os Francezes dos versos, he oxalá que com suas razões, todos os povos cultos cheguem a conhecer, que a arte dos versos, e o seu mechanismo são huma perfeita puerilidade! Não me admiro que Houdard de La Mothe dissesse mal dos versos, e os continuasse a fazer, como condemnado a huma galé por toda a sua vida; a metromania he a mais violenta de todas as paixões que se apoderão do homem, nenhuma ha tão imperiosa, e que tanto o avassale: *Qui bibit inde furit.* Com effeito o que por desgraça molhou os labios na caballina, *hæret lateri lethalis arundo*, ha de segui-lo este furor até dar com elle na cova, e se da cova sahisse algum poeta, sahia fazendo versos; he certo que alguns condemnados á forca, nos tres dias de oratorio fizerão versos, e não duvido, que haja algum, que até pelo camin-

nho queira fazer huma decima ao carrasco.

Mercier á força da razão, e de engenho fez que os Francezes se desgostassem dos seus poetas, e que amassem mais a prosa de Pascal, e de Flechier; mas não era preciso muito para desgostar os homens desta manía, por si mesma insofrivel, e pelos seus professores destestavel. Formou o projecto de os desgostar de tudo isso que se chama bellas artes. Isto he mais alguma coisa. Há muito que este projecto me bailava a mim na cabeça. Que coisa são estas boas artes! Dizem que são imitações da natureza. Quem vio jámais bailar, ou dançar a natureza? Certos passo, e tregeitos uniformes, são imitações? O mesmo chamão á musica; o estrondo com que se interrompe o augusto silencio da natureza, he o bramido dos mares, quando se quebrão por cima dos rochedos, ou quando estalão pelas areas desertas de huma praia inhabitada. He o espantoso rebombo dos trovões, éco assustador, que augmenta o horror,

e o luto da noite. Ora se huma corja de rebecas, gaitas, e trombetinhas ainda que bem temperadas imitão tudo isto, está imitada a natureza nos seus arruidos, e estrondos. Para produzir em nós algum effeito, removerem, e excitarem a alma eu creio, que huma forte pancada em hum tambor, repetida de espaço a espaço, produz maior effeito; e se ateimarem a querer musica, eu sempre preferirei a tudo o som magestoso de hum grande orgão, cujo éco se propague pelas abobedas, de hum vasto templo de architectura Gotica. Eu gosto de impressões fortes, e fugirei voluntariamente de concerto de opera bufa (que desgraça para os Portuguezes, emporcalharem sua nobilissima linguagem com estas baixas expressões Bergamascas!) para ouvir reproduzido o som do orgão pelas vastas abobedas do templo de Belém. Dizem, que a musica he magestosa! Ha magestade mais terrivel que a voz de hum grande sino, tocado em dobre no silencio, de huma noite bem fechada, e bem triste? Eu, como Mercier,

não tenho estimado até agora se não a pintura que me conserva os retratos de alguns homens famosos em litteratura. Tenho a casa, (que o ceo me guarde das mãos dos Francezes) cheia destes retratos, cuja vista me excita, quando detenho nelles os olhos, e contemplo os grandes homens da antiguidade, e alguns que tem illustrado o nosso seculo. Todos os outros ramos de pintura são perfeitas puerilidades como julgava Mercier até os quadros do mesmissimo Rafael. Que são estas paisagens ainda que sejão de Parele, ou de Vanloo, estas marinhas de Vernet, e esses fogos do insigne Diogo Pereira para quem sabe bem olhar para a pintura dos ceos, para o apparato, e formosura da terra, para quem contemplou já ou o chimboraço na America meridional, ou o Pico de Tenerife, ou as montanhas do Jura, ou as immensas cordilheiras dos Andes?

Ora o iconoclasta Mercier, não se limitou unicamente a derrubar dos nichos, e pedestaes as estatuas dos poetas, e a metter a hum canto os

72 paineis roubados das gallarias de Dresde, o furtado em Monte Citorio, e tudo quanto se conservava dos Carraches, de Julio Romano, de Guido, de Ticiano, de Paulo Veronese, de Rubens, e do inimitavel Salvador Rosa nos palacios de Milão, de Florença, de Roma, e de Napoles, mas declarou outra guerra a outras potencias mais formidaveis. Deitou abaixo de seu throno o mesmo Newton, com aquella mesma facilidade com que tinha posto Racine no andar da rua. Revelou ao mundo as parvoices soberbissimas das sciencias, e os rematados delirios dos astronomos, e o que he mais ainda as espantosas monstruosidades da geometria transcendente, que ainda se não sabe para que sirva, se acaso não tem a mesma serventia que os sacerdotes Egypcios davão a seus enigmaticos, e ininteligiveis geroglificos, para arredarem o vulgo, a quem os senhores sábios, e o que he mais escandaloso, os mesmos vermes poetas, tem o desaforo de chamar profano, do conhecimento de seus misterios: assim os da geo-

metria transcendente, assentão que a gente não deve entender fysica, e astronomia, guardão isto só para os seus adeptos, a quem inicião na symbolica linguagem dos calculos. Não sei com que razão. Já os medicos alguma tem na abbreviatura infernal dos nomes dos emplastros, e venenos, nos decretos de morte, que remettem para os executores, que são os boticarios. Mercier abateo a alterosa proa aos geometras, e de tal maneira os confundia, que de seu talento e com suas proprias mãos pegou na terra, e deu com ella quieta, e socegada no centro do mundo, donde alguns inquietos desde Pithagoras, e Filolau, até Copernico, e Galileo a havião tirado. Fazendo parar a terra, era preciso, que dissesse ao Sol que marchasse, e o Sol entrouxou o fato, e foi-se andando; e isto não ficou em huma simples hypothese, ficou em huma rigorosa demonstração, e fóra de toda a dúvida. Eis-aqui novos ceos, nova fysica, astronomia nova, e tudo isto sem figura, sem algebra, sem sylogismo; e sem o enigmatico

mysterioso andamento da geometria. Tudo he força de engenho: e Newton fica a hum canto, e a derrota de seus sequazes tão completa, que nenhum se atreveo ainda a abrir bico, ou medir huma lança com o terrivel campião Mercier. La Grange, La Place, La Lande, diz hum gazeteiro chamado o publicista, ficárão de queixo cahido, e no silencio da obstupefacção. Se os mathematicos, e astronomos se conservárão de bocca aberta, os methafysicos não ficárão menos mamados, porque de hum revez deitou a terra todo o systema de Lock, e de seu continuador Condillac, fazendo levantar contra ambos hum grito universal por toda a Europa. Quanto póde mais hum bom engenho penetrador, acompanhado de huma boa dóse de siso, que tudo quanto imaginão os refervidos cerebros dos systemadores da escóla filosófica! O mesmo Mercier annunciou huma revolução celeste, que faria rir muito os homens á custa dos algebristas. Em quanto tarda, eu digo que são mais agradaveis, e que valem mais estas

revoluções, que as fataes mechidas, que tem innundado a Europa de rios de sangue, e de lagrimas!

SOLILOQUIO LXXI.

Hum dos termos a que se tem dado até agora mais vaga, e indeterminada accepção, he este « Crítica » Por mais que se tem escripto sobre as regras de crítica em longos tratados, nunca póde determinar o seu verdadeiro objecto, e emprego. O sábio, e o que não he sábio usurpão esta palavra, e nenhuma he mais frequente até nas conversações familiares. Ha muito que eu desejei bem fixar este termo vago, e antes de renunciar a toda a especie de leitura, me lembra ter aberto ao acaso a enorme, e fadigadora compilação, e eterna rapsodia, chamada encyclopedia, e ter visto nella hum artigo, que muito devéras me prendeo a attenção, porque era do célebre Marmon-

tel, a quem a desgraça conservou vivo na revolução para o esquecerem, e degradarem para as raizes dos Piryneos para ser juiz de fóra de huma aldêa, aquelle mesmo, que era capaz por seu engenho de illustrar, e até presidir á chamada assembléa dos legisladores. Este Marmontel, cuja memoria deve ser immortal, unicamente pelo conto do « Conhecedor em literatura » foi o que fixou mais o termo vago de « Crítica. »

Póde considerar-se isto, que verdadeiramente se chama crítica, debaixo de dois aspectos geraes. Comprehendem-se no primeiro todos aquelles grandes homens a quem devemos a restituição, e o polimento da literatura antiga. Os infatigaveis commentadores, e os eruditos taes como o grande Erasmo, Scaligero pai, e filho, Turnebo, Lambino, e para não fazer grande rol todos aquelles roliços Hollandezes, a cujo nome se dá a desinencia em *us*. Certos petimetres tratão esta especie de crítica com huma tal altivez, que nada mais

he, que huma perfeita ingratidão; porque tambem ha ingratidões literarias. Estamos ricos com seus trabalhos, e vigilias; e gloriamo-nos de possuir, o que dizemos, elles adquirírão sem gloria. E he acaso pequena gloria, ou pequeno trabalho ter desenterrado do pó das bibliothecas, e até de buracos de paredes velhas enrolados, e carcomidos pergaminhos, onde estavão depositados os thesouros da sciencia, e erudição Grega, e Romana? Se Poggio não an andasse depenicando, e escarafunchando pelos entulhos de huma torre velha da abbadia de S. Gall, não teriamos hum dos mais ricos presentes da antiguidade, que he Quintiliano; e se hum soldado curioso, não andasse basculhando os armarios pulverulentos de huma casa velha na praça de Buda, não possuiriamos hum thesouro de purissima latinidade, e impurissima materia como he o Satyricon de Petronio Arbitro. Mas não bastava achar estes carunchosos rolos, era preciso desenrola-los, transcreve-los, repara-los, enchér-lhes os

intervallos sumidos, confronta-los com
outros embrulhos achados n'outra par-
te, commenta-los, e imprimi-los em
tão bom papel, e tão elegantes carac-
téres, como são os das officinas de
Bleau, e dos Elzevirios, e em geral os
das imprensas de Leyde, e de Ams-
terdam. E ainda considerando outro
objecto de literatura mais util, se não
fosse Erasmo, os Aldos, e os Grifos,
teriamos nós em toda sua pureza, e
integridade os escriptos immortaes
dos primeiros mestres do Christianis-
mo? Brilharia em toda a sua luz o
maior dos Doutores christãos o gran-
de Jeronimo, se Erasmo não désse
huma grande parte de sua vida ao
pulimento de seus brilhantes, e soli-
dissimos escriptos? Ora esta tão util,
e necessaria especie de critica, he
tratada com mofa pelos superficiaes
do nosso seculo, chamão pedantes,
grammaticões [illegible] estes restituidores de
toda a literatura. He verdade que o
merito de huma profissão está na ra-
zão composta de sua utilidade, e diffi-
culdade; e a profissão de hum destes
eruditos pede grande parte de sua

consideração á medida, que se torná mais facil, e menos importante, mas he huma grande sem razão, e huma manifesta injustiça julgar de que ella foi, pelo que ella he presentemente. Os primeiros semeadores de trigo, e fabricantes de vinho fôrão constituidos no catalogo dos Numes com mais razão do que entre nós os lavradores de Ribatéjo são constituidos hum furo abaixo dos animaes racionaes, e intelligentes.

O segundo aspecto da crítica he considerado como hum exame de reflexão, e como hum juizo prudente, e razoavel das sciencias, e das artes. Nas sciencias reduz-se a crítica á demonstração das verdades antigas, e ordem de sua explicação, e a descoberta de novas verdades. A crítica tem obrigação na historia de dar com justiça mais ou menos authoridade aos factos, segundo o menor ou maior gráo de probabilidade, verosimilhança, e possibilidade, em examinar o caracter, e a situação dos historiadores, o que mostrará muito daqui a hum seculo pelo que pertence aos his-

toriadores da revolução Franceza, do consulado, e imperio de Buonaparte;) em apreciar suas conjecturas, em os comparar huns com os outros, em estudar, conhecer os costumes, leis, governo, politica, e cultos dos póvos, sua politica, seu commercio, e sua industria. Que arduas emprezas estas para hum crítico! Que conhecimento, que talento exige este ministerio! Que milagre de saber he preciso! Que tacto tão fino! Que discernimento tão penetrante! E que poucos tem chegado a bons officiaes deste officio! E que formiguinhas são os duendes Francezes da revolução com todo o seu La Harpe, quando os comparo com hum José Scaligero, Justo Lipsio, Mabillon, e o Inglez, que nos deo acabadas, e limpas as obras de S. Cypriano. Eu lhe sabia o nome, mas varreo-se-me. Seja este o primeiro quináo, que leva a minha memoria, que bazofêa de não ter livros. Lembrou-me « Dodwell » Qual dos criticosinhos de agora se atreverá a comparar-se com o immortal Angelo Policiano para decidir, se pa-

va o interesse de Roma convinha mais, que subsistisseCarthago como queria Catão, ou que se destruisse como queria Scipião Nasica? . . . .

Nas sciencias fysicas deve a crítica repetir as observações, e as experiencias, pesar os testemunhos dos filosofos, se não se achar em estado de os verificar. Os antigos tinhão suspeitado o peso, ou pressão do ar: Torricelli, e Pascal o demonstrárão; Newton tinha dito que a terra he huma perfeita esferoide, isto he chata nos polos; e mais claro ainda, do feitio de hum queijo flamengo. Alguns sábios como Clairaut, e Maupertuis, e até o poeta Regnard, pegárão nos seus bordões, dérão comsigo no polo, e verificárão a asserção de Newton. Assim cumpre criticar os factos, mais he muito mais facil nega-los. O ignorante crê tudo; o semidouto nega tudo, o verdadeiro crítico examina. . . .

Nas boas artes somos mais melindrosos, e difficeis admiradores, porque havendo-se multiplicado muito as obras do mesmo genero, possui-

nos mais termos de comparação; de muitas bellezas divididas compõe o engenho huma perfectibilidade, huma belleza ideal, similhante á que nos quiz imbutir o embasbacado pintor Apelles. O verdadeiro crítico (se este animal existe, e não he como a Fenis) compara com este typo formado de antemão, todas as bellezas das artes, sujeitas a seu exame. O nosso criticosinho, architector de obra de dedo, refere tudo ao que ouvio dizer, ou ouvio recitar no canto do botequim, que elle sem mais de doze horas do dia entulha com á sua ociosa, e zangadora pessoa. O engenho só não basta, por que he hum semi-juiz para marcar os degráos de perfeição entre os módelos. Pelo que eu tenho observado, os mais frequentes críticos são os de moral, e de literatura, e de ordinario estes são os mais frios, e gelados de todos os homens. Para este officio, cumpre possuir hum fundo grande de probidade, e de sensibilidade, hum fundo de nobreza, e elevação de alma, que possa excitar nos outros o enthusiasmo

da virtude. Não digo que seja essencial em hum critico de moral, ser virtuoso; basta ter nascido para o ser, e que conserve no fundo do coração o germe da virtude. Saber julgar os homens como homem; conhecer-se, e conhecer seus similhantes; saber o que elles podem, antes de examinar o que elles devem; conciliar a natureza com a sociedade; comparar os direitos com os deveres, ou obrigações; unir o interesse pessoal ao bem geral, ser em fim o juiz, e não o tyranno da humanidade: tal me parece, que deve ser o emprego de hum critico em moral, e em politica, emprego difficil, e importante, de que se encontrão bem poucos modêlos na antiguidade, e apenas em Seneca algumas lições, e nas epistolas de Cicero a Attico alguns luminosos rasgos.

A eloquencia, e a poezia, são dois campos por onde muito se costuma espraiar a crítica, porque não ha franchinote, que se não intrometta a juiz: mas para ser critico em eloquencia, e poezia he preciso ser

eloquente, e poeta. Eu o devo dizer até para satisfação das almas sensiveis, aquelle engenho que se penetra vivamente do bello, do tocante, e do sublime, não está longe de o exprimir, e já lhe anda pela rama, e a alma que recebe este sentimento, e a impressão deste toque com certo grão de calor, póde chegar a produzir o mesmo, e sem este sentimento delicado não se podem encher as funções de crítico nestas duas artes, muito principalmente na eloquencia, que eu reputo a soberana de todas as artes. E quantas almas pezadas mais que a presença de hum importuno, se mettem a criticar huma composição eloquente, almas mais languídas, frouxas, e vagarosas em suas concepções, que os passos de huma perguiça do Brazil? O unico crítico que existe, a quem se póde chamar universal, he o publico mais ou menos illustrado segundo os paizes, e os seculos, porém sempre o mais respeitado: comprehende em si os melhores juizos em todos os generos, cujas vozes, e votos espalhados se reunem por tem-

pos para formar a sentença geral, e fixa, que determina infallivelmente o merecimento de qualquer producção literaria.

Entre as camadas de criticos que entulhão a chamada Republica das letras não ha outros mais despreziveis, e aborreciveis que certos gelados Aristarcos armados de hum tedioso aranzel de regras, e preceitos inuteis, e infructuosos. Não tem outros titulos para a critica se não a presumpção! Cada hum delles se julga hum Muratori nos excellentes tratados do bom gosto, nas sciencias, e armas, ou hum honrado Francez do tempo dos homens de bem (raça extincta nesse paiz de França) chamado o abbade de Bós, nas profundas reflexões sobre todas as artes, chamadas por alcunha artes de imitação. Estes Aristarcos, tantas vezes se enganão, quantas vezes decidem, arrogão-se o privilegio exclusivo de arbitros, e nada ha mais miseravel, que as suas sentenças. Difficil mister na verdade, aquelle mesmo critico que se quizesse contentar com a mediocridade deve ser erudito:

Que vergonha, e que opprobrio tem sido para este reino de Portugal tão fertil em bons engenhos, antes que com o novo ducado de Abrantes nos viessem todos os males, vêr tantos peralvilhos, que em dias de sua vida cuidárão jámais no estudo, ou tiverão a mais ligeira applicação, que nem ao menos fôrão contados em o numero dos mais obscuros escriptores, vêr quatro rábulas ociosos pelos cantos dos botequins, e outros tantos impostores, filhos de Esculapio, que armados de huma garrulidade importuna, á força de palavras, de desaforo, e de malignidade, tem adquirido entre fátuos, alguma opinião, e crédito, levantarem-se de motu proprio em arbitros do gosto em literatura, sciencias, e mais que tudo em eloquencia. Este descaramento he na verdade o opprobio do seculo, assim como he maior infamia huma caterva de escriptores hebdomadarios, de cujos escriptos se acha o publico inundado, e oppresso há tempos a esta parte. Todos estes papeis são o pasto dos ignorantes, o res

cursos dos preguiçosos, e o flagelo dos homens de bem. Em tão grande alluvião de escriptos, não he possivel descobrir huma só regra, a que se possa dizer « bemdito Deos » e he tal a miseria desta praga folheteira, que tanto cança como logra o publico, que em tantos mil caderninhos ainda se não encontrou hum pensamento original.

SOLILOQUIO LXXII.

Hum dos objectos em que mais seriamente se tem occupado meu espirito nas minhas continuadas meditações, pelos solitarios passeios que me obriga a dar a actual situação de Portugal neste aturado, e indigno captiveiro, he a marcha, e o estabelecimento das reputações literarias. Ha muito que hum versejador Francez tinha dito: « cuida pouco em polir, e trabalhar teus versos, no que de-

ves cuidar seriamente he na tua reputação literaria, e para isto he precisa a intriga, e habilidoso manejo para te formares hum partido. » Grande conselho na verdade, e como he máo, eu o vejo abraçado, e seguido por quasi todos os literatos de grande nomeada. Os intrigantes em letras (esta palavra intriga, nunca foi Portugueza, mas em fim ella he recebida na sua inteira significação) não ha pedra, que não movão, e moita que não batão para estabelecerem sua producção literaria, conseguida esta, pouco importa ter, ou não ter talento. A França, donde vem o conselho, vem tambem os exemplos ás carradas. No reinado de Luiz XIV.º o mais fertil em sciencias, e artes, nos offerece frequentissimas scenas desta natureza. Pradon a favor do club (outra palavrinha que já entendemos) a favor do club literario a que presidia madama Deshoulieres, teve quasi eclipsado o tão applaudido Racine. A Fedra deste levou pateada, e a daquelle palmas. La Mothe equilibrou-se por muitos tempo em merecimen-

to com o fabulista La Fontaine pelo que pertence ás fabulas, e fez esquecer por hum tanto a Russeau pelo que pertence ás odes. O que Ovidio diz dos livros, se póde com mais razão dizer de seus authores: *Habent sua fata libelli*. Em quanto, disse huma vez com verdade Voltaire, em quanto jazem repimpados nos sofás da academia Franceza alguns pedantes pezadissimos, louvando se sem vergonha huns aos outros sem adiantarem coisa alguma na perfeição, e polimento da lingua, ainda Du Marsais quasi descalço pelas ruas, embrulhado em hum capote encarnado, muito velho, que hum amigo compadecido lhe havia dado, e o que mais he sem reputação de litterato, porque não póde, ou não soube caminhar para ella pela intriga, e pelo espirito de partido.

Entre nós tem havido, e ainda ha muitos exemplos destes. Cingem-se mitras, vestem-se togas com huma grande nomeada de doutrina, ou literatura, grangeada não pelo merecimento, mas pela intriga, politicas

commodar, he sem dúvida D'Alembert. Este engeitado foi festejado dos grandes, buscado, e applaudido pelas senhoras, foi o oraculo das sociedades literarias, e deo exclusivamente o tom nas companhias scientificas, e foi reputado o legislador do gosto. Creou, e destruio a seu arbitrio reputações literarias, distribuio premios, medalhas, e lugares nas academias; manteve correspondencias epistolares com todos os sábios, e com alguns soberanos da Europa, e Catharina da Russia o solicitou para preceptor de seus filhos. Ora este D'Alembert, que eu antes de me curar da manía literaria estudei, analizéi, e meditei profundamente, ainda que fosse grande conhebedor de geometria, e estivesse bem enlambuzado, e enfronhado em quatro epocas, e factos historicos; era hum homem muito mediocre em literatura. Quando o contemplo pela parte da dicção, acho hum estilo perfeitamente glacial, secco, e pécco, amigo da agudeza pueril em continuadas antitheses, nunca soube dizer coisa alguma ao coração; [illegible]

imaginação, este defeito he hum peccado original em todos os geometras, que não se podem jámais sacudir dos cadozes rasteiros do *a*, e do *x*, e temem como a morte, largar a fria linguagem da razão, e a triste linha recta do calculo fatigador. Não tem o mofino clareza, e perspicuidade, não tem fertilidade de engenho, tem assim he alguns rasgos picantes, mas não tem nem graça, nem unção, nem eloquencia. Eu posso apostar, que seus mais zelosos admiradores, os geometras como elle, os authores de seu elogio pelas academias não poderão ler duas vezes de sequito as suas obras. Quando se mette a fallar de poezia, ou diz coisas muito communs, e triviaes, ou de todo se não entende o que elle diz. Como escriptor, e até como filosofo, cá segundo o meu fraco bestunto he muito, e muito inferior a Fontenelle, e com tudo isto, elle gozou de huma celebridade mais derramada, e universal que os sábios de mais raro merecimento. Apezar disto, em todas as universidades de Alemanha, e em

quasi todo o norte, onde tem penetrado a literatura, D'Alembert passava pelo prmeiro escriptor de França, e pelo primeiro sabichão da Europa. Este fenomeno ainda he mais pasmoso, ou este problema de mais difficil solução, quando me lembro que neste mesmo tempo vivia Jaques, Condillac, Voltaire, e o que he mais pasmoso ainda, Buffon, e Bonnet; seja o que fôr, eu sempre direi a quem mo quizer ouvir, que he melhor ser lido, que admirado.

Em todos os tempos houvérão charlatães em literaturas, como em todas as outras repartições, que usurpárão, e conservárão huma brilhante reputação com mais sagacidade, que merecimento, o que existem muitos, que com bullas falsas chegão a eclypsar o verdadeiro talento, e a fazerem esquecer, e desprezar os maiores engenhos. Jaz hum pobre homem carregado de letras, e de saber no canto de sua casa, a quem hum genio casmurro torna incommunicavel, que parece huma completa besta muar. Se o mettem em conversação, emmu-

de todo o calibre. Hum dito, hum facto, huma volante anecdota diaria lhe pare hum soneto, e lhe engendra hum epygramma. Cada noivado lhe produz hum epithalamio, cada malina hum epicedio, cada baptizado hum genethliacon; cada actriz hum elogio, cada dançarina hum drama alegorico; eada dia de annos huma tempestade de parvoices, em que appetece ao desgraçado, que lhe cahio nas unhas huma eterna velhice. Finalmente, o homem literato aborrece esta caterva, e teme até que seu nome ande de mistura com o destes vadios, que a traduzir, e a furtar, com hum capital infame de indignas lisonjas, assoalhão seu nome, e gozão por tempos da reputação literaria.

SOLILOQUIO LXXIII.

Tenho observado, que o paiz onde se encontrão mais frequentes materias de Dunciadas, de Lutrins, de Bardinadas, de Hyssopes, he o paiz da literatura. Hum bispo que quer ser respeitado pelo seu Deão; hum Chantre, que não quer diante de si em hum choro, o fantasma colossal de huma estante, que lhe tolhia o doce prazer de ver, e ser visto de hum grande concurso em humas matinas solemnes, não he huma materia tão fertil para huma longa satyra, como a pequenhez, a baixeza, e as querélas, que se levantão entre os literatos. Sempre me deo em que cuidar o rompimento, que houve entre dois eruditos que se havião lisongeado, e incensado como elles costumão reciprocamente, ficárão por fim inimigos irreconciliaveis. Hum del-

les, fez ão socio hum elogio, que levou 27 regras, o socio, fez ao outro hum elogio, que levou 29, e queixou-se do amigo, que havendo-o excedido tanto em louvores, quanto vai de differença de 27 a 29; o de 27 só lhe agradecera este grande excesso, dizendo-lhe friamente « obrigado á sua attenção » e ficárão inimigos capitaes para todos os dias de sua vida. Scena mais ridicula que a que se começou a observar depois do rompimento entre Jaques, e Voltaire. Sempre disse com os meus botões, que era preciso louvar os homens, quando o merecem, mas sem contar jámais com o seu reconhecimento. Se o dever, e muitas vezes a solicitação importuna nos obriga a criticar alguma producção literaria, he contar de certo com a eterna zanga, e verdadeiro resentimento de seu author, ainda que se aparte de nós entre cortezias, e comprimentos, mettendo seu cartapacio muito bem emendado na algibeira. Ha homens, cujo epiderme tem tanta irritabilidade, ou tantas cócegas, que não permittem jámais á censura

huma só palavra, são fracos entendedores de seus verdadeiros interesses, não chegão a comprehender que a sombra faz resurtir a luz, e que hum elogio nunca vale tanto, como quando he constituido a par de huma desapaixonada, e luminosa critica. Certos homens dados ao mister de escriptores julgão, que a crítica mais apurada serve unicamente para lhes assoalhar suas obras, e celebrar seus triumfos. Enganão-se. Os bons críticos formão na República das letras aquillo que em Inglaterra se chama o partido da opposição nos debates parlamentares. Os críticos não destribuem os cargos, porém proclamão-nos, não constituem a opinião publica, porém recolhem-na, e desabusão os homens, destruindo a falsa opinião, como fizerão Freron, e Beaumelle com a célebre Henriada, que lhe descozêrão o fiado, e lhe descobrírão as manqueiras.

Não vedão sempre as invasões secretas da intriga, mas conseguem ás vezes derrubar de seu throno o máo gosto. E ainda que haja tanto abu-

só de crítica nestes ultimos tempos, que não apparece escripto, que se não deitem a elle com unhas, e dentes, este mesmo abuso, ou intemperie de criticar, a torna por isso mais necessaria. Sem fallar das injustas decisões do odio, e da inveja, tambem ha as decisões da tolice, que he preciso sempre atalhar, ou emendar. Hum tolo chega muitas vezes a succumbir á tentação de julgar, que o silencio que se guarda a seu respito, he veneração, que se consagra a suas producções; assim estava persuadido, e incasquetado Theobald, e Diniz até que Popæ não pôde conter mais seu soffrimento, e desfechou contra elles o raio exterminador da crítica sem réplica na celebrada Dunciada. Ora quando a sandice de certos escriptores chega a hum certo gráo de impertinencia, he preciso não os poupar. Porém como a moderação he huma das primeiras virtudes do homem social, até quando se escreve contra a parvoice, e maldade do homem que ataca, se deve conservar certa consideração, e dignidade. Mas ainda

que se não responda a personalidades, póde hum homem ser tão de ferro, e tão pouco bilioso, que não combata este neologismo, que desde a época da fatal revolução dos Francezes, se tem introduzido em Portugal em todos os escriptos, em todas as conversações, e que vai levando geito de fazer da lingua Portugueza huma lingua barbara, e desaprovada pelos zelosos verdadeiros da sua pureza, e que a estudárão com toda a applicação, e cuidado nos dois verdadeiros mestres da mesma lingua Antonio Vieira, e Manoel Bernardes, elevada neste segundo ao maior grão de perfeição, de magestade, de doçura, de gravidade, e fartura de que póde ser susceptivel a linguagem mortal, fazendo-a não só hombrear, mas exceder á de Athenas, e de Roma nos dias de Platão, e de Marco Tullio? Porque não hei de eu dizer aos Portuguezes, que o tempo dos eternos borradores de papel não he o tempo da sciencia! Porque não hei de eu dizer, que a literatura vai em decadecia com a adulteração da lingua.

gem, e que não apparece hum escripto scientifico, huma composição original, limitando-se tudo a rapsodias mensaes de escriptos Francezes, e a tempestades de versos, onde o que menos apparece he poezia, de hum tom, de construcção, e de huma sintaxe, que os faz peiores que as parvoices dos seiscentistas! E que estes mesmos seiscentistas os excedêrão a elles em hum genero, que he o satyrico, em que empregárão com muito juizo a ironia, a hyperbole, o equivoco, e a agudeza? Porque razão me não heide eu queixar de quatro rábulas engoiados, que por se verem sentados á roda de huma meza de botequim soletrando a gazeta, se julgão repimpados no tribunal de Bayle, de Basnage, ou de Muratori para pronunciarem, e decidirem sem exame sobre os mais sérios, e importantes assumptos de moral, de politica, e literatura? Porque não poderei eu dizer livremente ás lodacentas rans do Parnaso, cuja matinada, além de importuna, he eterna que cuidem em saber mais alguma coisa, que engran-

zar ordenadamente onze syllabas; que segundo o judicioso principio do seu tão citado Horacio, para escrever bem, he preciso saber melhor, e que sem hum grande fundo de doutrina não se produzem mais do que versos vazios de coisas, e cheios de palavras ôcas, ou quando muito, harmoniosas bagatélas? Porque lhe não poderei eu dizer, que cuidem no polimento do seu estilo, e que não sejão écos de modélos ainda mais destampados do que elles? Porque não direi eu aos oradores, que meditem bem os immortaes exemplares dos primeiros seculos do Christianismo; que procurem tomar bem o peso ao ministerio, em que se mettem; que não arruinem, estraguem, e enxovalhem a lingua com a miseria das traducções Francezas; e tambem que não sejão affectados na escolha de certos termos antiquados, frazes rasteiras, plebeas com que de espaço a espaço vão entresachando o miseravel aranzel que pronuncião; que a nobreza, e a pureza da linguagem não consiste em fallar como falla o

vulgo? Porque não direi eu ao estudantinho com anno e meio de Mondego, que se contenha nas suas dicisões scientificas; que nem tudo o que por lá ouvio dizer ao senhor mestre sobre bom gosto em litteratura, são oraculos de verdade; que espere mais algum tempo, e conheça o que he preciso para apparecer na República das letras. E porque não direi eu tambem aos senhores mestres, que saber hum compendio, não he titulo, e procuração bastante para tratar os homens com huma altivez insuportavel, com hum orgulho ridiculo; que se lembrem, que muitas vezes o maior cathedratico, não he mais que hum verdadeiro pedante, que se não aparta do espirito de systema, he para o progresso das sciencias hum verdadeiro obstaculo? Hum crítico póde com toda a moderação dizer isto, e muito mais; mas he preciso que tenha fundo para o dizer, lembrando-se sempre que assim como nada ha tão facil como a crítica; nada ha tão difficil como a arte crítica, e basta lançar a vista para a que es-

screveo João Le Clerc para se conhecer a extrema difficuldade desta empreza, a que doutos, e não doutos temerariamente se abalanção. Mas se com effeito o sábio está nas circumstancias de criticar, elle o póde, elle o deve fazer, e se não tem córagem para se levantar contra as numerosas reclamações da vaidade, contra as chiadas da tolice, contra as murmurações da incapacidade, se lhe falta esta córagem ainda que aliás lhe sobegem talentos, e estudos não desempenha seu caracter, quebre o tinteiro, e esmigalhe a sua penna, isto he melhor, que tornalla o instrumento de seu opprobrio, e das paixões alheias. Criticar com razão he hum serviço feito á razão, e não perdoar a escriptos ineptos, antes ataca-los com vehemencia, he desterrar o imperio da estupidez, ou demorar algum tempo sua chegada de que tanto estamos ameaçados.

SOLILOQUIO LXXIV.

Cada seculo de duração desta coisa, que se chama mundo vem marcado com hum cunho particular que o distingue dos irmãos, que o precedêrão, e dos outros que se lhe hão de seguir. E não se volve nenhum, que nos não offereça hum theatro, ou ensanguentado, ou dominado por alguma paixão; alguns não offerecem espectaculos de sangue, e estes se podem chamar felizes ainda que os dominasse alguma paixão da classe das menos bravas, como são as paixões literarias, que ainda que fizessem dar algumas cabeçadas não derramavão sangue, nem enchião o universo de luto. O desgraçado seculo em que existimos, he o seculo das paixões politicas. A politica, assim como, em quanto a mim, as estereis sciencias exactas, e afflictivos calcu-

los, occupa o espirito com graves combinações. Ora estas combinações lhe devião ensinar a conhecer as manqueiras, e as fraquezas dos homens, apezar de seus diversos interesses a illustrar-lhes a alma, e a moderar-lhe o impeto, e o fogo da imaginação, e depois dissipar-lhe as illusões enganadoras, que o levão ao precipicio. Mas longe de extinguir, ao menos modificar as paixões, a politica as inflamma todas, e parece que o malvado, e violento imperio Corsego, quer concentrar em si todas as affeições, e todos os erros dos homens, que elle tem promettido illustrar. As promessas Francezes párão todas no proverbio dos Latinos, *Fides punica*; Palavra Carthagineza « isto he mentira, engano, e perfidia » Este infernal governo vive sempre em suspeitas como os amantes; he tyranno como os ciosos; ávido como os jogadores; arrebatado, e impetuoso como os fanaticos; injusto, e cruel como todos os ambiciosos: estes doces effeitos tem produzido sua politica. O furor insano dos combates o anima

sem cessar. Ora esta paixão sanguinaria, com vergonha, e opprobrio da humanidade, he a mais constante de todas, e a que tem embebedado em todos os tempos com o estrondoso nome de gloria aos póvos, e aos monarcas. Poucas vezes no mundo se tem visto o raro fenomeno do espectaculo de hum guerreiro triunfador, que não considere na victoria mais do que o meio efficaz de dar a paz á humanidade consternada.

Em vão a natureza, e a religião levantão por toda a parte a voz, e mandão aos homens que se amem reciprocamente, servem-se do nome da natureza, e da religião para exterminarem os povos. Os salteadores Francezes do tempo da revolução, dizião-se regeneradores do direito natural para restabelecerem os homens na sua posse, e restituirem-lhes o que a ambição lhes havia roubado; e degolavão, roubavão, e escravizavão mais os homens a quem vinhão aturdir com o nome de liberdade, e deigualdade. Os resultados desta politica, eu os vejo, e experimento no estado de ver-

dadeira desgraça em que se conservou Potugal por oito mezes. He verdade, que estas desgraças não são novas. Em todos os tempos vio a justiça profanar suas maximas, e seus mais sagrados principios, para cobrir com o manto da politica as querelas sanguinolentas das nações, as pretenções desaforadas do orgulho, as conquistas da ambição, os calculos de hum interesse sordido, ou as vinganças de huma louca vaidade offendida? Que poder, ou Nume tutelar se devê invocar na terra para se extinguir, e acabar de tempos a tempos este flagello terrivel das paixões politicas, para socegar, acalmar estas formidaveis tempestades, e fazer que o universo respire hum pouco nas medonhas convulsões, que parece o querem abalar, e sacudir de seus mesmos eixos? Ora na verdade, eu vou ser neste instante: «*Vox clamantis in deserto*» Mas eu fallo comigo mesmo, e tomo a liberdade de me dizer o que me parece; e parece-me, que á revolução politica só se podia oppôr huma contra revolução moral; se ella se ar-

reigasse, e propagasse nos póvos por mão da verdadeira filosofia, só esta poderia remediar tantos males. A esta palavra, moral, eu vejo que a frivolidade se surri ironicamente, oiço as preoccupações napoleonicas, e os sequazes ignorantes, e teimosos do grande homem dizerem, arqueando as sobracelhas, que eu indíco pontualmente para remedio dos males dos homens, aquillo mesmo que os causou.

Porém embora tomem as medidas que quizerem para confundir os principios, e os abusos, as quiméras, e as verdades; eu vou com a minha prelenga por diante, e torno a dizer, que a filosofia moral só póde abrir os olhos aos homens sobre seus verdadeiros interesses, espancar com sua luz a sombra que os rodêa, e involve, e conduzi-los á felicidade pelo caminho da moderação; e em quanto se separarem estas duas coisas, politica, e moral, não terão paz os homens, nem socego a terra. He verdade que ha no presente seculo grandes motivos para accusar a filósofia; com este no-

me se perpetrárão os crimes mais atrozes em a revolução, foi ella a capa com que quizerão cobrir os abominaveis attentados, que enchêrão de sangue, e lagrimas o mundo. Não he desta filosofia que eu fallo, ou de que se deva esperar o beneficio, e o remedio. He preciso conhecer a fundo toda a significação da palavra filosofia, e sua accepção entre seus verdadeiros cultivadores. Quando os primeiros sábios lhe chamárão o amor da sabedoria não tiverão em vista, e consideração outro objecto mais do que a moral, e desta derivárão a felicidade publica, e particular, os principios da justiça, da honra, da legislação, e da politica. Tudo o que não era a sciencia dos costumes, a cultura, e amor da virtude era accessorio á idéa, ou conceito que formárão da filosofia. Assim a vemos cultivada entre os Gregos, assim floreceo nas suas mais illustres escólas, assim a vemos adorada entre os Romanos, e basta lançar os olhos para os escriptos do consul orador, e do immortal, e infeliz mestre do ingrato Néro.

No principio da fatal revolução, (que entre os males que causou *ao* mundo, o maior he obrigar-nos a fallar della) apparecêrão ladrões, *e furiosos*, que enfeitarão com o nome *de* filosofia, o crime, e o delirio, elles mesmos se dissérão filosofos, como depois Buonaparte se chama a si mesmo em hum discurso que lhe *fizerão*, para elle dizer que o tinha feito aos curas das suas dioceses da Italia. Isto vem a ser o mesmo que o salteador, que veste a casaca, e põe o capote do honrado cidadão a quem *tirou* a vida. He enxovalhar, e insultar o nome, e magestade da filosofia moral, chamar filosofos a homens, que fallando de principios, erão os mais inconsequentes; fallando de igualdade, erão os tyrannos mais atrozes; fallando de justiça, erão, e são os ladrões mais refinados; e fallando de humanidade, degolavão a eito quantos homens de bem, ou restavão da tempera velha, ou apparecião de novo, e praguejávão seus procedimentos. Estes erão os monstros que se dizião filosofos, e o povo tinha ra-

zão de se malquistar com a palavra filosofia, vendo que erão degolados os que fazião pública, e verdadeira profissão da filosofia moral. Fôrão passeando a guilhotina, e lá ficárão até ao dia de hoje Lavoisier, Larochefoucault, Bailly, Angran, d'Alleray, e outros, que não erão de tão sabido lote, mas conhecidos por sábios, oradores, ou melhor assim, por sofistas pacificos. Os monstros que os sacrificárão, erão huns malvados vilissimos, e que estavão persuadidos, que nunca poderião merecer hum nome menos odioso que este.

Ora com effeito, sendo este o maior desaforo a que podião chegar os homens, cometterem estas maldades, e chamarem-se filosofos, e pôr a alcunha de filosofico ao tempo das maiores atrocidades, e dos mais escandolosos delictos, que se tem perpetrado sobre este mesquinho globo! A època da historia antiga, e moderna, em que se póde dizer, que pelo que pertence ao estado social, e civil, tenhão a justiça, a razão, e a ventura conservado algum imperio no mun-

do, foi sem dúvida no reinado dos Antoninos, quando Marco Aurelio appareceo com seus tratados de moral filosofica, então se virão os costumes menos corrompidos, e o sentimento da liberdade não de todo extinto: então se póde dizer, que a verdadeira, e mais util filosofia se sentara no throno. Ah! se esta filosofia pacifica, extinctas as dessoladoras opiniões politicas, governasse em fim os estados da Europa, então não se veria este furor de exterminar, esta ancia de invadir, esta pertinacia de conquistar, este prurido de possuir o alheio; esta diabolica manía de buonapartismo, este delirio, que divide os homens, extingue a luz da razão, infelicita as nações, embaraça a circulação do sangue social, espalha, e derrama a miseria, inquieta o socego universal, e nos obriga, oppressos de tantos males, a aborrecer a mesma existencia.

SOLILOQUIO LXXV.

Tenho visto muitas vezes em Portugal, (onde na verdade, existe como universal o espirito da rabolice, onde parece que ha mais demandas, que individuos, pois tenho ouvido dizer a muitos, cheios de consolação, trago agora onze demandas, e já encontrei hum, que tinha cincoenta por divertimento,) terminarem-se pleitos bem renhidos com huma acommodação. Dizem algumas pessoas (se mentem, pela alma lhes preste) que vírão, ou ouvírão dizer, que alguns medicos tem curado algumas enfermidades. Eu mesmo tenho visto apagar furiosos incendios com as acertadas manobras da doutissima mestrança da ribeira, ajudada com as pragas, e barrís dos aguadeiros. Em fim huma subita mudança termina os estragos, que a tempestade, e me-

teóros destruidores tem feito por vastas campinas. Só ha huma contagião mais pestifera, e perigosa, huma doença de todo interminavel, e incuravel na especie humana, que he neste desgraçado seculo, o diabolico espirito de partido. Tem-se buscado até agora, mas em vão, os meios de temperar seus furores, de adoçar seus venenos, de amortecer suas chammas. Este contagio infernal atiça o odio, sega o entendimento, deprava o coração, obscurece a razão, destroe os principios da filosofia moral, e até mina, solapa, dissolve os alicerces da ordem social; e he tal, e tão furiosa a paixão que inspira, que obriga o homem a se esquecer, e perder o cuidado de sua propria conservação para fazer mal ao seu similhante, e arruinar seus inimigos, que são todos aquelles que não opinão, que não julgão, que não sentem como elle. E he tal a raiva, e a cegueira, que ha homem tão desgraçado, que embaido do fanatismo, que lhe inspira o espirito de partido, quereria como Samsão ficar esmagado, e feito em hum bolo debaixo das rui-

nas do templo, com tanto que visse tambem esborrachados, e feitos em polme todos os seus inimigos. Desde que no seio das sociedades pelo combate das paixões, se desenvolveo o germe dos vicios, não houve època que desse mais provas, e mais demonstrações dos perigos desta funesta cegueira, do que a presente època de delirio, e de vertigem. O exemplo desgraçado da França tocou a rebate por todos os povos da Europa. Desde o momento da inconsiderada revolução, até á maior cabeçada que tem dado os homens, que foi consentirem Buonaparte no throno, eu tenho observado os partidos oppostos, como bestas bravas jogarem reciprocamente os coices, desprezando-se huns aos outros, aborrecendo-se, combatendo-se, proscrevendo-se, e sempre insultando-se com dicterios, e sarcasmos mais baixos, e infames, que os de duas assanhadas regateiras. Se os Maratistas triunfavão dos Brissotistas, ufanos com a victoria, usavão della como tyrannos, e se erão vencidos, não depunhão as armas, desprezavão o par-

tido dominante, e conspiravão contra elle com maior contumacia, e obstinação, e com huma constancia, ou pertinacia tão inepta, que annullavão todos os esforços, que fazia a moderação para extinguir o facho da discordia. De quantas desgraças foi causa entre nós esta infernal manía? A guerra dos partidos facilitou a entrada a esta enfiada de salteadores, de cuja incapacidade he prova huma só palavra que profirão.

Qual será o remedio deste mal tão destruidor? A força? Multiplica os inimigos, que intenta se não extinguir, ao menos domar. As leis? As leis nada pódem sobre as opiniões: não chegão ao interno tribunal do homem, se pódem enfrear as acções; não cohibem os sentimentos, e se ellas são severas, trazem infallivelmente comsigo a reacção, causada pela compressão; nada ha mais elastico que o homem moral. Servirá a moral para reprimir o espirito de partido? Triste da minha vida! Esta moral he o capote com que cada partido se cobre. Hum julga fazer grandes ser-

viços á sua patria; outro ao seu principe. Hum invoca a virtude, outro a honra, o primeiro attesta os juramentos públicos, as sanções solemnes, o segundo brada desesperado pelas obrigações pessoaes. Cada hum tem debaixo de seus estandartes a palavra « Justiça » mas traduzida na lingua da sua paixão, e crendo, ou imaginando defender a boa causa, considéra todos os meios como legitimos contra os inimigos, que lhe parecem criminosos. E haverá receita efficaz para este mal? Parece-me que não existe mais do que huma unica virtude, que por sua força doce, e magica, possa desarmar tantas paixões, dissipar as sombras de tantos erros, e pôr termo a tantas calamidades. O nome desta virtude pura, simples, e doce como ella, he tão claro que não admitte interpretação duvidosa, he sempre o mesmo em todas as linguas: offerece a todos os corações hum unanime, e universal sentimento, e a todos os escriptos huma só, e invariavel idéa. Este nome sagrado, esta virtude sublime, e admiravel he a

benevolencia. Esta he a primeira voz que a natureza faz soar dentro em nossas almas desde o momento em que pela reflexão conhecemos, que todos somos irmãos. A benevolencia, he a virtude que o coração humano sente primeiro, e que primeiro pratíca, ainda antes que se desenvolvão em toda a extensão as faculdades intellectuaes; porque a vemos praticar até na mesma infancia, sem que intervenha a idéa do interesse, que he o primeiro movel de todas as acções humanas.

Legisladores, magistrados, instituidores da mocidade, filosofos, poetas, moralistas, homens de todas as classes, de todas as idades, de todas as opiniões, de todos os estados, vinde reunir-vos á roda deste estandarte pacifico, e pacificador; ensinai a todos, e recomendai por toda a parte esta angelica virtude; derramai em todos os corações, em todos os espiritos sua unção salutifera; só ella póde fazer renascer, e avivar o desejo da tranquillidade, amortecer o incendio devastador de tantas guerras, reprimir

o impeto da soberba, e despotismo de hum Nabuco deslumbrado com a usurpada soberania; e dar aos homens a tão necessaria tolerancia civil, encadear o furor das conquistas, e se ha erros na legislação, e no governo, deixar que os homens vivão felizes com o seu erro; só ella póde espancar os fantasmas sanguinarios do fanatismo politico, adoçar nossa existencia, e inspirar-nos resignação pela nossa condição de mortalidade.

SOLILOQUIO LXXVI.

Não sei porque fatalidade nos pintão o templo da virtude, edificado em huma tão alta e escarpada montanha, que tornando-se inaccessivel, apenas se nos deixa vêr de tão longe, que esmorecem no meio do caminho os mais vivos, e mais ardentes desejos de a conseguir. Os Estoicos, homens os mais casmurros, cabeçudos, e teimosos que tem apparecido no mundo, fôrão os primeiros architectos do tal templo, e parece-me, que elle existio mais na sua imaginação, que encarapitado na tal montanha; sempre me aborreceo sua afectada aspereza, vi que exageravão infinitamente as coisas, e desejei dar outra definição da virtude, que a despojasse das formas austeras, que a fazem crer inaccessivel a maior parte dos homens. A virtude nasce de

hum sentimento, que a naturesa imprime em todos os coraçães até se transformar em hum habito feliz, quando a corrupção social não destroe esta disposição primitiva. A' força de meditação sobre este objecto, conheci, que o principio da virtude tem sua existencia em nossa sensibilidade. Verdade constante, que nos prova, que em lugar de devermos trepar por huma fragosa, e escarpada montanha para entrarmos no templo da virtude, só devemos seguir docemente o pendor natural, que nos inclina á mesma virtude. Conhecida huma vez a consequencia deste principio, devemos de todo julgar inepta á exclamação de Bruto moribundo, que assegurava o triunfo, e victoria dos perversos, licenciando para sempre o exercito dos homens de bem. Quasi todos os filosofos da seita de Stoa, e seus modernos sequazes, e commentadores fizerão da virtude hum numero desconhecido, ou hum triste calculo, ou como Malebranches, hum amor methafysico da ordem, e huma perfeição quimerica, e desanimado-

ra. Quando eu consultava nossa propria fraqueza, e a necessidade que temos dos socorros dos outros homens nossos similhantes, quando reflectia sobre a natural compaixão que sentimos dos males alheios, pela lembrança reflectida, que tambem podemos ser victimas das mesmas desgraças; em todos estes objectos eu descobri a origem pura de hum sentimento a que chamo benevolencia, ou virtude. A ingenuidade terna, e ditoza da infancia, a qual devia aperfeiçoar-se, e não mudar-se; a amavel candura da juventude, a doce, e singela hospitalidade dos salvagens, mostrão bem que a virtude nos he natural, e que todos os homens havendo nascido irmãos, e conservando este caracter em estado da natureza, se tornárão implacaveis rivaes em o estado da sociedade.

A impressão que nos faz o aspecto de hum cadaver, crivado de ballas, ou cortado de ferro, o estranho arripiamento, que eu sinto com a leitura de algumas passagens de Stacio, a commoção que todos experimen-

tão na representação de alguns dramas, mostrão com evidencia, que a virtude he mais hum sentimento que huma força. Os Estoicos trombudos e rispidos quizerão só fazer admirar a virtude; bastaria na verdade que a fizessem amar. Tudo o que se nos annuncia como sublime, nos parece desde logo inaccessivel: a simplicidade esmorece, e só hum vicio se atreve a emprehender, que he a ambição. He preciso pois que esta benevolencia exista, porque sem modélo não póde haver cópia. A sympathia, que o egoismo destruio, tinha precedido esta benevolencia. Mas tal he a corrupção do estado social, que se levantão mil vezes detractores da humanidade, que procurão justificar hum vil motivo de interesse pessoal nas acções mais generosas, e até no sublime sacrificio de Decio, e na espantosa renuncia da monarquia que fez Salvador Ribeiro de Sousa, caso unico na historia do mundo; as almas grandes existem no seio, e na ordem da natureza, as almas baixas apartão-se de seus principios, e suas

leis. A sensibilidade pois que não he conduzida, e illustrada pela razão, não corresponde ao fim da natureza, ainda que corresponda ao fim da sociedade. Eu conheci esta verdade olhando para os grandes quadros que nos offerecem as nossas historias da India; alli vi como alguns habitantes do Indostão se affligão com o mais ligeiro incommodo que padeção em suas viagens, como os Naires, que se dizem de castas nobres sejão impacientes com a mais leve contradicção, e como permaneção insensiveis aos trabalhos continuos a que estão condemnadas as castas inferiores. Os crimes filhos da corrupção social, procurão tornar exclusivos os nossos sentimentos, e encerrar a beneficencia no estreito circulo de huma familia, ou ainda no circulo mais extenso da patria. A virtude não he somente huma disposição feliz, hum habito louvavel, mas huma doutrina profunda. A natureza nos dá direcções, que devião ser prologomenos de todas as theorias sociaes. A verdadeira satisfação do homem consiste mais em se sepa-

rar dos males, e em os evitar, que em adquirir os bens, e por isto poucos homens gozão da felicidade dos outros, e quasi todos estão dispostos a participar dos males alheios. Evitar o mal he fazer bem, e para huma boa alma o ultimo periodo de satisfação, he ser util a todos os homens: eis-aqui por onde se deve graduar a sensibilidade, e determinar nossa escolha entre as differentes especies de bem que devemos fazer. A lei he huma cadeia, que a virtude magnetiza para lhe fazer attrahir de longe o que ella não podesse abraçar de perto; e a alma do homem virtuoso engrandecida, e dilatada pelo habito de grandes idéas se tornará em hum templo immenso, em que verá sempre diante de seus olhos o genero humano, e em que se considerará tambem exposta á contemplação do genero humano.

Todas as virtudes pois se derivão da sensibilidade (eu fallo sempre das virtudes naturaes,) e por isso todas as virtudes são amaveis, ainda que assim se tenhão procurado fazê-las in-

trataveis, e austeras; mas ainda que ellas sejão doces, e amaveis, não diminue por isto sua força, e energia, e o mesmo rigor, que mostra a justiça contra os culpados, he hum dever que dicta a compaixão que sentimos das desgraças que o crime causa, e derrama no meio da sociedade humana. A sensibilidade não tolhe a severidade da justiça, e quando nos mostramos austeros contra hum criminoso tambem nos mostramos humanos a beneficio da sociedade, cuja ventura o mesmo crime quer destruir. Nada ha mais ridiculo, que os conceitos methafysicos dos chamados filosofos, que contão por nada o mal real, que custa o bem imaginario, que elles promettem: tal he a conducta dos Francezes, chamados melhoradores do genero humano. Jaques em todos os seus escriptos he hum rival insensato daquella palavra, que fez de hum cáhos o mundo sua infatigavel penna; quiz fazer hum cáhos de hum mundo. Não há palavra mais frequente na bocca de Jaques, que a palavra virtude. Longas, e estereis especulações

occupão longas paginas para descrever a virtude, para estabelecer sua essencia, e nunca lhe chega á raiz. Querer o bem, preferir sempre o maior bem, caminhar constante por entre obstaculos ao maior bem possivel, eis-aqui a theoria verdadeira, sólida, e segura da virtude. Serião os póvos venturosos se os legisladores, e os modernos dominadores procurassem com toda a ancía fazer a juncção da politica, e da moral.

Ah! filosofos, filósofos da revolucionada França, quem me déra que desde o fundo deste escondrijo, soassem em vossas orelhas as minhas palavras! Guardai-vos de offender essa vossa tão decantada patria, separando-a do resto do mundo, e mettendo-a no fundo do vosso coração. Seja ella para vós huma familia, e não huma facção, e não façais do seu amor huma conjuração contra o resto dos mortaes. Quando o feroz Catão, fosse qual fosse a materia, que tratava naquelle senado de reis, tão differente da villissima caterva, que compõe o de Buonaparte, bradava imperti-

nente. « He preciso destruir Carthago» eu desejaria que se levantasse huma voz no meio daquella assembléa, e que lhe dissesse. « Não, Catão causticador, não destruamos Carthago, acabemos Roma, aperfeiçoemos suas leis, humanizemos sua politica, purifiquemos seus costumes, povoemo-la de Fabricios, de Curios, de Camillos, e de Cincinnatos, seja ella mais ditosa que grande, mais respeitavel, que terrivel. Seja a escóla das virtudes, o templo das artes, o sanctuario da filosofia, o modélo das cidades, o exemplo, e não o espanto, e o terror do universo. Conjuremo-la, peçamos-lhe que suspenda sua fortuna, e que offereça a todos os seculos o sublime, soberbo, e respeitavel quadro da justiça, encadeando a victoria. Temamos que succumba debaixo da sua mesma grandeza, e desmedido pezo de seu poder, não a suffoquemos debaixo dos despojos das nações, e temamos contra ella, não sei que fatalidade vingadora, que tem feito mais de huma vez, que o triunfador encontre o tumulo na sua mesma con-

quista. Se os filosofos regeneradores escutassem no fundo de seu coração, quando começárão a dar o politico, mas funesto abalo ao mundo, quantas desgraças, quantos lutos se haverião poupado! Mas os filosofos, que podião bradar desta maneira, fizerão-nos emmudecer na guilhotina, acabando-lhe de todo a casta; levantou-se em seu lugar huma praga de Vandalos salteadores, que até se introduzirão em Portugal sem que os chamassem, que assoalhando a palavra virtude, nos fizerão victimas do mais escandaloso latrocinio.

SOLILOQUIO LXXVII.

Desde Gil Vicente até agora sempre nós os Portuguezes fomos desditosos com o theatro: a algumas farças ridiculas, tediosas, e obscenissimas, que ainda se conservão impressas, seguírão-se as castelhanadas ainda peiores, além da secatura eterna das jornadas, os mesmos titulos das chamadas comedias, erão tão extravagantes como sua materia, seus enredos, e suas peripecias. Chovião em cima das taboas theatraes os Calderoens, os Solis, os fecundissimos, e estereis Lopes; e os nossos imitando, e seguindo estes modélos, sahião-se com cópias ainda peiores. O genio do seculo, e corrupção do gosto, parece que conservada de proposito na repartição do Parnaso, encadeavão os genios, e os obrigavão a sacrificar o talento á estupidez publica. Se o pobre, e quei-

mado Antonio José Judeo), antes de o chamuscarem, porque depois não podia ser, lançasse os olhos para os escriptos de Moliere, terião os Portuguezes hum verdadeiro poeta dramatico. O penetrante espirito do infeliz Hebreo, a fartura, e abundancia da lingua Portugueza, pela multidão de seus equivocos, de seus proloquios, de suas aluzões, e agudezas naturaes, terião dado obras acabadas, em lugar do labyrintho de Creta, e o alecrim, e mangerona; mas não foi assim; ficamos atolados no mesmo lodaçal das comedias Castelhanas, até que ao nosso modo se começárão a verter, ou inverter algumas de Metastasio, e se representou Alexandre na India no mais soberbo theatro que vio o mundo depois da ruina dos Romanos, levantado, e sustentado pela magnificencia de D. João V.º Facilitárão-se depois as traducções de alguns dramas Francezes, e atrevemo-nos a pôr em scena algumas tragedias, e comedias regulares feitas conforme as regras da razão, e da natureza; porque nunca ambas juntas mandão coisas oppos-

tas. Mas a fatalidade da desgraça, do theatro Portuguez prevalece sempre. Com bons exemplares diante podião os senhores dados ás musas, que tanto blazonão de levantado entendimento, dar algumas cópias perfeitas: não foi assim, antes parece que se empenhárão em deitar de todo de pernas ao ar a pobre scena Portugueza, conduzindo-a a huma miseravel decadencia. He tal a lastima que o homem de bom siso gostaria mais de vêr representar as variedades de Protheo, e os precipicios de Faetonte, do que o apontoado de infamias, e desconexos, que em má prosa, e peiores versos nos imbutem todos os dias, ou todas as noites. A ultima vez que entrei no theatro, fugi logo atormentado com o espectaculo de duzentos pobres na scena, como senão bastassem os que andão pelas portas, e intupem as ruas. Em primeiro lugar, parece, que a exageração se tem apossado exclusivamente de todos os nossos espectaculos: authores, actores, expectadores, todos á mão tente, parece que tem conspirado contra o verdadeiro

genero, e verdadeiros principios. Do que se chama rigorosamente opera, me livrei eu sempre, não a vendo; creio que só servirá para aquelles a quem para dormir não aproveita huma boa dóse de opio.

Nesta composição, ultimo effeito da moleza, e corrupção Italiana, a escolha dos poemas deita a perder a musica, e o novo systema de musica reduz a nada os melhores poemas. Cantar sempre! Isto he coisa que possa sustentar hum quarto de hora o verosimil! Cantarem todos, e em todas as circumstancias! Isto nem se observaria em huma casa de doidos, composta toda de musicos. Vê-se muitas vezes dar-se cantando huma sentença de morte, recebella cantando o réo, e executalla cantando o carrasco. Cantando se bebe hum cópo de veneno, como quem emborca hum de Carcavellos, ou Madeira; e o que mais desafia, e provóca a minha cólera, cantando se diz hum segredo ao ouvido. Não sei por que fatalidade se introduzio esta monstruosidade em a scena, e com tudo he a mais frequenta-

da, e applaudida, e ha almas tão ôcas entre nós, que até se chegão a rir das graças de huma burleta, e eu ouvi retenir o theatro com palmadas ao apparecimento do primeiro bufo caricato. Nas comedias que se nos apresentão a pobre Thalia está violada, e forçada. Antes apparecesse Polinardo na Suecia, ou a Confusão de hum retrato, que as miserias do anno de 1800. As scenas observadas na sociedade aos ridiculos observados, e tiradas do centro do coração humano, se substituírão caractéres fantasticos, intrigas extravagantes sem verosimilhança, sem ordem, e o peior de tudo sem moral, pois longe de ensinarem ridicularizando, e rindo, corrompem insinuando, e facilitando os meios do crime; de maneira que alguns pais de familia perseguidos, e importunados pelas pobres filhas, cançadas toda a semana com o trabalho domestico, que as levem ao theatro, são obrigados a sahirem com ellas precipitadamente do camarote, para que não aprendão da bocca daquelles moralistas lições, que as con-

duzão ao precipicio, porque a primeira coisa, que se lhes ensina, he a maneira de lograrem os pais, até de tirarem debaixo do travesseiro as chaves da porta da rua. Pois a triste Melpomene! Quam abatida, e vilipendiada se tem visto entre nós! Protestão respeita-la, e assim mesmo a tem transfigurado. Era huma grande matronaça no theatro Grego, Latino, e Francez, pois muito pouco se distingue já de huma prostituta. Forçárão-se os meios tragicos, e as grandes paixões, tambem fôrão vendidas por huma coisa, que se chama golpes de theatro, grandes, complicados, e enormes acontecimentos, e aventuras romanescas, e monstruosas. Despedírão-se de nossos theatros a simplicidade Grega, e a magestade dos primeiros exemplares Francezes. Em fim, ás maravilhas da arte theatral succedêrão delirios de imaginação, e tem chegado a extravagancia, a corrupção do gosto, e manía da novidade no bom que he sempre invariavel, até a formar tragedias de assumptos fantasticos, que se não encontrão nem

pelo paiz da fabula, nem nos vastos, e dilatados campos da historia.

Conheço que he preciso conceder ao genio huma liberdade nobre, livra-lo do empácho das regras arbitrarias, e que não se dirivão de principio algum da razão, nem apparecem no seio da natureza; mas concedendo-se esta liberdade ao espirito creador, não se lhe permitte que arremece de todo o jugo da razão, nem tome nos dentes o freio da verosimilhança (tenhão paciencia com a metafora.) Os juizes pedantescos sentados sobre os limites da carreira seguida pelos que já morrêrão, isto he, repimpados nos bancos pulverulentos das escólas, onde de ordinario se escutão muitas razões, e se observão poucas obras, como homens verdadeiramente glaciaes, em lugar de animarem os vôos sublimes, e inovações brilhantes, e uteis, não o fazem, ou não se atrevem a faze-lo. São ostras pegadas aos rochedos, tem vida, mas não tem movimento local; não ha arrancalos da theoria, que estudárão pelo livrinho, e querem que os mais se não

apartem dalli hum só passo, ainda que a razão e o bom gósto o persuadão. Ha outros homens diametralmente oppostos a estes. São huns athletas ambiciosos, que caprichão traçar, e bater hum caminho novo; e esta presumpção os aparta, e desvia do verdadeiro caminho, e tanto se apartão, que o perdem de vista. Eu direi sempre aos primeiros: meus amigos; estreitar, e apertar o caminho, não he aplaina-lo, nem se póde correr com liberdade, quando se obriga o que corre a pôr os pés em certas, e determinadas balizas. Eu direi aos segundos, tirar a meta do seu lugar, não he alargar o espaço da carreira. *Medio tutissimus ibis*, nem tão magro, que pareça hum esqueleto, nem tão gordo, que pareça hum monstro. Porém tudo isto em Portugal he clamar no deserto, e não ha coisa mais inutil que pregar moderação aos homens no meio dos actuaes delirios. A quéda das artes, foi tão rápida entre nós como foi lenta, e vagarosa sua elevação. As desordens do engenho são peiores agora, que a baixe-

sa, e puerilidade do mesmo engenho no seculo de 600. Assim á nobre arquitectura Grega, e Romana, cujos progressos até á pefeição fôrão tão lentos, succedêrão repentinamente as extravagancias barbaras da arquitectura Arabe, e Tudesca.

SOLILOQUIO LXXVIII.

Ainda que eu procure anciosamente desviar a imaginação de objectos tristes, sombrios, e melancolicos, e espairecer pelas alegres, e frivolas campinas das questões literarias, nem sempre o posso fazer. Hum observador de ruinas de Athenas, de Roma, e de Palmira, não póde separar de si a idéa triste da voracidade do tempo, e da vicissitude, e inconstancia das coisas humanas, nem póde no meio da contemplação destes estragos, volver os olhos para objectos risonhos, e agradaveis. O estado actual da Europa offerece sempre á minha contemplação o espectaculo das ruinas moraes, tão capazes de despertar em mim o conhecimento da depravação humana em o estado social. O medonho, ou fantastico colosso do imperio Francez,

he para mim hum manancial contínuo de profundas reflexões. O despotismo levado ao excesso pelo abominavel imperio, creado pela perfidia, e pela mais louca ambição que até agora se tem assenhoreado do coração humano, tem feito da terra hum theatro de lagrimas, e desventura. Os Francezes adquirírão á força de delirios hum caracter, novo, que os constitue em opposição com o interesse de todas as nações, e lhes inspira hum odio violento, hum profundo desprezo para com todos os estados do mundo. Fizerão-se os Francezes descarados, e insolentes de tal maneira, tão corrompidos, tão immoraes, que impunemente se arrogão o direito de tyrannizar o mundo inteiro. Estão possuidos do espirito de conquista; e este espirito he hum verdadeiro furor, que se tem transformado em latrocinio público, e universal. Dividírão as nações em duas partes, corrompêrão, e immoralizārão huma, e infelicitárão, e roubárão a outra. Primeiro se corrompêrão a si, e começárão sem parar a confundir o

abuso com o poder, a licença com a liberdade, a lei com o capricho, a violencia com o direito. Isto se conheceo desde o principio de sua revolta, e depois de escravos miseraveis em o dominio de Buonaparte, tem chegado a tal excesso de desaforo, e corrupção, que aluírão, e destruirão todas as barreiras do pejo, e da justiça; tem violado todos os direitos, e commettido todos os crimes na cobarde invasão de Portugal; tem aqui escarnecido, e mofado da liberdade, da honra, dos privilegios mais sagrados para cevar sua escandalosa, e sacrilega rapacidade. Desde a funesta época da acclamação de Buonaparte, a historia desta nação depravada não offerece mais que hum encadeamento extravagante de liberdade apparente, e de escravidão real; de emprezas temerarias, e de desgraças permanentes; de tentativas ferozes, e de argumento de cobardia; e em todos os seus passos, não se descobrem mais do que faltas, excessos, e crimes. Quando aqui vimos entrar a caterva faminta de salteadores, não vi-

mos mais do que o aspecto da miseria, da fome, e da mais baixa, e sordida avareza; com tudo por huma contradicção incomprehensivel sabemos, que tem comprado victorias, e partidos a preço de ouro, e com este ouro, roubado aliás tem excitado sedições, e revoltas em quasi todos os póvos. As vantagens que tem alcançado são filhas da corrupção, que astutamente soubérão derramar primeiro. Abusando, ou escarnecendo da palavra protecção, aquem até o povo mais rude, já sabe dar sua natural significação, tomão estes malvados a defensa das nações pequenas para se enrequecer com seus despojos, e exercitarem a mais vil, e ultrajante rapina.

O homem de bem já não descobre neste imperio do latrocinio mais do que hum povo ávido, injusto, ferôz, oppressor de seus mesmos concidadãos, e cuja ambição estudada, e reflectida se encaminha, não só a escravizar a Europa, mas se tanto poder, ambos os mundos, velho e novo. Não se tem observado depois da ele-

vação espantosa do Corso outra coisa mais que astucias, velhacarias, artificios, atrocidades, orgulho sem limites, cobiça sem freio, tramas de rapacidades, perfidias nos procedimentos, protextos váos, e falsos, infracção impudentissima dos tratados mais solemnes, violação dos direitos mais sagrados, desprezo de todos os potentados, e perenne insulto da magestade, e soberania de todos os povos. Em fim para gravar, e perpetuar no coração dos que tem nascido depois da revolução, a insolencia, a audacia, e o odio contra o genero humano, os cooperadores do tyranno público, que governão, e dirigem mais em particular esta infame ralé, de nada se esquecem, e a nada perdoão; empregão todos os meios imaginaveis nas escólas públicas, e particulares, nos theatros, e em toda a qualidade de espectaculos; armão toda a especie de farças, de filippicas, e declamações extravagantes, e indecentes, ensinando-lhes a usar indistinctamente da mentira, e da verdade, e a não sentirem pejo de serem

escolhidos com hum furto nas mãos, ou executando huma manifesta perfidia, aleivosia, e ingratidão; eis-aqui o monstro, cuja perda interessa a todas as nações da terra: os chamados barbaros Argelinos não são mais que huns filosofos pacificos, quando os compáro com os Francezes: seu procedimento entre nós tem sido huma prova incontestavel da barbaridade innata deste povo, que para se manifestar, não aguarda senão o momento da licença. A despeito da cultura das artes, e sciencias, das leis, e das instituições civís, tem conservado sempre intacto até nossos dias, seu caracter feroz, e primitivo, em quanto todos os outros povos da Europa tem de todo despido, e deposto a rudez, e ferocidade antiga, sem exceptuarmos a mesma Russia, que ha pouco mais de hum seculo nos dava o espectaculo de homens pouco differentes dos ursos na existencia, e sociedade civil.

O governo Francez longe de se oppôr ao regresso para a barbaridade primitiva, a promove, ajuda, e

lhe dá huma continuada impulsão. A' depravação dos costumes se tem seguido huma total cegueira de entendimento, porque no estado actual ousão os Francezes gabar, e preconizar sua ventura, e liberdade, e fallar de independencia, e soberania entre os ferros da mais vergonhosa escravidão. O que mais me escandaliza he chamarem-se os Francezes illustrados, e regeneradores, e estamos vendo, que não podemos existir entre elles, e com elles sem hum manifesto perigo da vida, e da bolsa, e ousão estes malvados chamarem-se o primeiro povo do universo!

SOLILOQUIO LXXIX.

Mais de tres grossos volumes em 8.º enchêrão os Francezes com o rol das preciosidades das boas artes que furtárão pela Italia, e Alemanha. Estatuas, bustos, relevos, quadros originaes dos primeiros mestres fôrão prezas miseraveis de sua insaciavel cubiça, e rapacidade. Não lhe escapou o mesmo quadro da transfiguração, que apanhárão em Monte Citorio, tudo alimpárão sem piedade, nem perdoárão á sua mesma nação, arrancando os monumentos das boas artes dos lugares em que os conservava, ou o gosto, ou propriedade, despojando as casas de seus legitimos possuidores, para encherem vastissimos salões do que elles chamão museo das artes, e com effeito, segundo o rol alli se guarda tudo quanto mais raro nesta repartição

possuia a Europa: alli se admirão as mais subidas producções de Miguel Angelo, de Rafael, de Albano, de Salvador Rosa, de Bernini, de Girardon, etc. Ora quando acabei de lêr o catalogo, correndo com a imaginação insaciavel de bellezas todos estes prodigios, enterrado de todo na minha estranha, porém habitual melancolia, eu disse comigo: todas estas bellezas serão reduzidas a cinzas pela fatal disposição, que estes barbaros Francezes tem para o perfeito Vandalismo. Estes lenços, que parecem reflectir a natureza brilhante, quando ao sahir das mãos do Creado appareceo orvalhada com o rocío da primeira aurora, serão pastos das chammas, e as labaredas devastadoras anniquillárão com voracidade tudo o que, imaginado só, me causa tão doce emoção como effeito do bello, e do grande. Esta supposição dolorosa derramou dentro em minha alma torrentes de amargura, antevendo hum futuro inevitavel, e considerando aquelle immenso deposito, onde se juntárão tantas bellezas quaes não

vio Corintho, nem Athenas, nem Roma, como o theatro do Vandalismo.

Para me consolar eu li outros volumes ainda mais taludos, que são os da receita das preciosidades literarias tambem adquiridas pelas leis mais sagradas para Francezes, que são as da rapina. Com estes furtos enchêrão aquillo a que elles chamão bibliotheca nacional Com effeito he o mais numeroso exercito de paginas que se tem formado; além da epidemia de livros Francezes de todas as idades em cuja producção sempre fôrão infatigaveis, elles roubárão tudo quanto havia precioso, e raro no mundo. Não lhes escapou o presente digno de Leão X., e mandado ao monarcha de mais extenso dominio: já lá foi outro dia a celebre biblia de Belém. Tirárão do Vaticano o que quizerão, empalmárão monumentos consoladores para o homem de genio. O Tito Livio de que usou Machiavello, anotado á margem pela sua mão. O Homero, e Sparciano de Angelo Policiano. O Ovidio que foi de Petrarcha, e commentado por elle. O

authografo da Jerusalém da mesma letra do Tasso, em fim tudo o que tinha valor pela raridade, e o que nos excitava doces sensações sobre os homens de extraordinario merito. Vinte grandes salões estão cheios destes monumentos preciosos, e refundírão neste reservatorio o que havia melhor no Louvre, e em todas as vastas bibliothecas de Paris. Nada ha mais curioso que o catalogo destas raridades, e eu depois de sua leitura me vi assaltado, e combatido de outra não menos melancolica imaginação. Figurou-se-me que passeava nestes vastos salões, e que de hum daquelles cantos, já cobertos de teas de aranha, me fallava huma Sibylla, e com o tom medonho de Calchas, ou do eremita Pedro, me dizia: « Hum destino implacavel empurra para a anniquillação todos estes filhos, e netos do engenho humano. Todo este immenso armazem será pasto das chammas devorantes: e este montão de livros bons, ou máos, somniferos, ou interessantes, sãos, ou corrompidos, terá a mesma sorte que teve a

bibliotheca, de Ptolomeu, sem escapar hum só, tudo arderá desde a mais sublime producção do reinado de Luiz XIV, até a mais destampada novella do imperio de Buonaparte. » Espantado com este tristissimo agouro, hia a sahir daquelle domicilio antes que me lambessem tambem as promettidas labaredas, tornei a escutar outra vez a voz, que sahia das têas de aranha: « Ora pois, o destino pôz em tuas mãos salvar hum destes dois monumentos, conservar-se-ha hum pela ruina do outro, tu deves determinar a existencia, e anniquillação, mas he preciso escolher, e decidir; a operação he indispensavel. » Ainda fiquei mais atonito, porque não ha que brincar com bruxas, e com os destinos, e he preciso até beijar-lhe a mão com grandes cumprimentos, quando entre dois males nos deixão escolher aquelle que nos pareça menor, e que não offenda tanto nossas inclinações, nossos habitos, e que mais facilmente possamos supportar, isto he, aquelle, cuja intensidade dolorosa nos pareça menor. Em fim, respondi, que

ainda que me parecesse immensa a perda do museo das artes, onde existem tantos extremos, e apuros do pincel, e do cinzel, com tudo comparando-a á perda da livraria deposito unico, ou dos beneficios, ou dos destemperos do engenho humano, eu a reputava menor, e assim que ardessem os paineis quando quizessem, e que entrassem quando lhes parecesse os vencedores de Marengo, e que fizessem o que costumão, que he mutilar quantos bonecos de pedra encontrão ainda que sejão de Fidias, e de Canóva. Isto he na verdade huma perda dolorosa, mas póde ser adoçada pela posse dos mais preciosos monumentos de literatura, que tocão de mais perto o coração, e o engenho.

Cada qual he levado da sua vontade, para onde ella quer, e sei que hum amador de pinturas olharia com indignação para a minha escolha, e talvez se risse de minha imbecilidade, vendo que eu não sabia apreciar a emoção enthusiasta, que causa a vista, e o exame de hum marmore, sobre o qual o estatuario tenha tra-

çado engenhosamente as seductoras feições da rainha dos amores, ou os musculos, e atitude athletica de hum Hercules Farnesio. Assim será, mas o extase, ou sensação de huma pintura diminue sempre em nós em porporção das vezes, que nella detemos os olhos. Já nos costumámos á contemplação da estatua equestre de elrei D. José, e passeamos á roda sem para lá levantar os olhos: os donos dos paineis quasi nunca olhão para elles, servem-lhes ou para acreditarem com a posse o seu bom gosto, ou para os mostrarem cheios de satisfação aos curiosos. A felicidade dos homens atêm-se mais ao conhecimento dos principios de moral, de economia, de prudencia, e de todas as virtude sociaes, que ao extase que póde produzir huma bella estatua.

Com effeito Roma possuia monumentos unicos em escultura, e arquitectura, e Roma embrutecida, e ignorante gemia sem remedio debaixo do jugo da dominação Gotica; porque se havia apagado a luz das sciencias. A legislação estava eclypsada com os

authores, que della havião tratado. A descoberta de hum unico exemplar de seu codigo, propagou pela Europa verdades eternas sepultadas havia tantos seculos. Hum bom livro (coisa rara na verdade) levanta a alma, e força hum coração depravado a não se desviar do caminho da honra, e da virtude, ainda que com effeito nunca chegue a fazer de hum general Francez hum Epaminondas, ou hum Themistocles. Nunca podêrão fazer este effeito no coração do homem, nem o mesmo roubado Moysés de Miguel Angelo, nem a mais formosa estatua mulheril de Allegri. Depois disto todos os principios, todas as theorias das bellas artes jazem pelos livros, com sua leitura se póde desenvolver o mechanismo do genio. Pódem renascer as artes, se existirem as sciencias; mas destruidas as sciencias, difficultosamente se levantárão, porque são fracas muletas as taes artes para as sustentarem. Seja embora despojado aquelle grande edificio, chamado museo de todos esses soberbos filhos do escopro, e da tinta, ainda que

nos representem a cabeça de hum Bossuet, de hum Pascal, ou de hum Buffon; esmigalha-se o busto velho de Plinio tambem o velho, e o ha pouco achado do orador consular, como restem suas producções estudarei nellas suas virtudes, invejarei santamente seus talentos, ainda que não saiba se fôrão feios ou gentis homens, trigueiros, ou louros, isso pouco importa. Se eu não vir as donzellas de Albano, os bosques, e ramagens de Perelle, os rios e as marinhas de Vanloo, lerei Francisco Rodrigues Lobo, Sanazaro, ou Jorge de Monte Mór. Isto he melhor que admirar hum marmore frio, ou embasbacar-me para a mistura de mudas tintas. Que importa, que os olhos se apascentem pelas alegres salas pintadas a fresco, se as funções do engenho me ficão suspensas, não havendo para mim tormento mais insupportavel que a ociosidade da alma. São mais bem empregados, pódem ser mais uteis aos outros homens os momentos dados á leitura dos immortaes escriptos de Seneca, que a ociosa vista de todo o museo

das artes, onde as estatuas, e os quadros estão chorando pela casa de seu dono, donde a titulo de protecção, e regeneração com futuro brilhante, fôrão tiradas.

SOLILOQUIO LXXX.

He preciso, pois cahimos do estado natural, no estado social, que os homens se ajuntem, se communiquem, e conversem huns com outros; estas conversações são os verdadeiros, e honestos encantos da vida, e sem esta communicabilidade a mesma vida he hum pezo, e hum tormento, porque em fim o homem já não póde, nem deve estar só. He hum alimento indispensavel para a conservação: porém tres coisas espancão, e dissipão este encanto das sociedades, como eu alcancei por huma longa observação; o orgulho de alguns individuos, que impede o inno-

cente desafogo, que os outros tem de conversarem como lhes parecer; a vaidade, que quer exclusivamente occupar o primeiro lugar na conversação de quem se constitue o oraculo por eleição propria; o ar destrahido, ou affectada desatenção ao que os outros estão dizendo. A's vezes todos estes defeitos concorrem em huma sociedade, se hum só mathematico se encontra na mesma sociedade. Só a modestia he o correctivo de todas estas pestes. Esta proposição he de huma evidencia incontestavel. Só a modestia póde dar encantos, e sustentar o actrativo do commercio da vida civil: ella inspira necessariamente huma universal benevolencia, que a todos abrange, porque só esta virtude nos mostra, que nascemos para os outros: só ella desterra o insocial egoismo, só ella ministra até aos individuos mais dados aos vicios os meios de se conciliarem, e de obrigarem os homens que não amão mais que a virtude, a conservar para com elles huma especie de attenção, e interesse. Com effeito o que me fez

aborrecer de morte as sociedades, foi observar continuamente alguns homens, que nunca affrouxavão do ar de importancia, que elles julgavão era proprio, e essencial, da sua dignidade pessoal, ou dos feitos de seus maiores, que já não existem.

Portugal está cheio destes fataes empecilhos. Homens verdadeiramente repugnantes, que tendo tanta facilidade de ser uteis a seus similhantes como outros tem de os arruinar, jámais quizerão sentir o dulcissimo prazer de fazer bem aos miseraveis. Outros homens vi na sociedade, que tendo chegado a hum estado de opulencia, e elevação, de que elles jámais se poderão lembrar, recebem no dia de hoje com ar frio, indifferente, grosseiro, e descortez o amigo com quem vivêrão na sociedade mais intima, chegando com a ingratidão até desconhecerem aquelles mesmos, de cujas mãos recebêrão beneficios no estado de indigencia, e de miseria. Lembro-me da maior parte das companhias que frequentei, e se intentasse agora fazer hum rol das inepcias,

das teimas, das entonações, que em todas observei, tinha que fallar eternamente comigo, e appareceria sem dúvida em toda a sua luz o quadro mais desagradavel. E que diria eu agora dos ajuntamentos, ou companhias presentes? A coisa mudou para peior, depois que as antigas ninherias que entretinhão os homens semanas inteiras, se mudárão na manía politica, em que cada qual pretende ser hum catedratico consumado? Mudárão-se os velhos cumprimentos no furor indomavel, e insaciavel do novelismo, e quando se esperava que a boa razão tivesse espancado a soberba das destinções velhas, multiplicárão-se os arbitros, e os tyrannos, das mesmas conversações, onde a soberba, a vaidade, a presumpção querem que pervaleção suas opiniões. Apparece sempre hum politicão profundo, que jurou não deixar fallar ninguem, levando seus discursos por diante, sem querer que os mais joguem tambem. Isto se oberva não só nesses (como agora lhes chamão) Clubs rasteiros, mas nas casas mais opulentas,

e abastadas. Se cançados estes oraculos de determinarem, e decidirem da sorte da Europa, e do mundo voltão o rumo para outra parte, ou a próa para outro rumo; ainda se me tornão mais insuportaveis as taes companhias; já senão falla em letras, em sciencias, em artes, em cultura, em progressos do engenho, em melhoramento na repartição scientifica: a livraria são as gazetas Francezas, e depois de lidas, e admiradas, apparece huma casa cheia de mulheres Naiades das fontes, pouco lhes falta para apparecerem em couro, e da outra parte meio batalhão de homens caricaturas, occupados a se namorarem mutuamente, e fallando sem tregoas, e sem descanço de walsas indecentes, de aventuras escandalosas, de orgias amotinadoras; não tendo nada que dizer, porque huns, e outros nada sabem. Ah! se a modestia sempre tão necessaria, e em todos os lugares tão amavel, succedesse a este tom commum, a estes modos grosseiros, a estes accentos lubricos, e livres, o homem de bem não se retiraria tanto

destas companhias, onde com a perda de moral, vai misturada toda a doçura da vida civil. Então appareceria a candura; a ingenuidade da alma em os beiços, as palavras, e as intenções andarião acordes. Ninguem se occuparia unicamente de si, cada hum se lembraria, que existe para os outros, todos terião parte na conversação, a manía de figurar não dominaria tantas cabeças ôcas, tantos miólos furados, e a verdadeira, e honesta liberdade se estabeleceria nas sociedades particulares, como eu desejo, que se estabeleça na sociedade geral, approximando-se já o tempo em que os homens possão viver sem Buonaparte, o mundo politico descance das convulsões em que anda sobre bases sólidas, e leis seguras, e tornemos todos a nossos antigos usos, melhorando a nossa condição, e procurando-lhe a felicidade de que he compativel com homens juntos.

SOLILOQUIO LXXXI.

Não ha coisa mais perigosa que a lisonja, nem coisa mais vil que os lisongeiros. Os lisongeiros prodigão louvores ás carradas a tudo o que diz, faz, e ama, o homem que elles querem, ou corromper, ou seduzir; e são tão finos, tão atilados, tão habilidosos, que lisongeão de maneira, que enganando sem cessar o miseravel, este ainda em cima lhes fique muito obrigado, e se agrade, e pague muito do refalsado incenso. Não ha magnificencia de palacio, galeria de pinturas, amenidade de jardim, douradura de alizares, apparelho de chá, carruagem envernizada, diante de quem não abrão huma bocca de palmo, e não párem contemplativos, abstractos, e extasiados. E que farão elles, quando debaixo da capa de hum louvor merecido, po-

dem ingirir hum conselho perigoso! A sinceridade exprime-se simplesmente, fiada em si, e conhece na sua mesma ingenua confiança, què não tem necessidade de artificio. O estudo, e affectação nos lisongeiros sómente se esconde, e se disfarça, aos olhos daquelle miseravel, que intentão lograr. Os olheiros de fóra conhecem, que seus tregeitos não são naturaes. Sempre desconfiarei de hum homem, que emprega tudo quanto póde, e usa de todos os rodeios, que dão a conhecer o medo que tem que eu desconfie delle. Isto não he imitar a natureza, e a verdade, he querella vencer, e isto só o póde emprehender a mentira. Ora olhem bem para aquellas sombras, que imitão os movimentos dos corpos, similhantes ás sombras seguem todas as inclinações, tomão todas as attitudes do idolo que vão incensando. O lisongeiro mestre, e examinado, não tem hum parecer, hum juizo, huma decisão, hum simples gesto que lhe seja proprio, tudo he copia conforme com o seu original. Os instantes mais dito-

sos para os lisongeiros são aquelles, em que o fantasma, que adulão, está agitado, e combatido de alguma paixão, aqui se fazem elles a olho. Que scenas observei eu, quando levado pela torrente de costumes me introduzia na sociedade dos homens! Com que arte, e subtileza os lisongeiros favorecem, promovem esta mesma paixão com seus aturados serviços, e como destramente a sabem justificar com seus discursos! O primeiro cuidado que tem (na verdade são homens nascidos para o calculo!) he remover, separar do seu idolo todos aquelles homens grosseiros, que pódem ser menos officiosos, menos assentidores que elles, para ficarem á sua vontade, e dominarem sós. Ainda chega a mais sua sordice, e baixeza, consomem-se, e affligem-se com a vista, e presença de hum tal como elles, e que com elles possa rivalizar em adulação. He para vêr, e admirar a affectação, que elles tem em não louvar senão aquelles que lhe engrossão o partido, e com quem vivem unidos. Ficão mudos como hu-

ma estatua, quando se trata de outros, e se abrem a praguenta bocca, he para misturar a alguns louvores superficiaes defeitos encubertos, e essenciaes. Rebatem o merito alheio com palavras, e ás vezes monosyllabos, que parece ditos sem advertencia, e escapados casualmente, para lhe affiançarem mais crença, e limitarem-se sempre no estreito circulo de seus interesses, e de seus amigos: quanto mais modesto, reservado, e desinteressado se mostra o lisongeiro, mais timivél he, quanto mais superficial parece seu discurso mais veneno, e maior malicia encerra, he então que elle não deixa pedra que não mova, e moita que não bata para parecer homem de bem, sendo o mais apestado de todos os velhacos. He preciso expiar bem os passos de hum demonio similhante, até no tempo em que elle se separa, e emudece; e observar, se outros o elogião, sem que se trate delle, e examinar-se bem o discernimento, e o merito destes louvores, para vêr donde nasce o zelo, e o calor que elles tomão por es-

te homem maravilhoso, então se verá que he massada, que o interesse formou, e o artificio procura encobrir. Ah! que será se ao ardor da ambição, e ao espirito da intriga, se ajuntão nelle o desejo da vingança, e o espirito de partido! Nada lhe esquece, e nada despreza do que póde servir para ser util a huns, e fazer mal a outros. Não passa hum dia, em que a obra da iniquidade não dê passos gigantescos a favor de suas acções, palavras, e escriptos, se o lisongeiro he da raça daquelles que sabem propinar veneno, pondo a penna em papel. Lança mão indestinctamente de todos os meios, reveste-se de todas as fórmulas, finge todas as caras para deitar a perder o miseravel homem, que muito franco, e muito crédulo se entregar sem reserva a toda a impulsão de seus conselhos. Se ha com effeito coisa abominavel, baixa, indigna, e desprezivel essencialmente no mundo, he o homem lisongeiro; a vileza he seu caracter, e tão impresso, tão profundamente arreigado, que nada o destróe, nada o al-

tera, porêm ainda que a simulação por algum tempo o possa esconder, chega sempre hum momento em que se descobre, e tarde, ou cedo o lisongeiro he conhecido, proscripto, e abominado. Chegão he verdade os aduladores à lograr, e impôr, á rectidão de hum homem de bem, ao genio mais profundo, e ao homem mais versado no manejo dos negocios do mundo. Os calculos, e combinações dos aduladores escapão, não digo eu ao ministro de estado, que se deslumbra com seu poder, ascendencia, e infeliz preponderancia, mas ao homem de engenho mais penetrante, porém huma invisivel mão rasga por fim a nuvem, e o prestigio se desvanece de todo.

Neste periodo funesto para a lisonja, o adulador he posto na rua, desprezado, assobiado, e apontado com o dedo, e seu vergonhoso estado, he huma consolação para o homem infeliz, hum terror para o vicio, e huma grande lição para o poder. O mundo vendo cahir estes miseraveis, não se cansa de bradar: «! a mentira ce-

do, ou tarde se destróe, e só a verdade permanece » Quantos vi eu arrastrados pelas ruas de Lisboa, que poucos tempos antes tinhão a preço da mais vil lisonja rodado pelas mesmas ruas em soberbas carruagens? O desprezo público he o maior de todos os castigos, e não ha outro mais proporcionado ao mais vil dos delictos, a lisonja.

SOLILOQUIO LXXXII.

Quasi todas as questões de astronomia fysica, são outros tantos romances, estes objectos ficão excessivamente remotos, e distantes dos sentidos dos homens, e todas as nossas mais bem ordenadas conjecturas se fundão sobre o depoimento dos vidros. Todo o codigo das leis de Newton tem este fundamento, e sem os vidros não teriamos a celebre, e decantada lei de Kepler, de que se derivão tantos scolios, tantos corolarios. Verdadeiramente he governar o mundo em secco, querer desde este pequeno, e mesquinho globo, que chamamos terra, dar leis ao universo, ou não só explicar, mas determinar difinitivamente as leis porque elle se governa: tem o homem de terra a ousadia de entrar ɔs conselhos do immortal, para ex- confiadamente aos outros homens

o segredo das producções do infinito. Newton tomou isto á sua conta, e veio-lhe Deos a haver as palavrinhas gravitação, attracção, força centripeta, e centrifuga; e com isto está explicando tudo na enigmatica linguagem dos calculos, para cuja intelligencia he preciso hum diccionario mais taludo, que quatro Calepinos, e mais pezado que hum livro de direito.

Newton vio, que o alambre attrahe a palha, o iman attrahe o ferro, logo, diz elle, todos os corpos se attrahem mutuamente huns aos outros, pezão huns sobre os outros, e desta gravitação, desta universal attracção nascem todos os fenomenos da natureza, e os movimentos dos corpos celestes daqui trazem sua origem. Tudo isto são supposições gratuitas, e em quanto a mim tanto faz dizer, os corpos celestes movem-se porque são attrahidos, e porque gravitão huns sobre os outros, como dizer, os corpos celestes movem-se por humas qualidades occultas. Ora, como o movimento dos corpos he circular, para

explicar este movimento como elle se descobre a nossos olhos he preciso suppôr duas forças oppostas, e contrarias nos mesmos corpos, huma que atrahe, e outra que retrahe: quer isto dizer, huma pela qual o corpo central puxa para si o corpo rodante, e outra pela qual o corpo rodante foge do corpo central, e destas duas forças combinadas nasce o movimento circular perfeito, ou eliptico dos corpos celestes. Tomára eu que algum newtoniano me respondesse a esta simples pergunta, creio que já se tem feito, porém tambem creio que se lhe não tem respondido. Qual destas duas forças he maior, a centripeta, ou a centrifuga? Ambas são iguaes, porque se a centrifuga no corpo que roda fosse maior, fugiria pela tangente, e se a centripeta fosse maior, engolia o rodante corpo. São iguaes, e desta igual combinação de fôrças nasce o movimento curvilineo. Pois se ellas são iguaes, então no systema de Newton tudo fica parado, e nós todos de bocca aberta, e queixo cahido, porque se tanto puxa huma

como a outra, nem este vai atraz daquelle, nem aquelle atraz deste; e cada hum fica no seu lugar. Será isto assim? Assim parece, e he mais facil de comprehender hum primeiro movel, como querião os peripateticos, e toda a enorme, e infinita parentéla dos escolasticos, e como quiz agora Mercier, que arrebate tudo, e faça andar tudo em polvorosa, ou n'hum corropio, que as forças imaginadas por Newton, que são segundo os epitafios feitos pelos Inglezes a causa da inveja, que os Anjos pódem ter aos homens. Newton sinthetico em tal assumpto deo cincas indisputaveis. Eu assentava que a causa do movimento dos corpos do nosso systema planetario ainda não estava descoberta, consulava-me com a profecia de Seneca, isto he, que os seculos trarião esta importante descuberta, que tantas cocegas faz á nossa curiosidade. *Veniet enim tempus, quo posteri nostri tam aperta nos nescisse mirentur.* Em que monturo me parece que fui eu achar este segredo! Em huma gazeta Franceza, forjada em París,

officina de mentira e da impostura. Nesta gazeta, que he do anno oitavo da defunta República, apparece hum franchinote, chamado Picot, morador em Páu, cidade junto aos Piryneos, inventor de hum meio de observar, e examinar o Sol sem que a vista se deslumbre, ou soffra a menor offensa. Com effeito Picot, vio este astro perfeitamente, e com a mesma perfeição o virão os que usarão do mesmo instrumento, ou se servírão do mesmo meio, e observárão no seu estado natural, e verdadeiro, isto he, sem manchas, como diz o víra o jesuita Alemão, e não scintilante como nos parece. Seu eixo varìa sem cessar, e as partes de sua superficie são tanto mais brilhantes, quanto mais se apartão dos pólos, de maneira que seu equador he sempre a parte mais brilhante, e luminosa. Róda sobre si mesmo com huma rapidez que se não póde reduzir a cálculo, porém que parece ser de cem revoluções em cada minuto. Isto he o que se conhece pela repetição da experiencia de Picot, e sem dúvida he este o estado

natural deste astro, tão visto, tão sentido, e tão pouco conhecido. Para tirar algumas consequencias deste principio demonstrado, porque os olhos são as testemunhas, não he precisa a triste, e macilenta algebra. Esta prodigiosa rotação do Sol, dá segundo eu entendo, huma explicação mais simples, e mais natural dos movimentos do mundo planetario, sem o terrivel, e estafador apparato dos principios mathematicos da filosofia natural. Deixa-me ser aqui comigo mesmo author de systemas, e deito a terra de huma pennada a rebatida gravitação, e o fluido sempre agitado de Privat de Molieres. O Sol rodando com tanta velocidade, deve tambem fazer rodar o ether até huma distancia proporcionada á sua densidade e grandeza, e sobre tudo à rapidez incalculavel do seu movimento, e por consequencia muito além do planeta de Herschel, e o do novo achado, ou visto por Harding. Este movimento circular, que necessariamente deve ter o ether produzido pela rotação do Sol sobre o seu

eixo, se deve estender, e communicar aos planetas, cuja atmosfera o mesmo ether cerca, e abrange, e como este movimento tem huma rapidez proporcionada ao Sol, pareceme que se segue daqui, que os planetas serão arrebatados á roda do Sol com huma velocidade, que será sempre na razão inversa da sua distancia. Depois deste primeiro, e natural effeito, que por certo não he huma suposição gratuita como as hypotheses até agora recebidas; segue-se, que sendo a atmosfera de cada planeta arrebatada por hum movimento mais rápido da parte offerecida á face do Sol, e menos rápido da parte opposta, segue-se que os planetas devem necessariamente fazer revoluções sobre o seu proprio eixo, apresentando, e offerecendo successivamente ao Sol toda a circumferencia de seus globos. Ora, rectificada a experiencia do tal Picot, e constituida fóra de toda a dúvida, temos duas coisas, a primeira deitado de pernas ao ar, só com hum piparote o systema do immortal Newton, e com elle

a caterva dos turbilhões, que ainda conserva grandes arrojados, e defensores; e a segunda a descoberta de huma lei geral do mundo planetario, mais conforme á razão, e á verdadeira fysica, e lei que explica com a maior simplicidade todos os movimentos celestes, tão descobertos a nossos olhos, como escondidos á nossa orgulhosa razão, em seus principios, e causa. Perguntarão alguns escrupulosos, quem dá ao astro central tão rápido movimento, que leve comsigo o ether, e tudo quanto anda pelo ether a huma distancia tão prodigiosa, que ainda lhe não conhecemos seus verdadeiros limites, pois cada dia vai apparecendo mais hum globo inquilino deste systema solar? Respondo, que quem fez o Sol, esse mesmo lhe deo o movimento. A cadeia das causas tem hum fuzil primeiro: he preciso parar.

SOLILOQUIO LXXXIII.

A maior parte dos homens imagina, e se afigura, que passado hum certo número de annos, a vida não he mais que huma têa de enfermidades, desgostos, pezares, e huma roda viva de tormentos fysicos, e moraes. Querer estender a carreira além do termo ordinario, he remar contra a maré, he querer superviver a si mesmo. Eis-aqui como eu tenho ouvido quasi sempre grunhir os homens, que pela maior parte são incontentaveis. Com tudo bastão poucas observações para conhecermos, que os factos não concordão com esta opinião afflictiva, e cobarde. O corpo humano passa por differentes degráos, ou estados de consistencia desde sua primeira formação até ao ultimo periodo de decrepitude em que cahe por si mesmo como hum marmello

maduro: a este estado poucos chegão, porque os medicos tem o cuidado de lhes hir á mão com os seus ordinarios mandados de despejo da vida. Ora estes degráos da vida, não tem hum typo variavel, hum intervallo fixo, são mais ou menos sensiveis, segundo as causas particuláres que modificão cada individuo. Já se tem visto rapazes de altura de cinco pés, com plena adolescencia antes de cumprirem sete annos, e ha muitos paizes, com especialidade o Indostão, onde a época da puberdade apparece mais cedo. Chamamos idade feita aquella, em que parece se começa a dar a volta, não offerece menos variedades. Os anãos, que para vergonha da humanidade servem a muitas pessoas de divertimento, correm em menos de trinta annos o espaço que separa as duas extremidades da vida. Entre os homens mais bem acondicionados, e constituidos, os progressos da idade, por serem alguma coisa menos rápidos, nem por isso são mais uniformes. Ha tal, que sem oculos já não póde ler aos quarenta

annos, e ha tal que aos noventa ainda não necessita de carregar o nariz com as taes cangalhas, que passárão a ser móda até entre os mais bravos militares.

Tenho conhecido monges sedentarios, vivendo em mosteiros bem situados, e bem dotados, gordos, nedios com pelle liza, e olho luzente até quasi cem annos (o que me confirma no presuposto em que ando, que o não fazer nada, he o melhor emprego da vida, e que a verdadeira filosofia, he deixar-se hir sem occupar o entendimento nas malditas especulações filosoficas, que servem de baldear a gente para dentro da cóva, e tenho visto outros monges tão imprudentes, que dérão exercicio ás faculdades intellectuaes, que aos cincoenta e cinco estavão perfeitamente emmarasmados. Para saber a idade de huma pessoa não he preciso consultar a data do seu nascimento; o número dos annos que tem vivido não compõe mais que sua idade nominal, ou abstracta. A idade real, a idade fysica, mede-se pela

distancia do primeiro degráo de consistencia ao degráo a que se tem chegado, e este he tão patente, e visivel, que nem as próprias mulheres tem arrebiques com que os dissimulem, ou escondão.

Cada hum para saber ao certo sua idade sem consultar a folhinha, não tem mais que vêr se a pelle tem perdido sua frescura, e se as rugas que a custumão lavrar, se hajão ou não multiplicado; se são profundas, ou superficiaes. Se os cabellos hajão ou não mudado de côr; se lhe faltem os dentes, havendo cahido por si mesmo, e não por beneficio do charlatão, que formado na universidade de París tenha vindo fazer essa mercê aos habitantes de Portugal. Se o corpo se acha curvo, como capucho em *Gloria Patri*, ou cortezia de velhaco; se os pés se pegão muito á terra, que he hum evidente signal de amor á cova; se o olho está embaciado, e se se vai fazendo muito ermitão, retirado na cóva, que lhe deo por morada a natureza; se o ouvido se acha duro, e difficil; se o antago-

nismo dos musculos se sinta destruido;, se a cabeça vacilla; se as mãos tremem; se as pernas cambaleão: tudo isto salta aos olhos, nem he preciso lembrar-se da data de seu nascimento para saber a idade que tem.

De vagar, me dirão os professoraços da arte cosmetica. He verdade, convenho, póde o homem mascarar huma parte dos defeitos do dessecamento, cujos progressos successivos formão a verdadeira escala da idade, póde dar huma demão de tinta aos cabellos, e aos sobrolhos; póde virar de crena, e alizar a pelle das mãos; póde remontar os dentes, e esconder algumas rugas ao olho mais vivo, attento, e perspicaz; porém se se não vè o que está debaixo da mascara, descobre-se ao menos a mesma mascara, e basta isto para despertar a desconfiança, a dúvida, e a maligna curiosidade. Além disto quantos ultrages ha feitos aos bigodes mais bem burnidos, que são impossiveis de se disfarçar, e de fazerem huma illusão momentanea? Com effeito,

poderia eu dizer á mulher mais bem embonecrada ao sahir de seu tôcador, pelo que pertence a idade, por mais que se dissimule, cada hum tem a que parece ter, e o verdadeiro meio de parecer moça, he ser moça. E na verdade, conservar-se a idade florida por tanto tempo, quanto se conservão em toda sua energia as faculdades fysicas, moraes, e intellectuaes; a velhice mede-se pela proporção do enfraquecimento destas mesmas faculdades. Thomás Parr foi levado de 152 annos de idade á corte de Carlos I.°, e morrêo de plethora, e não emmarasmado, e o célebre Harvey, que se chamou achador da circulação do sangue, abrindo-o achou todos os orgãos essenciaes, e sobre tudo o systema digestivo em o melhor estado. Aos 100 annos de idade soffreo huma penitencia pública á porta da sua freguezia, por certos dares, e tomares lubricos com Catharina Milton, casou de 120 annos, ainda cheio de vigor, e capaz de merecer segunda penitencia, e quando morrêo de 152 annos, e 9 mezes nenhum senti-

do ainda o havia abandonado, e pelas minhas contas este Mathusalem da Grã-Bretanha não morrêo velho; triste do genero humano se Buonaparte se demora outro tanto tempo neste mundo! Plinio, o engolidor de quantos carapetões se lhe quizerão imbutir, cita com admiração a feliz velhice do musico Xenofilo, que aos 130 annos parecia ter apenas 50. Tanto contribue para a longa idade levar a vida alegre, e ter o juizo de hum musico! O mesmo escriptor nos diz, que Lucia, actriz ou comica Romana figurava ainda na scena aos 112 annos; excellente mulher para fazer o papel de sogra, ou de serpente! Abenzoar, medico Arabe, que exerceo a sua arte em Sevilha com feliz saude até a idade de 135 annos, de que enterros seria este homem expectador, e causa! Lembra-me ter pegado por acaso em Santarém em o quarto volume das relações, e viagens do andarilho Pietro de La Valle, e vêr que em 1625 o padre Gaspar Dragonete, jesuita, em idade de 120 annos, se achava ainda fresco,

e robusto, com todos os seus dentes, e que lia sem oculos, dando públicamente lições em hum dos collegios de Roma, com tanta vivacidade como eloquencia. Fontenelle aos 99 annos de idade ainda escrevia agradavelmente; e conservava o engenho com a mesma frivolidade que hum Francez de 25. Eu poderia ir formando hum comprido aranzel, e eterno rol destes exemplos; e que devo concluir dos alegados até aqui? Que a degeneração de nossas faculdades não corresponde de sorte alguma á duração da vida, mas ao espaço que corre entre o estado da formação da primeira infancia, e o ultimo periodo, ou bocejo da decrepitude. Que se existe, como eu creio, huma arte de prolongar, ou dilatar a vida, deve consistir em correr lentamente o espaço de que acabo de fallar, ou em retardar os progressos da idade; e parece-me que tenho razão, visto que muitos homens chegão a huma idade extraordinaria, não sendo mais velhos, mais infermos, mais caducos, do que de ordinario são outros ho-

mens entre os 65, e os 75. A maior parte dos centenarios, morrem sempre de doenças accidentaes como o commum dos homens, e apenas se póde citar o exemplo de hum que haja deixado de viver por impotencia natural de viver ainda, quero dizer por hum marasma levado ao ultimo degráo, ou excesso.

Em fim, eu reduzo toda a arte de dilatar a existencia, que vem a ser, contar muitas revoluções do Sol, ou da terra, a que os homens chamão annos, a bem poucos mandamentos. Para viver muito he preciso comer pouco; procurar vivenda em lugar elevado, montuoso, e mais frio que quente; exercitar-se, e trabalhar até á lassitude, sem fadiga; não passar por sitio, onde tenha passado hum medico, ainda, que seja correndo a posta; fugir da habitação de cidades populosas; não tomar muito a peito as coisas deste mundo, julgando-se nascido para reformador do genero humano; dormir quanto lhe pedir a natureza, e deixar-se de filosofia que he a traça, e gorgulho que mais

esfaréla a triste vida humana. Pascal morrêo de 39 annos; Spinosa de 43.

SOLILOQUIO LXXXIV. (*)

Por mais que eu quizesse affectar hum tom de frivolidade, quando gozavamos todos a ventura da liberdade, e independencia da nossa patria, fugindo desta maneira a objectos pezados, e melancolicos, não pude converter este habito em natureza, que o conserve agora, que nos vemos rodeados de desgraças, que nos obrigão da parte de elrei a profundas reflexões; e he manha do homem infeliz, e melancolico, metter-se a moralizador a torto e a direito. Hum dos vicios que me tem escandalizado mais

(*) *Nota.* Tenha-se em vista ao ler este Soliloquio, que eu o escrevi, assim como quasi todos, no tempo da nossa sujeição aos Francezes.

nesta funestissima catastrofe he a ingratidão. Os homens, que fôrão mais beneficiados em o nosso patrio, e paternal regime, são agora os mais ingratos, e tão corrompidos, que não se envergonhão de apparecer na face daquelles mesmos, que fôrão testemunhas dos beneficios que elles recebêrão. Mas este vicio não he só de huma idade, e das actuaes circumstancias; he de todas as idades, e de todas as circumstancias.

Em todas ellas se encontrão ingratos aos cardumes, he huma droga vulgar, e o mundo não he mais, que huma continuada feira de ingratos, e a considerarmos tambem este nome do genero feminino; lêão-se os poetas todos; ouvi-los-hão queixar de não terem encontrado mais do que ingratas entre as filhas de Eva. Ora as filhas de Eva pódem vir com a sua quartada, e dizer em sua defensa, que os poetas todos são outros tantos mentirosos, e não se enganão as filhas de Eva. Lá se avenhão, que eu não me embaraço senão com o genero mascolino.

Tendes servido efficacissimamente aquelle escriptor sem fortuna, sem recursos, e sem Mecenas, ou protectores; se este escriptor á força, ou de intriga, ou de lisonja, obtem hum emprego público, e o fazem official do consulado, ou da casa das carnes, e da vossa terra vos mandão dois prezuntos, fostes mofino, se os quereis despachar com promptidão, já vos não conhece. Soccorri generosamente tal, e tal individuo no meio da miseria, que o opprimia, chegou, e nem eu, nem ninguem sabe como, a adquirir grande fortuna, desgraçado de mim, e dos meus, se chegamos a ter necessidade de seus soccorros! Taes são as virtudes da maior parte dos individuos, que em quanto outros perdem seu estado, emprego, ou patrimonio achárão o segredo de se elevar, e enriquecer! Eu não me devo pôr a prégar como fazem tantos declamadores da escóla de Jaques, que a sociedade está corrompida; desde que houve sociedade houve corrupção, e os homens juntos são hum seminario de vicios. Desta verdade nos con-

vence a historia de todos os seculos. Sempre direi, que a gratidão, e o reconhecimento he hum derivado da justiça, e que por isto o ingrato he o mais injusto dos homens, assim como he o mais vil. Diga a ignorancia o que quizer, e berre á sua vontade; o ingrato he mais culpado, que o ladrão; e se as leis não castigão o ingrato senão em casos muito extraordinarios, e por factos muito escandalosos, e pela privação da coisa, que fazia, ou devia fazer o objecto da doação: eis-aqui huma razão para que os homens de bem usem daquella vingança deixada aos costumes, que he desprezar, e evitar sempre o culpado. He certo que o bemfeitor não deve exigir nem recompensa, nem reconhecimento, quando faz o beneficio; isto então seria hum contrato, ou cambio, ou troca de huma coisa por outra, e seria negocio de rapazes, toma lá, dá cá. O beneficio deixaria de ser beneficio, porque elle he de sua natureza hum dom gratuito; porém, o mesmo beneficio exige o que o bemfeitor nem póde, nem de-

ve exigir; e o desinteresse absoluto do bemfeitor, torna muito mais sagrada a obrigação que nasce do mesmo beneficio. Qualquer que se resolver a dar alguma coisa, ou a fazer algum beneficio, deve lembrar-se huma vez para sempre, que só o verdadeiro merito he reconhecido, e he grato. A falta de reconhecimento he vicio alheio, mas a falta de discernimento para escolher pessoas a quem se dê, he falta propria, e privativa do doador. A ingratidão he o vicio de todos os homens peralvilhos, e superficiaes, e dos grandes doutores da universidade Franceza; sentem vivamente, porém mais rápidamente se esquecem do beneficio. Tambem a ingratidão he o vicio commum de todos os interesseiros, dos descarados, ou desaforados, capazes de ouvirem huma injuria atroz nas bochechas sem mudarem de côr, como se a coisa não fosse com elles. He o vicio de todos os que embuidos de doutrina Franceza tem renunciado a todos os dictames, e principios de justiça natural; e mais que tudo, he o vicio

dos que se julgão abater, quando lhes vem á lembrança, que fôrão obrigados, e que recebêrão alguns favores; são estes aquelles estupidos que jámais discorrem sobre as suas acções, e reflectem sobre seus deveres, para quem os sentimentos moraes são coisas indifferentes, e de nenhum momento. Não ha outro remedio, para nos não escandalizarmos dos ingratos mais do que não buscar no beneficio senão o prazer de o haver feito, e o testemunho intimo da propria consciencia, que he o mais nobre, e estimavel de todos os reconhecimentos. Todo aquelle que considéra o seu beneficio como huma cadeia, e não como hum principio de adhesão, e apego mais vivo, e mais doce, merece ser considerado por aquelles mesmos a quem obriga daquella mesma maneira, que os escravos costumão considerar o senhor, que lhes dá de comer alguma coisa. Ora eis-aqui hum manifesto fruto da leitura dos admiraveis cinco livros de Seneca sobre os beneficios, onde ha paginas que valem muitos tratados de moral,

e muitas grozas de importunas broxuras com que a hypocrisia Franceza tem aturdido o mundo: e ler Seneca no tempo em que os salteadores Francezes tyrannizão Portugal, he buscar hum emplastro confortativo contra as calamidades públicas, e particulares, que não são poucas.

SOLILOQUIO LXXXV.

Ha mais de hum seculo, ou seculo e meio, que se batalha nas escólas (quanto á coisa, que se designa por este nome) sobre as idéas innatas; e não ha estudantinho de logica, que a este respeito não tenha sustentado ou pró, ou contra a sua these. Quando eu passei (no tempo em que fui condemnado ã estas galés) por esta quebra-cabeça, costumado a jurar nas palavras do Sr. mestre, que jurava mais do que eu ainda nas palavras do Sr. Condillac, ria muito, com muita soberba de todos aquelles veneraveis cathedraticos antigos, que dizião á bocca cheia, que existião as idéas innatas; reputava isto como hum dos muitos erros que elles tinhão bebido com o leite, em o ranço intolleravel de suas postillas: mas os velhos erão honrados,

e tinhão razão. Por onde quer que ainda ha livros, e que os homens enfadados, e mortalmente enjoados de fallar no cabinho de Esquadra, como lhe chamão alguns Francezes, que o conhecem bem, se dão á meditação, e especulações filosoficas para enganarem alguns momentos de afflicção, e de amargura; e começa a ouvir hum rum rum cruel contra o systema do escandecido Lock, e burnido, e penteado Condillac, e todo o homem meditador, e que não pára nas superficies das coisas, conhece a sem razão com que estes presumpçosos legisladores de poder absoluto, e moto proprio pozerão as idéas innatas no andar da rua. Ha certos movimentos nas creanças pequenas, gente com quem eu gosto muito de me entreter, que de certo não forão adquiridos pelo canal dos sentidos; desde a mais tenra idade, se observa hum claro conhecimento da differença que ha entre o bem, e o mal. Em toda a parte se conhece já, que a consciencia, a distinção do justo, e injusto; o remorso, a adoração, e a faculdade de

se elevar progressivamente ás noções divinas, não são coisas que nasção, ou se derivem immediatamente dos nossos sentidos, ou sejão puros effeitos de nossas sensações; se apparece algum, que se resolva a affirmár o contrario, he tratado com maior desprezo do que erão tratados na abertura, e estabelecimento das novas escólas, os pulverulentos ginjas do peripato antigo. Só em París, e nas suas Colonias maçonicas, onde nada se lê mais do que gazetas, chaves do gabinete, publicista, e monitor, boletins daqui, e boletins dalem, differentes no sitio, e data, e iguaes na mentira, na impostura, e em que os authores dos cafés não fallão mais do que em broxuras politicas, onde a colher dos pedreiros caldeia a argamassa do materialismo da officina de Lock, que exala, e derrama por toda a parte o bafio repugnante, e hidiondo do tumulo, e da morte, se proscrevem como contos de velhas, as idéas innatas.

Estes soberbos pedreiros, cujas tenebrosas obras se descobrem nos las-

timosos effeitos da revolução são conhecidos, e não se pódem dissimular, bem como os outros pedreiros, que apparecem sempre pingados, cheios de terra, e com as pestanas comidas da cal, e por isto he preciso resguardar-se da pestilencia que exalão, conduzindo com pés de lã os homens para o desesperado, e desconsolador materialismo, e pela destruição de idéas innatas maquínão, e procurão a destruição da moral, cujos principios o soberano arbitro da natureza depositou no coração do homem, independentes do ministerio dos sentidos, e da força das sensações. Não vem dos sentidos aquelle lume, que elle accendeo em nosso espirito, e cujos reverberos se admirão como assignalados em o rosto do homem.

He preciso deitar abaixo estes colossos da soberba, ou talvez que bonecos cheios de vaidade, e reduzir os homens aos verdadeiros conhecimentos das coisas, e persuadi-los de huma vez, que as innovações em filosofia tem feito no mundo formidaveis, e espantosos estragos. Muito

invejo na verdade o singular talento de Mercier, que com hum revez de penna, pulverizou os fatasmas das sciencias, e os fez ter, e conhecer por huns solemnes, ou insignes mentirosos. Pôz a terra no centro do nosso mundo como Deos o tinha feito, e para isto não lhe foi preciso mais que hum pouco de recta razão, e bom siso, e hum justo desprezo dos sonhos dos mathematicos, e astronomos todos. Esta verdade com tudo he cem vezes menos importante, que restituir ao homem aquella alma celeste, que a orgulhosa, e falsa filosofia lhe pertende extinguir, e fundir-lhe de todo naquelles cadilhos abrazados, que amassárão os desaforados legisladores das sciencias, que se arrogárão a alçada de reformar o genero humano. He preciso quebrar estes cadilhos, porque elles querem, e sempre estão bradando pelo nada. Ha muito, que eu não faço caso nenhum dos elogios dos homens, dos seus louvores, críticas, glosas, e satyras. Tudo o que estes campiões da literatura, chamados encyclopedistas, dizem, entra-

me por hum ouvido, e sahe-me pelo outro. Não tenho necessidade alguma de seus suffragios, e approvações para pensar, e para escrever; confiome nestas materias puramente filosoficas na minha razão, presente de Deos, o qual me deo esta tocha para me guiar, e nas sciencias humanas he o melhor moço de cégo que se póde apetecer: já não escuto nem livros, nem todas as academias em pezo, ainda que viessem em corpo escolastico a querer-me converter. Faço-me forte com meu proprio pensamento, sem necessitar de armas alheias, e estranhas, e ha muito que se me assentou no coração o firme presupposto de que Newton, e Lock são dois grandes homens Inglezes na verdade, que o primeiro fazia tambem contas na astronomia, como na casa da moeda, de que era provedor, e que o segundo tinha lido os comentadores de Aristoteles, e bebido como ninguem a methafysica de Soares, e todo o curso Conimbricense, porém que ambos estavão illudidos, e que de illusões en-

chêrão a humanidade. Ter respeito a nomes ainda que tão estrondosos he pusilanimidade, quando a razão está da nossa parte, que importa que hum se chamasse Isaac Newton, e o outro João Lock? . . . .

SOLILOQUIO LXXXVI.

Somos assim formados: cada individuo tem sua cara, ou boa, ou má, sempre differente, sempre diversa das dos outros individuos; cada hum tem seus sentimentos, suas teimas, suas paixões differentes, que são necessarias consequencias da diversidade de compleições, e da interna estructura dos orgãos. O que a huns parece hum prodigio de ordem, e harmonia, a outros parece hum verdadeiro inferno, morada eterna do horror. Achão huns graça a huma coisa, outros fogem desta mesma coisa, como se foge da peste, e se deve fugir dos Francezes. Muitos se hão de rir na verdade da minha invensivel antipathia com a dança, seja ella qual fôr; obrigar-me a vêr dançar he tirar-me os dentes da bocca, e acabar-me os dias da vida, e he tal

a desgraça, que se encontrão livros, que ensinão a dar estes desconformes pulos, e a ordenar bem huma roda de tremendos coices, que se chama contradança.

Por fatalidade, e por certa força incontrastavel, que peza sobre a minha existencia, tenho assistido a estas amotinadoras orgias, e sendo eu affeito a me não assustar de perigos éminentes, ainda que em si envolvão a probabilidade da morte, apenas oiço o primeiro estrepito dos coices, ainda que sejão dados em cima de huma abobeda de fortaleza á prova de bomba, não ha reflexão que me desapegue da alma o susto, de que eu, os dançarinos, a abobeda, e á casa toda vamos ao meio do chão, e ficamos todos esborrachados como os do templo que Samsão deitou abaixo, e que se tinhão ajuntado para o verem dançar. O meu continuado susto, não deve ser hum motivo para se aborrecer a dança, não seja tambem, certa idéa de degradamento, ou avîltamento em a natural gravidade, ou magestade do homem que dá

tantos, e tão violentos saltos indecentes, e que para mais penas sentir, estão reduzidos a arte de que ha professores, e doutores eminentes, que della comem, e bebem. A dança deve ser abominada, e proscripta não só pelos damnos moraes que causa, mas até pelos damnos fysicos. A doença que na linguagem de Epidauro se chama *pulmonia*, e de que tanto oiço queixar em Lisboa, o que offerece tão farta colheita aos filhos de Esculapio, he hum dos primeiros effeitos da dança tal qual se acha introduzida em nossas sociedades; pois apenas soa o guincho agudo da rabeca, velhos, moços, creanças, mulheres, avós, e tias, tudo como os que visitavão o sepulchro do diacono Jansenista em hum cemiterio de París, começão furiosamente a saltar, e o edificio a jogar como bote pequeno em tempestade grande. Eu creio que entre as causas da pulmonia, a dança he huma das mais fataes. Como se póde respirar, e viver em huma sala, onde ardem mil velas bogias, e de cujo tecto pendem cincoenta lus-

três, e guarnecida de duzentas pessoas, que unidas humas ás outras, só tem a triste liberdade de dar saltos, e cotovelando-se furiosamente humas ás outras, e agitando-se como ondas successivas sem se despegar. As mulheres como de constituição mais fraca, e orgãos mais delicados estão expostas á mais funestos accidentes; he verdade, que ninguem as manda lá ir, mas enforcar-se-hião se as não deixassem lá ir. O ar que respirão em huma sala de dança, por certo não he hum ar respiravel, he hum verdadeiro veneno que absorvem por todos os pontos da superficie de seu corpo, porém os orgãos, que mais padecem são os bofes, e no peito se lhe acumulão todos os elementos da destruição que pouco as vão minando, e com que se tornão huns esqueletos ambulantes; pois na verdade, quando desarvorão, isto he, quando arreão os atavios com que encobrem os rostos hediondos, macilentos, e aridos, apparecem humas verdadeiras furias em corpo, e alma. Não ha quem lhe metta em cabeça que fujão de casas

de dança em noite de inverno, a mania de pular as leva a estas suffocantes estufas, e melhor seria que se deixassem estar em casa, e se lhes he necessario o exercicio do corpo, tão pouco tem que fazer das portas para dentro, se quizessem de huma vez persuadir-se, que a ociosidade he hum verdadeiro desdoiro, lembrando-se que a deosa das sciencias, o brazão, e a presidenta das gritadoras escólas de Athenas, a filha do proprio Jupiter fôra huma tecedeira.

Não lhes falta que lidar em casa, e de experimentar na vida domestica aquellas vantagens que imaginão encontrar no cáhos das danças, em que vão indiscretamente submergir-se. Porém está decidido que a coisa mais dura que ha, mais compacta, mais sólida, he a cabeça das mulheres. Põem-se-lhe diante dos olhos hum rol immenso, huma enumeração exacta de todas as victimas da dança, e da moda, não se espanta sua decantada sensibilidade do número prodigioso das mulheres, que morrerão por se haverem exposto com hum furor sem

exemplo a todas estas causas de destruição. A dança requer vestidos ligeiros, e enfeites ligeiros, que não constranjão, ou possão pear os movimentos do corpo, e huma trapagem desta natureza convem maravilhosamente a esta especie de exercicio, de que se não pódem arrancar, porque ellas não pularião á sua vontade, se fossem bem encapotadas; mas quando sahem destes fornos, ou estufas intoleraveis para se recolherem a suas casas, que não costuma ser muito á bocca da noite, e talvez seja mais á bocca do dia, tem estas freneticas dançantes capotes tão bem forrados, que as defendão das setas de hum frio doze, ou quinze gráos abaixo de zero? He certo que as carruagens as esperão. Vãos remedios, e inuteis precauções? Nada disto embaraça a entrada de hum ar gelado, que se introduz nos bofes muito á sua vontade, e produz huma violeta inflammação de peito, que por fim prepara o germen para a pulmonia, em que depois os commissarios da morte se fação a olho. Ainda não encontrei

medico, que reprovasse a dança, elles bem sabem quaes sejão as suas minas, e tem bem calculado seu annual producto, e quando olho para a espantosa mortalidade, que vai por essas capitaes, e grandes cidades, creio que os filhos de Epidauro, unica praga, que faltou no Egypto, andão avançados com a morte, que os deixa viver mediante hum certo número de victimas, que lhe entregão todas as semanas. Se não houvesse pequenas aldeias, cazaes, e lugares pobres onde não ha medicos, já não haveria na Europa folgo vivo; talvez que este seja o motivo de existirem medicos do partido Napoleão, bem se sabe o que este homem quer, que he dar cabo do genero humano, e que commissarios executores poderia elle achar mais azados para o intento?

SOLILOQUIO LXXXVII.

Huma observação contínua sobre mim mesmo tem dado lugar a huma questão curiosa, que á força de trabalho me parece ter resolvido. Quando passava desgraçadamente o tempo em estudos profundos, e regulares, me avezei a ler, e meditar depois que me deitava; e lendo, e meditando me achou muitas vezes a aurora quando nascia, sem ter pregado olho, absorvido por todo o espaço da noite em meditações metafysicas sobre aquelles objectos, que são dignos só do entendimento do homem, como são as razões universaes das coisas, como he Deos, o espaço, o tempo, o movimento, a alma, sua espiritualidade, e immortalidade, a materia; proprio estudo do homem, que só se póde chamar douto, e sabio, quando chega ao menos a rastejar estes co-

nhecimentos, e a ter sobre elles idéas distinctas. Cançado de lutar com estas difficuldades adormecia, e immediatamente começava a sonhar os maiores, e os mais descosidos, e desatinados disparates, que nem com estas meditações tinhão parentesco algum, nem relação com o que me tinha passado de dia pela imaginação. E eu sou o mesmo homem, o meu espirito o mesmo. Quem poderá explicar este estranho fenomeno? Acabar de analizar o pantheismo de Spinosa, segui-lo para o refutar naquelle profundo, e intricado labyrinto de idéas, apanhar o fio de suas proposições, e sonhar logo com uvas ferraes, e melancias de Coruche; seguir a Newton no systema das côres, e o tenebroso Malebranche, ou o profundo Leibnitz em suas opiniões sobre causas occasionaes, e razões sufficientes, e sonhar logo com vinho de Carcavellos, e com os meninos do P. Gil! Passar quasi huma noite na leitura, e meditações do primeiro volume das epocas da natureza, onde se achão idéas tão originaes, e tão sublimes,

e cuja impressão devia ser permanente na minha alma ainda depois de pregar o olho; não, Sr., não he isto assim; começo a dormir, e começo a sonhar com a regente do Rego; eis-aqui hum fenomeno, cuja causa pede huma explicação, ou ao menos que se arrisquem algumas conjecturas.

Em quanto estamos acordados, he certo que os sentidos recebem de todos os corpos que nos cercão involuntarias impressões, ás quaes nos não podemos evadir; a isto se chama em lingua filosofica « sensações. » Podemos-nos isolar (palavrinha da moda) podemos-nos isolar destas sensações exteriores por meio de sensações interiores, que se chamão meditações, as quaes sendo aturadas, fortes, e profundas nos não deixão perceber os objectos externos, que affectão nossos sentidos; não vemos, não ouvimos, nem cheiramos. Ora estas sensações que são continuas em quanto estamos acordados constituem o fluido nervoso em huma acção constante, como diz aflux, a escóla dos

algozes, sita em Epidauro. Depois das sensações internas, ou externas do dia, os sentidos se enfraquecem, e o fluido do cerebro se atenúa. A luz que he o principio da vida, e da sensibilidade, deixando de existir na parte do globo que habitamos, começamos a sentir a necessidade do repouso, chega o somno (o melhor presente da natureza agora no tempo dos Francezes) e os sentidos se fechão ás impressões exteriores; mas as fibras nervosas destes sentidos, que durante a vigilia, fôrão fortemente movidas, e agitadas, ou por objectos reaes, ou por pensamentos representativos dos objectos, estas fibras conservão ainda as vibrações. Estas vibrações em hum sentido diverso, e opposto, e isto por hum mecanismo de que nós não somos senhores, produzem hum chuveiro de sensações internas sem pés, nem cabeça, discordantes, disparatadas como editaes de La Garde, porque nem a vigilia, nem as sensações externas, nem a attenção as pódem metter em linha de batalha como bandos de tabareos, que estão

duas horas em consulta para saberem qual he a mão direita, sobre a *qual* se hão de voltar, sem pararem jámais na contradança. Nesta desordem interior falta a attenção, e por isto não existimos em estado de julgar da incompatibilidade das taes sensações tumultuosas.

Entre os prodigios dos sonambulos não tem pequeno lugar a ordem das acções, porque as vibrações do cerebro se produzem durante o somno, com força, e travação regular, e por isso com memoria; e por isto todos os sonambulos são dotados em alto gráo de sensibilidade, e de memoria; e esta acção viva da memoria sobre tudo, durante o somno, produz todos os fenomenos do sonambulismo. He preciso muita memoria com effeito para conservar no somno huma idéa justa das relações das grandezas, das distancias, das localidades, e da coordenança de todos os objectos entre si. Se quando velamos, á força de abstracção interior chegamos a nos separar das sensações exteriores, então perdemos o poder de diri-

gir a attenção. Isto he huma verdade de experiencia, e de facto. Tenho fallado a alguns senhores, cabeças calculantes, determinadores de todas as propriedades das curvas, mais que o tysico Pascal, e o espantandiço Varig-non, ainda que lhes diga que se lhe estão queimando as casas, ou lhe foge hum ladrão, com a triste meia duzia de puidos lenços, que lá lhe ficárão, não acordão, nem se dignão de escutar, ou responder. Sáo estes os entulhos mais insuportaveis da vida civil, e desejo desperta-los ás vezes com dois bofetões. Estes homens sonhão acordados, bem como outros de lote mais fino, e mais ridiculo, os poetas; o repouso profetico de beata em contemplação, com que buscão em hum paiz muito remoto da profana humanidade os dois importantes consoantes para aquelle mote, « Déste-me cravos azues » (feliz do mundo se elle apparecesse bem glozado !) os representão verdadeiros sonhadores, suspensa a attenção para as sensações externas : assim o que verdadeiramente dorme, e sonha,

não tem attenção que dirija, e metta em ordem as vibrações das fibras, e seguem-se humas ás outras as impressões que nellas tem ficado não só ha dias, mas ha annos; de humas se gerão outras, e se armão os disparates de que depois nos lembramos, quando o estado de vigilia nos torna attentos.

Tudo isto são conjecturas, o fenomeno fica inexplicavel, e fica tambem certissimo, que o homem he hum animalzinho indecifravel em qualquer estado em que o contemplemos; nem conhecemos mais que os effeitos, as causas não são para agora; dizerem os empanturrados sábios, que as conhecem, he huma presumpção digna da casa dos orates

SOLILOQUIO LXXXVIII.

O Que são os Francezes estamos nós vendo por nossos peccados dentro em nossa mesma casa, de que elles se fizerão senhores não sei porque. Por qualquer lado, que os contemple; vejo huma gente que diverge em tudo do estado natural da outra gente. Vil canalha na verdade, apta para tudo, e sobretudo disposta para a servidão. Não me admiro de aturarem Buonaparte neste tempo em que já estão cães malhadiços sem honra, sem vergonha nenhuma, estão reduzidos a hum tropel de escravos buçaes, que soffrem tudo, com tanto que lhe não chegue o azorrague immediatamente ás costas. Admiro-me de observar esta apathica ralé naquelle tempo do furor da igualdade, e liberdade; naquelle tempo em que não havia senão o cidadão, e a

cidadôa, em que mestra Josefa se chamava ainda a cidadôa La Pagerie, e mestre Napolèão o cidadão Pascoal (que este era seu nome de baptismo, e de collegio) naquelle tempo em que o povo se dizia soberano, aturarem, e soffrerem os Francezes hum anno inteiro o noviciado da tyrannia de Buonaparte na tyrannia de Robespierre. Muito tenho meditado sobre este memoravel, e horroroso mortal! Em huns taes alfarrabios Inglezes, chamados revista do mez, vi os retratos ao natural de alguns diabos, que antes delle, e com elle figurárão na chamada convenção, ou que quer que seja, que os Francezes fazião para se fazerem mais desgraçados. Alguma coisa sou iscado da manía de Lavater e de Gall, e gosto de descobrir nas feições externas as affeições moraes dos homens, as suas qualidades, ou faculdades intellectuaes, e mais ainda pela relação com os rasgos fysionomicos de certos animaes. A carinha de Marat era a horrenda catadura de hum mono velho, a mesma malicia, a mesma inquieta-

ção, desasocego, e receio, e na enorme abertura da bocca hum desejo continuo de dar dentada; a agua he fatal para os macacos, e elle acabou em hum banho. Danton era tirado por huma penna, a cabeça de hum cão de fila, os mesmos beiços cahidos, a mesma papada, o mesmo olhar tremulo, e sempre horizontal de hum cão de fila. Mirabeau tinha com effeito a fysionomia de hum leão, mancebo negro, e feio, cujas afeições correspondião bem ao caracter de leão, excepto a generosidade. Buonaparte não descobre na fysionomia relações com animalzinho algum dos acima referidos, se elle se parecesse com a hyena de Buffon, ou com o tigre, pintado por este naturalista, ainda se podia dizer que tinha alguma qualidade boa, porque a natureza, ainda no que he máo, não produz hum máo absoluto sem alguma mistura de bondade. Mas entre todos os retratos o mais notavel era o de Robespierre, porque homem nenhum representou até agora com mais propriedade, e similhança a cabeça, e focinho de

hum gato. Quando era simples procurador de causas, era hum gato domestico, sombrio sim, mas pacifico, quando se metteo na convenção, mudou para gato bravo, ou toirão; e quando se sentou no primeiro lugar dos supremos legisladores era perfeitamente huma onça. A este semi-homem, ou semi-gato se sugeitárão os Francezes com tanta resignação, e respeito quanto era preciso para se arrastrarem depois aos pés de Buonaparte imperante.

As memorias que li a respeito de Robespierre, me fizerão vêr, que a historia de sua vida, seguia passo a passo a historia de seu temperamento. Começou pela melancolia, e acabou pelo atrabilismo. Tinha a tez pálida na assembléa nacional, e transformou-se em livida, e perfeitamente amarela na convenção. Quando fallou na assembléa constituinte tremia, quando fallou na convenção espumava, e tinha nos cantos da bocca dois arrates de sabão. Era de engenho mediocre, e abaixo do mediocre, tinha quasi nada de idéas, e nada de ima-

ginação, porém era dotado de huma memoria tenaz: os vicios em Robespierre, fazião o lugar de talentos, e hum ou outro vicio em acção, e movimento lhe davão muitas vezes, quando fallava o impeto oratorio. Tinha hum estilo froxo, lethargico, e difusissimo, mas fallava com energia, se alguma paixão brutal, e sanguinaria o aquecia. Era poltrão como são todos os crueis, mas parecia hum Cid campiador, quando queria destruir. Hum escriptor de papeis de botequim, chamados mensageiros da tarde lhe atribue o talento de refutar, talento incognito por certo ao homem gato. Tinha alguma logica para encadear algumas idéas, mas não possuia a sagacidade necessaria para penetrar, decompor, e analyzar as idéas alheias: com muito trabalho chegou a subir á tribuna, (devendo só subir á forca) em 1790, e 1791, e fallar; e muito mais lhe custou fazer-se ouvir, porque seus discursos erão verdadeiramente suporificos. Mettia-se a charlatão, e profeta, o que excitava a curiosidade das furias femininas, espa-

lhadas pelas tribunas da sala da convenção, para apuparem, ou applaudirem segundo o seu talento. E como podia ser energico fallando, quem na acção era perfeitamente paralytico? Ninguem o vio obrar, não digo no momento do perigo, mas nas circumstancias de mais calmaria, e socego. E he notavel que no espaço de seis annos, em que elle sustentou todo o pezo das duas assembléas nacionaes, não fornecesse huma só linha aos 40 volumes das leis, que se promulgàrão, e nos dois annos do maior furor revolucionario nenhuma das medidas que se tomárão, e dos projectos, que se executárão foi de invenção sua.

Não tinha instrucção alguma, nem a mais ligeira idéa da sciencia da legislação; nem conhecia meio algum entre a guerra, e a exterminação, entre a anarchia, e a oppressão, entre o seu regimen vexatorio das propriedades, e a falta absoluta de administração pública; não amava a gloria, e só buscava applaudidores, e expectadores; não era apaixonado do poder supremo de que não sabia gozar,

e que era incapaz de exercitar. Julgou-se que ambicionava o tribunado, quando não cuidava mais, que em apparecer na tribuna. Tinha hum desejo vago de alcançar, e obter dos Francezes huma submissão respeitosa, e servil ás suas opiniões: era mais ávido do apparato do poder, que do mesmo poder essencial. Acabou por ultimo por aspirar á suprema tyrannia, porque se tinha tornado necessaria, e indispensavel para sustentar a insolencia de suas primeiras usurpações, e para satisfazer suas vinganças.

A paixão dominante de Robespierre foi a inveja. Esta paixão o tornou inimigo de todos os seus rivaes na tribuna, inimigo de todos aquelles que tinhão sido applaudidos antes delle; inimigo de todos aquelles que o podião ser; inimigo das mulheres, cujos talentos, e belleza lhe grangeavão reputação; inimigo da mulher virtuosa, porque era respeitada; inimigo da meretriz, porque levava as attenções dos homens; inimigo dos mortos até proscrever a

memoria daquelles de quem tinha proscripto a cabeça, e teria invejado até a celebridade do cadafalso em que os via, se o mesmo cadafalso não fosse o termo de todas as rivalidades. Não me dou paz, nem socego em me perguntar a mim mesmo: Como he possivel que com tão poucos meios este homem fosse por tanto tempo o senhor absoluto a ponto de commandar a execução de tantos crimes por tão longo espaço tolerados, e impunes? Como he possivel, que fosse despovoando de tal maneira a França, que embotasse os ferros das guilhotinas em cortar milhares de cabeças todas as semanas? Posso apontar por causa hum grande número de circumstancias estranhas a seu caracter, e com ellas explicar huma elevação tão extraordinaria. Mas eu attribuo esta á sua constante inação, quando todas as circumstancias pedião, que obrasse com energia, e actividade. Esta inação o fez permanecer só na área em quanto todas as mais poderosas facções se destruião mutuamente. Mas a causa principal

da elevação, conservação, e tyrannia deste gato he a vileza do caracter Francez; não he muito, que os estupidos Parisienses supportassem por tanto tempo hum jugo de ferro, forjado pelas mãos de hum nacional, que os degolava por devertimento, quando aturão apathicamente hum Corso mais barbaro, e mais gato que Robespierre, que os reduz á escravidão mais vergonhosa, e que tem feito correr profundos rios de sangue, e que se os não manda degolar nas praças de París, os leva para outros mais crueis degoladoiros a longes terras, onde farte huma ambição tão louca, que não tem já objecto, nem limites. A raça de homens mais vis, mais abjectos, mais propensos para a escravidão, que tem apparecido na terra, he a raça presente dos Francezes.

SOLILOQUIO LXXXIX.

Já que me entretive com a carantonha de Robespierre, e com as suas virtudes, e talentos, bom será que me espraie hum pouco pela revolução Franceza, que tambem chegou até nós, pois vemos em Lisboa o tribunal dos regeneradores dos filhos de Adão. Tudo he novo nesta revolução; e como os homens se não havião preparado contra hum mal tão imprevisto, tudo foi perigoso, e funesto na mesma revolução. Em nenhum seculo, (correndo todas as epocas das desordens humanas) se tinha observado huma reunião de grandes literatos convertidos em hum bando de ladrões, e de assassinos: nem menos se tinha visto que huma horda de salteadores e bandidos se lembrasse de se embrulhar na capa de virtude, e tomar o tom, e os momos de huma academia

de filosofos. Esta união monstruosa se produzio inimigos, não erão inimigos para desprezar; e se produzio amigos, ou malvados com este nome, ainda erão mais formidaveis, e espantosos. Os proprietarios em França, contra quem verdadeiramente se formou a revolução, fiárão-se em huma força, que elles julgárão irresistivel, não procurárão combater seus inimigos com suas proprias armas. Achárão-se nas mesmas circumstancias que os miseraveis Mexicanos, quando se vírão atacados pelos caens, pela cavallaria, pelos mosquetes, e por hum punhado de animaes bipedes, e barbudos, cuja existencia elles ignoravão. Os inimigos dos proprietarios Francezes vivião nas suas mesmas casas, no seu mesmo seio, porém não tiverão a sagacidade de lhes divisar, e perceber o caracter feroz, e selvatico. Parecião mansos, e domesticados: a primeira palavra que se lhes ouvia era a doce palavra humanidade. Tão filantropos, que não podião supportar os mais leves castigos, que as leis mais humanas impozessem aos

maiores criminosos, a mais ligeira severidade da justiça os fazia arripiar de susto, e de compaixão. Só a idéa de huma guerra no mundo lhe tirava o somno, e espancava para sempre o repouso. Se houvião fallar em gloria militar, acodião logo, dizendo, que era huma infamia brilhante. Apenas soffrião que se lhes fallasse de huma justa defensa, elles a restringião tanto, e estreitavão tanto os limites do direito das gentes que deixava de ser defensa, e era nos dictames de sua melindrosa moral huma solemne, e pública injustiça: e tudo isto era em quanto elles meditavão as confiscações, e matanças, as violencias e invasões de que nós somos testemunhas. Se algum tivesse dito então aos desgraçados nobres, aos proprietarios, e aos homens de qualidade Francezes, que estes mesmos lisongeiros, e parasitos insectos destruírião o grande edificio da monarquia Franceza, na qual elles occupavão tão differentes, e destinctas jerarquias; o homem que isto lhes dissesse, seria reputado hum objecto digno de compaixão, e de-

pois da casa dos Orates; hum visionario, hum agoireiro infausto, hum emprazador da felicidade, e tranquillidade pública; a opinião em que estavão, de que isto era hum impossivel, lhes acarretou sua ruina, e condensou a tempestade, que tantos raios tem desfechado sobre a sua cabeça, e sobre a nossa; porque a aluvião de malvados que nos estão dando os dias santos, e extorquindo quarenta milhões, depois de nos terem despido até a camiza do corpo, desta ralé forão extrahidos, e são dignos netos dos regeneradores dos direitos do homem.

Ora o que ha de notavel em tudo isto he vêr, que teve principio tanta desgraça revolucionaria no seio da literatura, e da filosofia: que este público, e universal latrocinio teve por apostolos Raynald, Mably, Condorcet, Mirabeau; o hypocrita Marmontel, e Barthelemy, e outros confrades mais da seita encyclopedista. Eu não tenho literatura nenhuma, nem se me dá disso, porém sempre tive grande tendencia para observar

o caracter, e a conducta dos maiore literatos; estes homens em degene rando em moral, são os peiores de todos os filhos de Eva: a corrupção do optimo sempre he péssima. Eu sei muito bem o que se deve esperar de hum caracter, cuja reputação, e fortuna dependem principalmente do talento, e do saber, quando este caracter chega a adoecer, e corromperse. Estes homens de letras, quando sacodírão o jugo de todo o temor do Ceo, quando suffocão os gritos do natural remorso de huma consciencia, que se assusta com o aspecto do crime, quando depõe todo o temor, respeito, e contemplação devidos aos outros homens o que tem sido muito vulgar em todos os seculos; quando renuncião a todos os sentimentos de pejo, e de vergonha! como vemos que tem renunciado entre nós, estes descarados ladrões que se nos introduzírão até na fundição, e arsenaes para nos protegerem contra a maligna influencia de Inglaterra: se neste estado elles obrão em corpo, e concerto, ou systematicamente, creio com fir-

meza, que o inferno não póde vomitar maior flagello para apoquentar os homens, nem peste mais cruel para affligir a humanidade. Nunca pude conceber coisa mais dura que o coração de hum methafysico de profissão; huma carrada de seixos á sua vista, he mais branda, que hum prato de ovos moles. Esta dureza provem mais da fria malignidade de hum espirito máo, que da fragilidade, ou da cegeira das paixões humanas. He verdade que não parece coisa muito facil desarreigar inteiramente a humanidade do coração humano. Ha certas visitas da natureza arrependida, ella bate algumas vezes ás portas da sua consciencia para protestar contra suas mortiferas especulações, mas os methafysico-politicos achão meios de fazerem huma composição com os proprios remorsos. He certo que a sua humanidade não está dissolvida, ou extincta, está sopíta, e prorogada.

Dizem á bocca cheia, que se não propõe outra coisa mais do que o bem, e que se encaminhão por cari-

dade a fazer os povos felizes,. como vemos que elles praticão entre nós. Ninguem se lhes queixou de desgraças, elles as suppozerão, e voárão por meio de tantos incommodos, até a comerem bolotas verdes por esses montados para nos trazer o soccorro, tanto mais para agradecer, quanto foi menos pedido: mas he coisa notavel na filosofia destes homens, que este bem que trazem aos povos em promessa nunca póde ser conseguido senão por meio de males reaes, que elles causão, males de todas as castas. Se nos queixamos, o primeiro nome que nos dão, he o de ignorantes, que não conhecemos os nossos verdadeiros interesses, nem comprehendemos a ventura que vem a huma nação de ter canaes abertos, ainda que não haja pinga de agua para os encher, e de romper toda a communicação com os Inglezes, cuja paixão novamente descoberta he chupar o sangue do continente como as velhas dizião, que as bruxas desejavão chupar o sangue das creanças de peito. Sua imaginação endurecida se fatiga com

a contemplação de inumeraveis entes que soffrem a devastação, e a cujos olhos se offerece o espectaculo de seculos de devastação, e de miseria. A humanidade, que elles vem assoalhando, está sempre no seu horizonte, e foge diante delles como lhes foge o Oriente. Os geometras, e os quimicos trazem comsigo, huns de encarniçamento de seus diagramas, outros do ardor de seus cadilhos tirão as disposições, que os tornão mais que indifferentes aos sentimentos, e habitos que são os espeques deste mundo moral.

A ambição os tem embaido de tal maneira que andão bebados de ambição, e se tem tornado insensiveis aos perigos, e desgraças que desta desatinada ambição resultão para elles, e para os outros. Estes filosofos canibaes não tem mais consideração para com os homens, em quem fazem suas experiencias, do que tem para com os ratos, que fechão com o recipiente de suas maquinas pneumaticas, ou no recipiente de hum gaz mephitico. Attendem tanto para huma na-

ção, para seus direitos, sua soberania, e independencia como os gatos attendem para os miseraveis ratos, que lhe cahem nos arpeos das envergadas unhas, depois de se divertirem com elles, de os ludibriarem, e de jogarem com elles a bilharda, ou a péla os enterrão para sempre no escuro porão do buxo. Não ha imagem mais expressiva dos filosofos regeneradores do que são os gatos graves, reservados, insidiosos, de olhos penetrantes, e escondendo sempre os retorcidos grifos debaixo de avelludadas patas.

Que bonito gatinho he ainda hum abbade Sieyes! Este profundo methafysico tem hum armazem cheio de armarios, ou de gavetões numerados, e todos elles abarrotados de constituições já feitas, selladas, empaquetadas, rubricadas, e classificadas, proprias para todas as estações, para todos os gostos. Humas vão debaixo acima, outras vem de cima abaixo. Ha humas lizas, outras bordadas, humas são simplices, outras complicadas. Ha constituições, neste im-

menso sortimento, côr de sangue, e lama de Paris; com directorios, e sem directorios; com conselhos dos anciões, e conselhos dos rapazes, e outras sem conselho nenhum absolutamente. Tem tambem lotes de constituições, em que os eleitores pódem escolher representantes; outras onde os representantes possão escolher eleitores: constituições, cujos agentes vistão roupas largas, e de cauda comprida; outras em que vistão talares á cleriga; outras em que vistão só calções; outras em que vistão pantalonas. Tem constituições, em que os representantes sejão tão frugaes, e tão Fabricios, que não tenhão mais que cinco tostões de renda; outras em que sejão tão opulentos, tão Crassos, tão Polliões, e tão Apicios, que lhes não bastem cinco milhões de cruzados cada mez. De maneira que não ha fantasia constitucional, que não ache fazenda a proposito no seu armazem, com tanto que os compradores, ou freguezes de seu gosto, sejão os da pilhagem, os da oppressão, os das prizões arbitrarias, confiscações, des-

terros, mortes, processos, e sentenças revolucionarias, assassinos legalmente premeditados; sendo os freguezes deste calibre, alli acharão sortimento á sua vontade, e nessa fatal loja achou Buonaparte a omnipotencia, os incomprehensiveis designios, as atrocidades, a tyrannia, os roubos, as invasões, as perfidias, a jornada de Portugal, onde lhe sahio o gado mosqueiro, a reformação da monarquia Hespanhola, o desembarque na Inglaterra, a destruição da armada Dinamarqueza, a paz de Tilsit, as conferencias de Bayona, o decreto de Milão, e toda a salgalhada de crimes, que fazem de Néro, e Domiciano huns solitarios pacificos, e virtuosos. Eis-aqui donde sahio a célebre, e funesta revolução Franceza, onde em vinte annos de lagrimas, e lutos se perguntão os Francezes huns aos outros, que fizemos nós?

SOLILOQUIO XC.

Entre a corja dos empecilhos humanos, e males a que está sujeita a posteridade de Adão, creio que não ha outra mais intolleravel, que he huma tropa de comicos. Não ha familia mais audaz, mais impertinente, mais soberba, e de maior impudencia, e descaramento. Creio tambem que cada individuo de per si póde ser hum cidadão muito honrado, pacifico, e prestadio, em quanto o considero sentado na sua tripeça, ou de pé á sua forja, ou acocorado, e encruzado com sua agulha na mão, etc. porém juntos em corpo comico, em conclave, ou parlamento, póde desafiar-se, ou Tamerlão, ou Buonaparte com os seus bravos, que lhe tenha de encontro, e sustente huma refrega de meia hora. São mais temiveis que credores, ou que os pedreiros da Ode de Garção

(que tudo para elle erão assumptos de Ode) que poderião bater os Dardanellos, e sendo temiveis para todas as classes de individuos em sociedade, são raios assustadores, e exterminadores para o Povo Poetico-Dramatico, que lhe vive debaixo do anno do nascimento. Contra os versejantes se encarniça seu despótico imperio de maneira, que a existencia, ou não existencia de hum pobre vate, pende de hum aceno seu. Fazem de despotas inaccessiveis aos miseraveis authores, e eu ouvi dizer a hum no tempo em que ainda nos podiamos rir, que lhe era mais facil fallar ao Manique, que a José de Arcejas; que em menos tempo lhe dava resposta hum contínuo das sete casas, que José Felix, quando humildemente o esperava á sahida de hum botequim; e outro miseravel Brazileiro, que fazia seguedilhas para o theatro, me disse, que estando no Rio, obtinha mais depressa hum despacho do governador, que huma audiencia do Pedrinho, e da Feliciana. São tão inacessiveis estes Lamas, que as pobres crias de Mel-

pómene, e de Thalia se desgostão, e desertão da sua doce profissão, escandalizados das repulsas, e altivez dos comicos. He verdade que se alguma das suas virtudes os aposenta no Limoeiro, a attitude de hum noviço capucho, não he mais humilde, e mais branda. Mas nos seus camarins, nas suas conferencias, nos seus imperiosos julgados, fazem tremer de susto o Eurotas, e o Parnaso em pezo. Não he muito, que certas paludosas rans dos charcos de Hippocrene, tremão diante dos comicos, e tenhão queixas que formar de sua altivez, dureza, e pertinacia. O mesmo Voltaire, o Sultão do Pindo, se queixou muitas, e muitas vezes se doeo do pé soberbo que o esmagava. Tinha acabado de dar ao theatro a célebre Zaíra, que foi recebida com aplausos, e acclamações, quaes na verdade merece esta grande composição. Com tudo assistindo ás primeiras representações, conheceo, que era preciso para maior perfeição da peça fazer-lhe algumas alterações, ou mudanças, que a inflexivel, e imperiosa pla-

téa mostrava desejar. He coisa sabida que os senhores comicos depois de haverem encaixado com muito trabalho dusentos, ou trezentos versos na memoria, porque a falta que tem de intelligencia se oppõe á sua conservação, não querem que hum pobre author lhe venha desarmar a igrejinha, e deitar abaixo a cantareira com suas emendas. Dufresne, que era o capataz da quadrilha tragica recusava sempre as lições variantes do Poeta, que debalde o hia todos os dias esperar na antecamara para o persuadir a que concorresse com hum bocado de complacencia, para o bom successo da senhora Zaíra, e para a satisfação do público. O Histrião para se sacudir das importunações do Vate, recorria ao ordinario expediente, e mandava dizer por hum de seus guardas roupas, que tinha sahido para fóra; nem por isso Voltaire se aborrecia, ou se cançava. Sobia-lhe de manhã a escada, e mettia-lhe por debaixo da porta do seu quarto as correcções que queria inserir na peça, porém o pertinaz, e inexoravel Du-

fresne, ou não as lia, ou não fazia caso dellas, e o pobre, e atormentado pai de Zaíra não se pôde desenvolver deste embaraço, nem remover este invencivel obstaculo, se não por meio de hum estratagema; porque em fim, atacar tão grande campião pela frente, e á força descoberta era baldada empreza, e tentativa inutil. Voltaire soube que o Histrião destinava dar hum lautissimo jantar aos seus amigos, e mandou fazer para este dia hum enorme timbale, ou descomedido pastelão, e á hora mesmo em que começavão as libações da orgia lho mandou anonymo. O pastelão foi recebido pelos convivas com acclamações, gritarias, e com todo o ceremonial da ovação. Juntárão-se para abertura daquelle importante prégo com a mesma circumspecção com que o senado de Roma se juntou diante de Domiciano para deliberar sobre a maneira porque devia ser guizado o façanhoso rodovalho, que o mar vomitára para fazer hum presente ao imperador dos Romanos. Mas que assombro se seguio á circumspecção da tropa

comica á vista de doze perdizes, que como vestaes tinhão sido sepultadas debaixo daquella abobeda de farinha! Cada huma das perdizes tinha no bico hum bilhete, que continha huma parte dos versos, que era preciso accrescentar, mudar, ou supprimir na parte de Dufresne. Foi approvado, e bem recebido o estratagema de fazer admittir correcções em partes já estudadas, e declamadas por Histriões soberbos, e o público conheceo na primeira representação de Zaíra, que o author tinha attendido á crítica, mas ignorou sempre, e nós cá tambem os admiradores de Zaíra, que esta Zaíra deve huma grande parte da sua fortuna, e da sua nomeada á recomendação de doze perdizes, mettidas n'hum pastelão. Que despota he hum comico em carnaval! A mesma soberba do Sultão de Hippocrene se abatteo aos pés de hum capataz de comediantes! Fecha-se hum theatro por algum incidente, ei-los pelas portas a pedirem huma esmóla, com huns ais tão maviosos, huns corações tão quebrados da indigencia, que em fim não

ha remedio senão acudir-lhes, porque em fim, *mentem mortaliam tangunt*! Que fonte de reflexões para o filosofo! Vêr quem ha duas horas foi Artaxerxes, Mithridates, Cyro, e consul Romano, posto por portas a pedir huma esmóla!

SOLILOQUIO XCI.

Grande, e debatida questão tem sido sempre a da nobreza herdada, e a da nobreza adquirida. Em quasi todos os seculos os homens se occupárão do fantasma de seu nascimento: estas distinoções do berço, humas vezes tem sido aprovadas, outras vezes tem sido condemnadas pela filosofia; a revolução Franceza inexoravel as proscreveo, ou quiz proscrever para sempre, porque agora já vão apparecendo em huma corja de duques, que daqui á amanhã dirão que são filhos do Sol como o imperador da China, e netos da Lua como nós dizemos. A maldita revolução, animada, e açulada pelo espirito do estrago, não só arruinou o governo, mas dissolveo a mesma sociedade, e entrando nos domicilios domesticos, dissolveo tambem as familias. A mor-

te que abate os individuos, não extingue as especies. As familias quizerão triunfar da morte, e aspirárão na ordem politica á mesma immortalidade a que aspirão as especies na ordem da natureza. O mancebo gosta, que lhe fallem de seus pais, e o velho décrepito quer que os netos o cerquem, ainda que fação zombaria delle. Póde haver muita coisa real, muita coisa illuzoria nestas disposições, o que nella admiro como em tudo, he a contrariedade dos sentimentos, e das opiniões dos homens sobre hum mesmo objecto. He bem conhecida, e até deve ser conservada de cór a famosa satyra do sublime moralista Juvenal. *Stemmata quid faciunt!* De que servem estes titulos vãos, e estes padrões de armas? De que serve contar na sua raça hum longo fio de avós, e de ter huma casa cheia de quadros, que os representem? De que serve mostrar os Emilianos, e os Curios empertigados, e tezos em cima de carros triunfaes, e contados já no rol immenso dos Deoses? He verdade, estás muito ancho

com o sangue dos Drusos; por ventura foste tu o que o fizeste correr em tuas veias? Tu dizes, vossés são huns pigmeos do povo, que apenas conhecem seu pai, e eis-me aqui filho de Cecrops. E tu que fazes, filho de Cecrops? Vives no canto da tua casa, tão inutil como a estatua de Hermes. He certo que a sua cabeça he de marmore, e a tua he de carne viva; lembra-te filho de Cecrops, que a palmeira cortada, e abatida em terra póde invejar a sorte do chopo que viceja, ainda que rasteiro, e ignorado. Lembra-te que os Decios fôrão plebeos, ou mecanicos, e que suas almas immortaes fôrão agradaveis aos Deoses. Lembra-te em fim, que antes te quereria vêr filho de Thersites, mas vestido das armas de Achilles, que filho de Achilles, e coberto com os farrapos de Thersites. Isto diz o sublime moralista no seculo da maior corrupção de Roma; admiro-me do que diz Horacio no seculo em que parece que em Roma dominava a filosofia, o bom gosto, e a razão. Horacio não tinha a alma muito elevada, e

ainda que fosse severo à respeito dos costumes de seu tempo, não approvaria muito a censura de Juvenal sobre as distincções do nascimento.

O primeiro, e o grande cumprimento que elle faz a Mecenas apenas abre a bocca em a primeira ode, he chamar-lhe descendente dos reis de Etruria. Sua lisongeira, e aduladora filosofia constitue como hum principio a influencia consecutiva do sangue sobre as gerações. O valor gera o valor « mentira solemne na verdade, e mentira descoberta pela experiencia. » Nós sabemos que coisa sejão os filhos dos guerreiros, e os filhos dos grandes ministros de estado. A boa filosofia de Horacio acha nos cavallos, assim como nos touros a qualidade de seus pais, e nos impinge por huma grande novidade, que huma especie, não produz outra especie differente, porque dos ovos da aguia nunca se tirão borrachos, e por tanto o filho de Cicero devia ser tão eloquente como o pai. He certo que o poeta nos quer dizer que a nobreza do sangue se transmitte, e não as ou-

tras faculdades moraes, e intellectuaes; ainda até agora ninguem determinou em que consista esta nobreza de sangue, nem o que traga comsigo. Hum grande que nasce na opulencia tem meios de se aperfeiçoar pela educação; os mestres, as commodidades, as circumstancias, lhes inspirão certos estimulos que se attribue immediatamente ao sangue, mas não he assim. Se elle nasce bem organizado interiormente, desta causa fysica começão a apparecer bons effeitos moraes, ajudados pela educação ainda se purificão mais, e isto se attribue ao sangue. Se elle nasce mal organizado, e com inclinações perversas, estas modificão-se, e quasi se extinguem por huma boa educação, e tudo isto se attribue ao sangue, e á sua influencia. Commodo era filho de Marco Aurelio, vejão que tal he a geração das aguias. O filho de Cromwel, em que se pareceo com o pai? Na ordem de literatura quasi sempre as taes aguias gerão bestas, e só teve esta regra excepção em José Cesar Scaligero, melhor literator que

» pai, e em Torcato Tasso, melhor poeta que o pai tambem poeta. Em boa filosofia, hum grande nascimento não traz comsigo gloria, traz grandes deveres, grandes obrigações. Hum dos mais eloquentes discursos do immortal Massillon he o do dia da encarnação, onde se admirão as mais brilhantes tiradas, e as mais vigorosas razões contra as frivolas distincções do nascimento.

A vaidade dos homens inventou a arte genealogica, arte positiva que tem seus elementos, e seus principios, quasi todas as regras da historia lhe são applicaveis. Com esta arte tem brilhado os parasitos, os noveleiros, e os aduladores. E qual he a genealogia que não esteja iscada de mentiras, e de fabulas? Ha genealogias em livros, que sobem até Adão, Tal foi a arvore que apresentárão ao cardeal de Richelieu; e com effeito esta he a genealogia de todos os homens só com a differença de que huns sabem mais, outros menos nomes de seus avós. Deste trabalho está livre o engeitado; póde dizer com summa

verdade que seus avós sobem em linha recta até Adão. Hum abbade genealogico em França foi apresentar huma arvore com costados ao cardeal Mazarino, em que fazia deste pobre aventureiro Siciliano descendente de Macerino, consul Romano: o cardeal era homem de seguro juizo, e disse ao genealogico, que se publicasse similhante *autem genuit* o mandaria metter na Bastilha, e com effeito, com esta promettida recompensa a arvore seccou-se, e o livro não appareceo. Cicero não se pejava de sua baixa extracção. Vespasiano era igualmente livre a este respeito; perguntárão-lhe, estando para expirar, como se sentia? Respondeo: *Ut puto Deus fio*, parece-me que me vou transformando em nume, escarnecendo de ante mão a ridicula ceremonia de sua apotheosis. Apezar disto, he huma especie de consolação, e de honra, visto não vivermos com outros homens senão com estes que estão no mundo, descendermos de homens de bem, bons cidadãos virtuosos, e não de vadios, e ociosos, que he a verda-

deira manoha em huma geração. Xisto V.º he huma grande lição entre as preoccupações frivolas dos que se honrão com huma longa serie de avoengos, que só se mostra que viverão. Gostei da ingenuidade do arcebispo de Evora, porque perguntando-lhe, que ferida fôra aquella, cuja cicatriz conserva na cara, me respondeo, que fôra huma chispa de hum ferro em braza que o pai malhava na bigorna. Ser filho de hum homem que trabalha, he ser filho de boa familia.

A revolucão Franceza arrancou todas as instituições estabelecidas, e levou de volta comsigo o erro, e a verdade, os usos, e os abusos, os bons costumes, e as preoccupações. Com medo da servidão, deshonrou a obediencia; e com medo da tyrannia, proscreveo a authoridade. Constituio o orgulho da igualdade no lugar do orgulho das jerarquias; e em lugar do poder moral, apresentou a força: tirou á sociedade todos os laços, e só lhe deo cadeias. Ataquem quanto quizerem os vicios, ou os abusos dos nossos prazeres; arranquem do

espirito de familia tudo o que póde illudir, tudo o que póde alterar a sua pureza, tudo o que o faz degenerar em illusão de orgulho, e de vaidade; deixem ao menos estes barbaros insolentes, que os homens amem seus pais, e que se interessem na sua posteridade. He doce consolação da vida tocar com huma das mãos o passado, e a outra o futuro. Lembrem-se estes senhores discipulos dos encyclopedistas, que a familia, he a primeira base do estado social; que as familias são os unicos individuos da associação politica; que o imperio domestico he o primeiro elemento da authoridade civil, que he o deposito dos costumes, e o germen da felicidade.

SOLILOQUIO XCII.

O orgulho filosofico costuma desprezar coisas pequenas, sem advertir que nos objectos que parecem avultar menos se encerrão ás vezes vantagens, e utilidades reaes para a sociedade civil em que os homens vivem. Este seculo, estes desgraçados dias em que existimos, derão de todo volta ao entendimento humano. Vai escaceando de todo o gosto das sciencias, e artes, e o unico emprego dos miólos humanos he politica, e Buonaparte; seus planos, seus latrocinios, suas violencias, seus projectos são o unico objecto, a unica materia de todas as conversações, e os póvos cahírão não só em degradamento, mas em perfeita escravidão. O mundo inteiro ha de aturar Buonaparte, ou immediatamente ouvindo-o, e obedecendo-lhe, ou por meio de seus ru-

pinantes satellites. A terra deve governar-se a seu arbitrio, obedecer ás suas leis, e seguir cégamente seus oraculos. Basta o que tem feito entre nós ha quasi nove mezes, e este ultimo decreto esquinal porque prohibem a pesca, me acabou de confirmar, que a revolução fez dos Francezes os homens mais barbaros, e ao mesmo tempo os mais estupidos de todos os póvos da terra; não dão hum passo que não argua sua ignorancia, e vandalismo, ou para me explicar melhor, que não dê a conhecer a filosofia do sansculotismo. Prohibem a pesca! Que brutos! Que idéas magnificas offerece ao Portuguez pensador, e que conhece a sua patria, esta palavra pesca! Somos huma nação maritima, e o mar concorreo sempre para a nossa espantosa grandeza em todas as quatro partes do mundo. Todas as nossas conquistas, e descobertas, a mesma face que demos ao mundo na ordem politica, nascem de sermos navegadores, e nós não fomos navegadores senão porque fomos primeiro pescadores. Estes homens affeitos ao

mar forão os que desde Sagres, onde existio a famosa escóla nautica, emprehendêrão, conseguírão, e realizárão as admiraveis descobertas que opulentárão Portugal, e a Europa. Eu creio que não ha na sociedade huma classe mais respeitavel pela sua utilidade, que a dos pescadores. Costumado a contemplar sempre as coisas á luz de huma sã filosofia, mil vezes olhando para hum botas de Seixal, ou do Barreiro eu o comparo com hum doutor em politica dos que entulhão botequins por esse Rocio. Que homem tão respeitavel se me torna o pescador confrontado com hum ladrão ocioso, empertigado, e soberbo, decidindo das campanhas do Corso em tom dictatorial, confrontado com hum desses inuteis mimosos da ventura, pezos intoleraveis na sociedade, viciosos, incontentaveis, falsos, importunos, caloteiros, desavergonhados, homens corruptos até ao ponto de se affligirem, quando se achão na necessidade de praticarem huma virtude, de serem gratos, ou verdadeiros.

A pesca he tão antiga, que pre-

cedeo á cultura dos campos, e he contemporanea da caça; vai datar com a origem primeira das pequenas sociedades humanas; mas ha esta differença entre a caça, e a pesca, que esta ultima convem aos póvos mais civilizados, e que longe de se oppôr aos progressos da agricultura, do commercio, e da industria, os pobres, e entre nós tão desprezados pescadores lhes multiplicão seus felizes resultados. Se na infancia das sociedades a pesca procura aos homens ainda semi-salvagens hum sustento sufficiente, e sádio; se ella os costuma a não temerem a inconstancia das ondas, a furia dos ventos, e o horrivel aspecto das tormentas; se ella os faz navegadores, e os engolfa tanto, que chegão a perder de vista as praias donde sahírão; esta mesma pesca dá aos póvos já civilizados oportunos, e faceis meios para a subsistencia do pobre, e innumeraveis tributos para o luxo do rico, preparações, e conservas para o commercio externo, como vemos com a abundante pescaria do atum, que tanto

enriquece o reino do Algarve: esta mesma pesca naquellas praias dispôz os Algarvios a atravessarem intrepidamente os mares, porque elles fôrão os primeiros descobridores, e se avezárão a lutar com os fogos do equador, e a lutar de continuo com as tempestades, e pouco a pouco fôrão cobrindo o Oceano com hum bosque de mastros, quando as nossas frotas nos trazião todos os annos as riquezas de ambos os mundos: em huma palavra, da ignorada, e desprezada classe dos pescadores sahírão não só commerciantes industriosos, porém guerreiros intrepidos; as casas mais opulentas, as familias mais respeitaveis talvez dahi procedessem; eu creio que os homens fôrão primeiro pescadores, que agricultores, e primeiro agricultores que guerreiros: Esta lembrança he filha da observação. As hordas vagabundas da America vivem quasi todas da pesca, como buscão de ordinario habitação ás margens dos rios, a mesma necessidade de subsistir os faz pescadores, e por isso são tão destros nadadores, e ati-

radores de frecha, pois della se servem para matarem o peixe; he varado infallivelmente o que appareceo á superficie da agua.

A pesca he a verdadeira mãi da navegação, e esta grande, e utilissima arte reduzida ao mais sobido estado de perfeição, que tanto honra a intelligencia humana deve seus principios, e progresso á pesca. Os avoengos de Vasco da Gama em Sines talvez não fossem mais que honrados pescadores. Nunca olhei com indifferença para hum arenque, e este pequenino peixe he huma das producções naturaes donde tem pendido o destino de imperios, e grandes potencias. O grão do café, a folha do chá, as especierias da zona torrida, o bixinho que fia a seda, tem influido menos na riqueza das nações, que o arenque de fumo do Oceano atlantico; o luxo, ou o capricho, as mulheres, e os sibaritas, he verdade que querem tomar café, e vestir sedas, porém a necessidade imperiosa exige o arenque, porque existe o sustento.

O Batavo industrioso, frugal, e ac-

tivo, e o mais opulento habitador do globo, antes que o raio do Buonapartismo lhe cahisse em casa tinha levado ao mais alto gráo de perfeição a pescaria do arenque. Este povo honrado, e ciscumspecto, que tinha forçado o mar até dar hum azilo em que se acoitasse sua liberdade dos furores da tyrannia, deste territorio facticio tirava fracos recursos para sua subsistencia; porém o mar lhe abrio seus inexaustos thesouros, se lhe tornou em campo fertil em que myriadas de arenques apresentárão á sua infatigavel actividade seáras abundantes, e seguras. Com razão levantou huma estatua ao primeiro pescador de arenque: elle a merecia mais que o primeiro despota, e o maior perturbador do genero humano. O primeiro arenque que apparecia era festejado por aquella, n'outro tempo respeitavel República, com tanta gravidade, e magnificencia, como o era na China o dia em que o imperador pegava no arado, e semeava o trigo. Todos os annos fazia sahir frotas numerosas á pesca do arenque, frotas que mere-

cião mais bençãos que esses enxames de corsarios, que vão espantar os mares, e estender nelles a guerra como se não bastasse o continente do globo. Huma pescaria de arenque era para a Hollanda a mais importante de todas as expedições maritimas, e com effeito os arenques de fumo erão para os infelizes Batavos as verdadeiras minas de ouro: mas os decretos de Luiz Buonaparte terão obstruido, e intupído estas importantes minas para que algum pescador não se communique com os Inglezes, como aqui faz o Vandalo Junot com os pobres pescadores do Seixal. O ouro das minas de Catapreta póde ser muitas vezes hum sinal esteril, e o arenque he huma realidade fecunda. Os Hollandezes em lugar de verem suas riquezas inundadas, e banhadas com o suor, com as lagrimas, e com o sangue do escravo, as recebião da audacia do homem livre, e em lugar de precipitarem continuamente desgraçadas gerações nos abysmos, e voragens da terra, formárão homens robustos, marinheiros intrépidos, nave-

tragedias, nem comedias, nem epigrammas: mas tinha ainda peiores qualidades, e mais perniciosas manhas, atacou todos os governos, e tratou a todos com igual severidade; não se divertia em ridicularizar os homens, mas sim em os esmagar. Se o mesmo Voltaire houvera lido com attenção o incendiario livro composto pelo Sr. abbade, a que chamou « Do cidadão » titulo que não era novo, pois já tinha apparecido em o livro de Hobbes, se o tivera analyzado bem, e conhecido as consequencias da doutrina, que nelle se encerrava, bem poderia ir vender no mesmo instante a quinta de Ferney com todas as suas annexas, para despejar bem depressa a França que o dito livrinho sem dúvida revolucionou, e arruinou de todo. Nelle acharão as cabeças dos Francezes a origem de todas as suas vertigens, e com elle nas mãos descarregárão os primeiros golpes em todas as instituições sociaes, e eu posso dizer, que elle he a causa primaria de todas as desgraças que os miseraveis France-

zes estão soffrendo, desgraças mais pezadas, que as que suportão as outras nações, que elles tem procurado subjugar.

Ora Voltaire, que até era vão com os titulos de nobreza, e que se pagava muito da chave de camarista do rei da Prussia, sempre defendeo, louvou, e incensou muito a authoridade soberana, cantando Henrique IV.º; e diz á bocca cheia em muitos lugares de seus frivolos escriptos, que respeitava o dominio monarquico, com tanto que fosse razoavel. E com effeito se Voltaire houvera sido ministro, teria pregado com os ossos de Mably dentro de huma enchovia da Bastilha, porque Voltaire, péssimo como era, nunca amou nem a democracia, nem a canalha, nem a anarquia. O que elle mostra desejar em algumas tiradas politico-moraes, era hum governo sábio, illuminado, em que os homens dados ao estudo das letras tivessem a preponderancia, posto que querer governar por filosofia, he dar com o mundo de pernas ao ar. Voltaire não teve como Mably a rai-

va, ou o furor das revoluções, e forão muito mal collocados seus ossos no Pantheon entre os do mestre Jaques, e os do faccionario, e revoltoso Mirabeau. Mably pregava revoluções a quantos encontrava; era da escóla, da companhia, e da amizade de Jaques; e Jaques escreveo muito mandado, e açulado por Mably, apostolo da fantastica igualdade. Voltaire era amigo das distinções, e das gerarquias; era apaixonado da pompa, e do luxo; e tanto, que até mandou pintar o tecto da sua carruagem, com tantos velorios que representava hum Ceo estrellado, com huma grande Lua cheia; por isto as elegantes, e espivitadas de París lhe chamavão Mr. do Empyreo: apezar disto deixárão viver em paz a Mably, e perseguirão dentro, e fóra de França o miseravel Voltaire; duas vezes o pozerão á sombra na Bastilha, queimárão-lhe a Pucelle por mão do algoz, e até depois de estabelecidos os Prytaneos, e Atheneos, e de estar Chenier acclamado presidente do instituto, se disse, que os contos de Voltai-

re., suas tragedias, e diatribas erão, e tinhão sido o verdadeiro arsenal de Robespierre.

Quem não conhecer os Francezes com razão se deve espantar desta insolente perseguição. O espirito revolucionario de necessidade devia não só tolerar mas applaudir, e divinizar o monstro Mably, porque descaradamente em todas as suas obras, ou implicita, ou explicitamente atacava os reis, e os ministros; a huns chama despotas, a outros imbeciles; mas em todas as suas instituições politico-civis os parlamentos, e a nobreza conservão seus lugares, e em todas as suas controversias sempre o povo fica fóra da questão, povo que elle quiz fazer soberano, e que tão escravo veio a ficar, que nem olhos para vêr, nem ouvidos para ouvir, nem bocca para fallar, lhe tem deixado Buonaparte.

Eis-aqui os motivos da voga, e da estima que tiverão os escriptos de Mably, e porque elle foi tão honrado em vida; posto que agora já conhecem os Francezes toda a inutilida-

de das theorias revolucionarias, que não produzírão o effeito proposto; elles ficárão peiores, e mais escravos do que erão, e o chamado povo rei ficou transformado em hum rebanho estupido, que o carniceiro Buonaparte conduz a seu sabor ao degoladoiro. Mas as revoluções vem de Deos, que permitte, ou ordena a queda dos imperios, segundo lhe apraz; e os publicistas, os filosofos, os encarniçados Mablys com toda a magia de suas obras, com todo o veneno de seus paralogismos não pódem deslocar hum grão de mostarda na escala dos entes, e dos acontecimentos. Juliano tinha ainda mais dialectica que Mably, e mais impeto oratorio que Mirabeau, quando escreveo contra o que elle chamava superstições christãs, e apezar disto a religião não interrompia jámais o fio das suas conquistas: eis-aqui porque os filosofos ficárão confundidos, e o povo Francez bem castigado.

SOLILOQUIO XCIV.

Huma noite serena, e tranquilla, e doce, e suavissimo clarão da prateada Lua entre milhões de scintillantes estrellas, e o fundo azul dos Ceos em que parecem engastadas, occupão mais deliciosamente a minha alma, e despertão em meu coração mais vivos, e variados sentimentos, que o mais pomposo, e magnifico espectaculo que a arte, o estudo, ou industria dos homens possão inventar. No meio deste sobre-humano prazer, dirijo aquella natural curiosidade, e tendencia que temos a descobrir objectos, que nos admirem, á indagação daquella verdade, que em nós aperfeiçôa, e pole as faculdades intellectuaes, e moraes, que he o fim para que o ser supremo nos dotou daquella curiosidade, e tenden-

cia: e na verdade, nada me parece, nem ha tão digno, e tão proprio do homem, como a contemplação da natureza. Pelos effeitos se conhece a causa com seus attributos, e o universo para o attento observador, he hum espectaculo, no qual o bello, e o sublime dirigido a huma unidade pasmosa se manifesta a cada passo. He immenso, he vario, e até he incalculavel o número dos seres, que habitão, e povoão este vasto edificio. Todos gozão de huma possivel felicidade relativa, e são sempre admiraveis as relações intimas, e os estreitos vinculos que unem humas partes ás outras. Huma parte suppõe necessariamente a existencia de outra. A dos animaes frugivoros suppõe a dos vegetaes, que os alimentão; e he coisa notavel, nenhuma especie muda jámais o vegetal destinado por huma lei invariavel á sua nutrição; com este vegetal he contente, satisfeita, e feliz na propria condição, e no proprio estado. O ár, e os outros elementos neste globo são tão apropriados á natureza, e organização de cada

ser sensivel destinado a habitar o mesmo globo, que lhe tornão por extremo grata, e aprazivel a propria existencia. Por isto a existencia fysica do homem está ligada, e concatenada com a dos vegetaes, e dos animaes. A anatomia nos mostra, que a estructura do olhó he precisamente apropriada á luz, e ás suas refracções nos animaes terrestres, como em os aquaticos, a refracção da luz naquelle elemento, e a vivacidade, e energia em seus movimentos, manifestão o prazer que sentem na existencia. Da mesma maneira a estructura do ouvido he tão apropriada ao som, e harmonia, que nenhum sentido póde jámais supprir a falta de outro sentido, nem se poderão jámais misturar, ou confundir: cada hum tem sua organização, e seu fim, e sua particular estructura he o meio conducente a este fim. Oh prodigio! Minha alma se levanta, e se dilata na sua contemplação! Desde que emprego, e detenho os olhos neste insigne espectaculo se acabárão para mim os livros. Tarde acordei! Choro os momentos

occupados em frivolos estudos: o esteril methodo das escólas encadeou as minhas idéas, roubou-me o prazer mais puro, e estranhamente me desviou da estrada da felicidade! O homem násceo para contemplador. O supremo artifice traçou este quadro para o vêr, e não para o entender. A soberba quer penetrar os véos, que escondem sua interna estructura. Basta a admiração da sua belleza para satisfação plena do espirito. Todos os systemas de filosofos são méras hypotheses, e na contemplação da natureza valem mais os sentidos, que o entendimento.

Huma combinação fortuita, o acaso em huma palavra, não opera com tanta sapiencia, magisterio, direcção, e conselho encaminhado á felicidade, e harmonia combinada de hum todo. Isto repugna ao sizo commum, e á nossa natural dialectica, e esta desordem, e confusão de idéas não he mais que a prova convincente da pequenhez, e fraqueza humana, e hum claro desengano para o orgulho filosofico.

SOLILOQUIO XCV.

Estes scintilantes pontos, e suavissimas safiras, que bordão o manto da noite, ou recamão estes estendidos véos do firmamento, são outras tantas estrellas fixas. Vivissimo esmalte, e encantadora perspectiva! Seu número he infinito, os mesmos vidros polidos por Dolond, não são instrumentos capazes para as discernir todas. Os Chaldeos, convidados da serenidade do ár, e da tranquillidade de suas noites, fôrão os primeiros observadores. Quanto me comprazião n'outro tempo os livros do immortal, mas desgraçado Bailly, victima da revolução. Elle pôde conduzir pelo immenso fio dos seculos a historia da astronomia: deriva dos Chaldeos nos tempos successivos os melhores astronomos, e aquelles filosofos, que se es-

palhárão por todo o Oriente chamados Magos. Os Chaldeos começárão a marcar com destinção doze grupos destas estrellas, a que chamárão constellações, vocabulo que significa muitas estrellas combinadas em hum dado espaço de Ceo, cuja apparição lhes servia de indicio para regularem a mudança das estações, e de norma invariavel para sua simples, e grosseira agricultura. Estas constellações de estrellas formárão depois os doze Signos, denominados do Zodiaco. Os Egypcios avezados a symbolizar todas as coisas, servindo-se destes symbolos como nós nos servimos da escriptura, fôrão imitados pelas outras nações, e esquecendo-se pouco a pouco de seu primitivo significado, derão principio, e fundamento á mythologia, e impozerão á maior parte daquellas constellações o nome de alguns animaes, por isso fôrão chamados Signos do Zodiaco, que quer dizer, circulo de animaes. Entre o número immenso das estrellas fixas, existem as polares, as quaes fôrão as primeiras directoras da mais

util, e arriscada de todas as artes, a nautica. Thales, mil annos antes da era vulgar, foi o que ensinou aos Gregos o uso das estrellas polares, ou ursa menor. Estas fôrão os seguros fanaes para os navegantes até ao anno de 1101, em que se fez a memoravel descoberta da espantosa qualidade da Calamita, e sua direcção ao pólo; aperfeiçoárão os Portuguezes esta descoberta em 1400, com ella começárão a ser, o que já não são, nem serão, senhores privativos de toda a extenção dos mares.

A via lactea, observada com o telescopio, he hum montão infinito de estrellas fixas, que se nos tornão quasi invisiveis pela sua enormissima distancia. E proferirei eu hum paradoxo, se disser, que todas estas estrellas fixas são outros tantos Soes, os quaes não recebem luzes do nosso Sol, bem como os nossos planetas, porque não entrão em nosso systema solar, mas resplandecem com luz propria ao centro de outros systemas, e que são de huma grandeza superior á do nosso Sol, para se nos tornarem visi-

veis em tão enormes distancias, em torno dos quaes girão diversos corpos opácos, que reflectindo a luz que de seu Sol recebem, com mais, ou menos força se nos tornão visiveis? Eis-aqui huma fertilissima materia, que occupa minha imaginação, quando contemplo aquelles scintillantes pontos, cujo espectaculo me enche de tanto prazer.

Mas pouco mais abaixo destas estrellas fixas, ou Soes, e do todo o cortejo de planetas de que estão cercados, se apresenta o nosso Sol com diversos globos, cujo número he incerto, entre os quaes estão os planetas até agora descobertos, que com o globo que habitamos tem este Sol por centro commum de suas periodicas revoluções. Os planetas principaes, que conhecemos em nosso systema, tem outros secundarios, os quaes girão em torno do primaro, e o acompanhão como satellites em seu curso annual em torno do Sol. Copernico, nativo de Thorn na Polonia, e conego na igreja de Vorsm em o século XV.º, foi o primeiro depois dos anti-

gos, e entre estes Pythagoras, que estabeleceo o Sol por centro immovel de nosso systema, em torno do qual girão os planetas, e a nossa terra. O descobrimento do telescopio começado casualmente em o brinco de dois rapazes, filhos de hum vidraceiro de Middelbourg na Ilha de Zelandia, e aperfeiçoado, deo gloria a Galileo, célebre astronomo do grão duque de Toscana, que apoiou a certeza do systema de Copernico, mostrando, que o Sol he centro, e que girão em torno delle os planetas, em cujo número existe indubitavelmente a terra.

As observações da moderna astronomia mostrão, que aquelles cometas que de tanto espanto, e sinistro agouro servem ao povo, não são mais que planetas, cujas apparições estão calculadas em determinados periodos de tempo. Tem-se descoberto 81 destes grandes corpos que entrão em nosso systema solar; e Halley se persuadia, que o famoso cometa de 1680 era o mesmo que tinha apparecido na morte de Cesar, comparecendo sempre

no espaço de 574 annos. Segundo o cálculo de Euler, o periodo do luminoso cometa de 1769 seria de 449, ou 519 annos.

FIM.